FUNDADOR JOAQUIM MANSO — SÁBADO, 23 DE MAIO — ANO 39.º — NÚMERO 13 094

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE S.
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

"Aguentar! Aguentar! E nada mais é preciso para que amaine a tempestade e se nos faça justiça"

— afirmou o sr. prof. dr. Oliveira Salazar no discurso que proferiu perante os dirigentes da U. N.

Terminou esta tarde, na sede da União Nacional, a reunião dos presidentes das comissões distritais do continente daquela organização. Presidiu aos trabalhos o sr. dr. Castro Fernandes, presidente da comissão executiva, ladeado pelos respectivos vogais, srs. dr. António Pinto de Mesquita, eng.º Vargas Moniz, comandante Henrique Tenreiro e Costa Brochado.

A meio da tarde, os dirigentes da União Nacional reuniram-se com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar, que preside á comissão central e a quem os representantes das restantes comissões apresentaram cumprimentos.

O Presidente do Conselho, que chegou ás 17 e 58, era aguardado á entrada do edifício pelos membros da comissão executiva, pelo comandante da P. S. P. de Lisboa e pelo director da P. I. D. E.

Conversando animadamente com os srs. dr. Castro Fernandes e comandante Henrique Tenreiro, o sr. prof. dr. Oliveira Salazar subiu lentamente as escadas que levam ao segundo piso, onde repousou cerca de dez minutos, no gabinete do presidente da comissão executiva. Entretanto, foram-lhe apresentados os novos presidentes das comissões distritais da U. N.

Um quarto de hora depois, o Chefe do Governo entrou no salão nobre, onde foi aplaudido por cerca de meia centena de componentes das várias comissões daquela organização política.

O sr. Presidente do Conselho sentou-se a uma mesa colocada em frente de uma pequena estante, onde se reunem, preciosamente encadernados, volumes dos Pareceres de Contas do Estado, e de outras publicações.

À sua direita, sentaram-se os srs. dr. Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, e coronel Arnaldo Schulz, ministro do Interior, que regressara pouco antes do Vale do Sorraia, onde fora assistir a parte das cerimónias inaugurais daquela grandiosa obra de hidráulica agrícola. À esquerda sentaram-se os srs. drs. Supico Pinto, presidente da Camara Corporativa, e Castro Fernandes.

Abriu a sessão o presidente da comissão executiva da U. N., que proferiu a seguinte saudação:

«As Comissões da União Nacional, aqui representadas, saudam o seu Chefe. Confiadas, disciplinadas — devotadamente.

Nenhum corpo vivo se concebe sem cabeça ou centro directivo e disciplinador. A Pátria é o corpo vivo de todos nós. Sem Chefe, transviados seriam — como foram — os seus passos.

E' grande o caminho andado; mas poderá ainda ser maior o que andaremos, seguindo a rota e o traçado que devemos á doutrina, ao exemplo e á acção de V. Excelência. Temos de seguir e prosseguir. Com Salazar! Sempre com Salazar!»

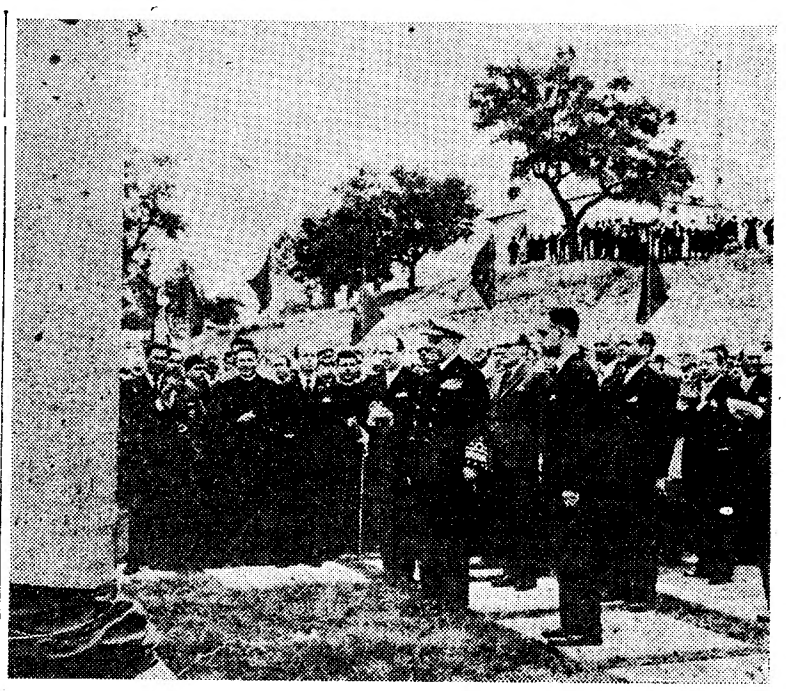
Captado por oito microfones e sob os focos dos projectores da TV, o Chefe do Governo pronunciou, então, o seguinte discurso:

O discurso do Presidente do Conselho

«*Meus Senhores:* — Julguei que podia ser util aproveitar a presença em Lisboa dos presidentes das comissões distritais da União Nacional para dizer-lhes uma palavra sobre o momento político e sobre alguns problemas de governo.

De política, ou, melhor, da pequena política doméstica, falarei pouco, além do mais porque os meses que temos passado, de agitação, exacerbação de paixões e incitamento á sublevação e á desordem social devem ter sido suficientes para convencer o maior numero da sua esterilidade, ou do seu risco. Se o Governo estagnasse, deixando-se desviar dos seus planos de acção, e as instituições fraquejassem na sua estrutura e no seu la-

(Continua na 15.ª página)



O Chefe do Estado, depois de descerrar o obelisco comemorativo da inauguração da barragem de Montargil, ladeado pelos membros do Governo e pelas outras individualidades que o acompanharam

A obra de rega do Vale do Sorraia que engloba as barragens de Montargil e Maranhão *e beneficia terreno de cinco concelhos* foi esta tarde inaugurada pelo Chefe do Estado

MARANHÃO, 23 (Pelo telefone) — A inauguração da vasta obra de rega do Vale do Sorraia, que abrange 15.354 hectares e um conjunto notável de melhoramentos acessórios, classificada como a mais importante no seu género, de todo o território nacional, fica assinalada hoje pela presença do sr. Presidente da Republica, que se deslocou expressamente de Cascais ao distrito de Portalegre, para pôr em funcionamento as turbinas das barragens de Montargil e do Maranhão.

Acompanhado dos componentes da sua Casa Militar, o sr. almirante Américo Tomás envergando a farda de marinha chegou, ás 8 e 50, á Rotunda da Encarnação, em Lisboa, onde era aguardado pelos ministros do Interior e das Obras Publicas, secretário de Estado da Agricultura, subsecretário de Estado das Obras Publicas, directores-gerais dos Serviços Hidráulicos e dos Serviços Agrícolas, secretário nacional da Informação, comandante-geral da P. S. P., director da P. I. D. E. e vários funcionários superiores dos referidos departamentos do Estado. Organizou-se então um cortejo em direcção ao local das obras.

Em Vila Franca de Xira, o supremo magistrado da Nação recebeu cumprimentos do respectivo presidente do Município, tenente Sousa Nazaré, e dos presidente e vogal da Associação de Defesa da Lezíria daquela região, srs. eng.º Lamas de Oliveira e dr. Francisco Calheiros, e de muitas outras personalidades. O cortejo atravessou a vasta planície ribatejana, entre Vila Franca e Porto Alto, submetida a grandes beneficiações de defesa e enxugo, incluídas no Plano de Fomento, com a assistência da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos e a execução da mencionada Associação de Defesa. Esta obra será em breve completada com a construção de estações elevatórias de águas doces do Tejo e redes de canais para a rega da área da lezíria, que abrange 11.000 hectares.

Entre expressivas aclamações do povo que se juntou ao longo das estradas e nas diversas localidades, ornamentadas com dísticos de saudação e bandeiras de multiplos formatos, o cortejo presidencial seguiu para Samora Correia, de onde, desde logo, se descortinou toda a grandiosidade da obra. Ali, atravessou-se o canal que liga a Benavente, já próximo de Salvaterra de Magos, e á respectiva várzea, que, para montante, se estende até á lezíria vila-franquense, Coruche, Couço, Mora, Cabeção e zonas vizinhas, regadas directamente pelas novas barragens.

No percurso, destacavam-se os dísticos: «A exploração agro-pecuária necessita de mais vias de comunicação» e «Bendita água que dá pão».

Um bairro de 30 casas para pobres inaugurado em Benavente

Cerca das 10 horas, a comitiva chegou a Benavente, onde foi recebida com calorosas manifestações, entre morteiros e foguetes, fazendo ali uma paragem de 15 minutos, suficiente para o Chefe do Estado

(Continua na 11.ª página)

Nota do dia

Á LUZ DA CANDEIA

Inaugurou-se há pouco, com a solenidade requerida pela importancia do empreendimento, a central hidroeléctrica de Picote. O caudal do rio Douro, que corre junto á fronteira trasmontana, vai produzir nada menos de mil milhões de quilovátios-hora por ano que contribuirão para o progresso de uma grande parte do País. O espírito simplista da gente de Trás-os-Montes, que não está, evidentemente, a par dos esquemas técnicos a que obedece a distribuição do fluido eléctrico, não compreende que, produzindo-se a energia na sua terra, ela vá beneficiar outras regiões, e uma grande parte da provincia continue a ser a zona negra a que ontem se referiu o sr. dr. Sá Alves na Assembleia Nacional. Afirmou aquele deputado que «o distrito de Bragança é o mais atrasado da Metrópole e o seu lugar é o mais baixo na escala do progresso material». Com efeito, um simples confronto com os outros distritos basta para avaliar a situação de penuria em que vive uma grande parte da população do Nordeste trasmontano, obrigada a emigrar para o Brasil ou para os grandes centros urbanos por não encontrar na sua terra os recursos que lhe permitam viver. As esperanças do sr. dr. Sá Alves, e as da sacrificada população trasmontana, voltam-se agora para o II Plano de Fomento, esperando que ele active a electrificação rural do distrito, que não se deve fazer esperar, de modo que os trasmontanos não continuem a olhar com desgosto para os cabos de alta tensão que passam sobre as suas casas, iluminadas ainda a candeias de azeite, como no tempo do morgado da Agra de Freitas (Calisto Eloi de Silos e Benevides de Barbuda), que Camilo imortalizou na «Queda dum anjo».

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

A Alemanha Federal não receberá dos Estados Unidos engenhos nucleares estratégicos — foi garantido a Gromyko em Genebra

GENEBRA, 23.—A décima sessão da Conferência de Genebra foi a mais curta de todas. Durou uma hora e dez minutos e não trouxe nada de novo. Falaram os quatro ministros dos Negócios Estrangeiros, mas nenhum se alongou.

Os ministros ocidentais completaram a exposição desenvolvida dos vários aspectos do plano ocidental, e pediram a Andrei Gromyko que tomasse esses aspectos em consideração. Selwyn Lloyd falara anteontem do aspecto «reunificação alemã». Christian Herter falou ontem do aspecto «desarmamento e segurança». Couve de Murville referiu-se á «solução do problema de Berlim». Foi esta, aliás, a primeira vez que um dos ministros ocidentais se referiu em sessão ao problema de Berlim.

Depois dos ministros ocidentais, falou o ministro russo. Sugeriu que se passe agora ao estudo das questões concretas do tratado de paz, mas, bem entendido, tomando para base de estudo o plano soviético. Em todo o caso, e para manifestar espírito de conciliação, o delegado russo propôs por sua própria iniciativa que se emende o artigo do projecto russo que se refere á participação da Alemanha Ocidental em organizações económicas inter-

(Continua na 14.ª página)

2.ª TIRAGEM

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Acordo comercial
entre Portugal e Marrocos

Pelos drs. Gonçalo Caldeira Coelho e Tahar Mekouar, encarregado de Negócios do Reino de Marrocos em Portugal, foi assinado, em Lisboa, um acordo comercial entre os dois países, que será valido até 30 de Abril de 1960, e que tem por fim «favorecer, em toda a possível medida, as trocas comerciais». Os respectivos produtos beneficiarão, á entrada no outro país, de direitos de alfandega não mais elevados do que aqueles que são aplicados ás importações provenientes de qualquer outro país. Tais disposições não se aplicarão aos «favores especiais» concedidos, ou a conceder, pelos dois países, ou que lhe são impostos por compromissos.

Uma comissão mista, composta de representantes dos dois Governos superintenderá na aplicação do acordo, que tem anexas quatro listas: das exportações marroquinas com destino a Portugal e vice-versa e das exportações marroquinas com destino ás nossas províncias ultramarinas e vice-versa.

Encontros profissionais
de pessoal da Força Aérea

Prosseguindo na efectivação do seu programa de «Encontros de formação profissional», a direcção do Serviço de Intendência e Contabilidade da Força Aérea marcou o sexto encontro para hoje.

Os elementos que ali trabalham começaram por ser recebidos pelo dr. Almeida d'Eça, director dos Serviços de Abastecimento da Camara Municipal de Lisboa, visitando o Matadouro Municipal, nos Olivais.

O dr. Filipe Morgado Romeiras, chefe daquele serviço, fez a sua descrição sumária, explicando, perante plantas, fotografias e dados estatísticos, a instalação do Matadouro-Frigorífico e a organização dos trabalhos que ali são executados.

Em seguida, houve uma demorada visita a algumas camaras de refrigeração e congelação, nos quatro pisos, e aos condensadores e ao comando da central do frio.

Deste, como de todos os encontros, será elaborado um relatório, com as impressões e as observações dos oficiais designados para tal missão.

A próxima reunião
do Rotary Clube de Lisboa

Na reunião da próxima terça-feira, ás 13 horas, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, o dr. José Maria Bravo fará uma palestra sobre «O problema da caça em Portugal».

LINDAS CACHEMIRAS E IMITAÇÕES.
VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.
TECIDO ALVINIZ
Largo do Carmo

TRAFARIA
Todos os domingos partidas do CAIS DO SODRE de hora a hora das 7.30 ás 17.30

FRUTLANDIA, LDA.
AVENIDA DUQUE DE AVILA, 8-D
Telefone 48844
(ao Arco do Cego)
Casa especializada em:
Frutas frescas — Conservas — Charcutaria — Vinhos finos — Licores
REABRIU COM NOVA GERENCIA

O primeiro à volta do mundo com aviões a jacto!

Os jactos da BOAC já circundam o globo, sendo a primeira companhia no mundo a fazê-lo com aviões a jacto.

Os *Comet* 4 accionados com motores Rolls-Royce, ràpidamente o transportam através do Atlântico, e providenciam para que o serviço entre Londres e o Extremo Oriente seja mais rápido do que nunca.

Os *Britannia* a jacto estão já em serviço para os E. U. A., Canadá, Caraíbas, Venezuela, Europa, Médio Oriente, África, Paquistão, India, Ceilão, Singapura, Malaia, Burma, Tailandia, Hong-Kong e Austrália.

Brevemente haverá serviços *regulares* pelo *Britannia* entre S. Francisco* e Tóquio via Honolulu — completando assim a ligação pelo Pacífico e fazendo com que a BOAC seja a primeira companhia de aviação a oferecer o supremo conforto a jacto à volta do mundo.

*Sujeito à aprovação Governamental.
Tome o *Comet* 4 da BOAC em Londres, Franquefort, Zurique ou Roma.

Consulte o seu agente de viagens ou a British European Airways, Avenida da Liberdade, 23-27 Lisboa — Tel.: 3 09 31/2/3

B·O·A·C

A COMPANHIA COM MAIOR EXPERIÊNCIA EM AVIÕES A JACTO NO MUNDO

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ABRANTES e ALFERRAREDE por intermédio de CASACA & MARTINS.

Albano Garcez, L.da
fundada em 1910
Armazenistas de: drogas, tintas, produtos quimicos e grande variedade em insecticidas «ANALISITE CEAL», continua a receber as prezadas ordens dos seus dedicados clientes
Rua do Comercio, 12 e 14
Telefone 26498

TEM DORES, PORQUE NÃO TEM
CORYPHEDRINE Specia
CAIXINHAS DE 1 COMPRIMIDO: $60 TUBO DE 20 COMPRIMIDOS: $840

Engenheiro mecânico
Admite-se, em grande empresa industrial nos arredores de Lisboa, com bastante prática (Idade: cerca de 35 anos). Resposta ao n.º 480.

De ontem para hoje

O LOBO COM PELE DE CORDEIRO

ANDA uma história de boca em boca, para os lados de Fornos de Algodres. Passou-se com o lavrador Manuel de Oliveira (30 anos, solteiro) que ia sossegado a caminho da sua casa, quinta do Monte, lugar das Batoqueiras. Nisto, assalta-o ao caminho um lobo nédio, anafado, luzidio e gordo. O Manuel de Oiveira sustou a respiração. Suou, fez-se branco e das cores do arco-iris, tremeu e perdeu a fala. O lobo, muito mansinho, roçava-lhe o lombo nas calças e como um cão fiel e respeitoso, seguia-o a curta distancia. Sem alterar o passo, o Oliveira seguiu. Seguiu a caminho de casa, durante largos minutos. Quando chegou ao lar, transpôs de um salto a cancela, fechou a porta da rua, caiu num banco sem fala. Quando a família o achou, Manuel, perdido o medo, pôde, enfim, explicar-se. Então, correram á rua, buscando a fera amansada. Muitos a tinham visto por ali. Mas ninguém se atrevera a disparar. O lobo, de pele de cordeiro, tinha a barriga bem cheia, muito se parecendo no seu comportamento, com o homem. Não é a fome que lhe arreganha o dente?

FEIXE DE NOTICIAS

O Chefe do Estado agraciou com o grau de comendador da Ordem de Benemerência os srs. major José de Ornelas Monteiro e António Augusto de Macedo. A entrega das insignias foi ontem feita pelo sr. almirante Américo Tomás, numa cerimónia simples como convinha ao acto.

*** Antonio de Magalhães (Nogueira, Cabeceira de Basto) estava a tirar esterco com o gadanho e o neto sempre a meter-se-lhe na frente: «Tira-te dai, menino!» Nisto, o gadanho apanhou-o na cabeça, o menino (4 anos, filho de Bernardino Magalhães) caiu prostrado. E o avô sofreu tanto e tanto se desvairou com a morte do netinho adorado, que se atirou ao rio Tamega. Salvaram-no da morte (que não da dor) familiares e amigos que acudiram.**

*** Para a estatística das vitimas do transito: na Marinha Grande, o ciclista António Barros Correia Pequeno (20 anos, natural da Batalha) ia em grande velocidade, chocou com uma furgoneta e morreu pouco depois; em Cete (Senhora do Vale) o marceneiro Faustino Loureiro dos Santos (70 anos), Ponte das Areias) caiu da bicicleta e ficou em estado grave; em Famalicão (lugar de Canos da Rua, lugar fatídico, assinalado por graves desastres) um automóvel derrapou, galgou um muro e «voou» 22 metros. O condutor (Alberto Pires Baptista, empregado de escritório no Porto) e os seus três acompanhantes ficaram gravemente feridos.**

*** No lugar de Azenha Velha (Riba de Ave) um barquito que navegava no Ave voltou-se, com dois rapazes, José Vieira, de 18 anos, e Abel Dias Sampaio, de 12. O Vieira, a muito custo, porque sabia nadar, salvou-se. O Abel, levado pela corrente, pereceria, se não lhe vale Manuel Ribeiro Alves (17 anos, filho de António Pereira Alves) que se atirou á água, salvando-o de morte certa.**

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o governador civil e provedor da Misericórdia de Setubal; capitão-de-mar-e-guerra Carlos Gomes de Amorim Loureiro e Émile Marini. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o ministro do Exército; secretário nacional da Informação; governador civil de Lisboa; comandante-geral da Guarda Nacional Republicana; comandante-geral da Polícia de Segurança Pública; inspector superior das Alfandegas do Ultramar; prelado doméstico de Sua Santidade, chanceler da Curia Patriarcal de Goa e Damão; Saul Ferreira Pires, delegado do «Comité» Internacional Olimpico em Portugal; eng.º agrónomo António César Ferreira e pintor Fernando dos Santos. * No lugar de Casal Novo (Paião) caiu a um poço e afogou-se o proprietário Manuel Rolo, de 49 anos; também no lugar de Samarra (Abrantes) morreu afogada Maria de Jesus Ramos, de 61 anos.

A REUNIÃO
da Associação Internacional de Segurança Social

Terminaram hoje, nos salões do Palácio Foz, os trabalhos da Associação Internacional de Segurança Social cujos participantes debateram assuntos de grande importancia no campo da sua especialidade. A's 20 e 30, no castelo de S. Jorge, o sr. ministro das Corporações e Previdência Social oferece um jantar aos participantes da reunião.

Amanhã haverá uma visita aos arredores de Lisboa, ao norte do Tejo.

«Inválidos do Comércio»

No prosseguimento das comemorações do 30.º aniversário da fundação de «Inválidos do Comércio», realiza-se amanhã, ás 15 e 30, na Casa de Repouso daquela instituição, uma tarde artística organizada pelo actor Constantino de Carvalho, com a cooperação do artista Luís Peixoto.

Movimento diplomático

Vai ser transferido para a embaixada de Portugal em Copenhague, o segundo-secretário de legação, sr. dr. José Manuel de Noronha Gamito.

Foi apanhada por uma automotora numa passagem de nivel uma furgonela cuja proprietária morreu

CARREGAL DO SAL, 23 *(Pelo telefone)*.—A automotora da Guarda a Coimbra, que aqui deve passar pelas 7 e 5, colheu esta manhã, na passagem de nível para Alvarelhos, uma furgoneta da sr.ª D. Maria da Soledade Nuncio e conduzida por seu marido, sr. José Soares Mendes Nuncio, negociante de sardinhas.

Aquela senhora teve morte imediata, e o marido foi transportado pela ambulancia dos Bombeiros Voluntários ao Hospital de Viseu, em estado muito grave.

O desastre deu-se ao que parece, pelo facto da automotora passar com atraso e por falta de atenção do condutor da furgoneta que, imprudentemente, atravessou a passagem de nível que, aliás, não tem vedação. A furgoneta foi arrastada pela automotora cerca de 200 metros, espalhando-se as sardinhas pelo percurso e ao mesmo tempo que o veículo se ia desfazendo. Os passageiros da automotora nada sofreram, além do susto.

Está a ser reprimida a especulação no preço do peixe

Os serviços de fiscalização da Intendência Geral de Abastecimentos, que mantém activa vigilancia sobre os preços de venda de peixe ao publico, tem verificado, não só pequenos excessos de preço, como abusos pelos quais foram autuados alguns vendedores, em Lisboa, nos Mercados Municipais de Arroios, Chão de Loureiro, 31 de Janeiro, Santa Clara, Benfica, 24 de Julho, Forno do Tijolo e Xabregas; e ainda em Evora, Elvas, Vila Pouca de Aguiar, Cascais e Algueirão.

Por participação da Polícia Municipal, estão ainda, em instrução vários processos contra vendedores, em peixarias e mercados da capital; e foram condenados em tribunal, por especulação nos preços de venda, entre outros, Eugénia Conceição Nunes, em 6 meses de prisão, remiveis a 60$00 por dia, e 800$00 de multa e imposto; Herculano Conceição Loureiro, em 5 meses de prisão, 40$00 e 600$00 de multa e imposto; Beatriz Marques Amaral e Miquelina Rodrigues da Silva, 2 meses de prisão, 30$00 diários, e 600$00 de multa e imposto; todos do Mercado de Sintra; Natalina dos Santos Silva, do Mercado do Cacém, em 60 dias de prisão, 30$00 por dia, 750$00 de multa e imposto, e 100$00 de indemnização á cliente; Maria Helena Oliveira, do Mercado do Forno do Tijolo, 40 dias de prisão, 30$00 diários e 200$00 de multa e imposto; e Emília Marques, do Mercado de Alvalade, 25 dias, 20$00 por dia, 850$00 de multa e 500$00 de imposto.

— Estão em averiguções queixas relativas a abuso de preços no serviço de leite pasteurizado em «cafés», pastelarias e estabelecimentos similares da capital.

AINDA A ELEIÇÃO
da direcção da Associação Académica de Coimbra

A propósito da eleição, recentemente realizada, dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra, publicámos a notícia de que «a direcção transacta fora demitida na ultima reunião da assembleia geral, sob o fundamento de irregularidades e violação dos preceitos estatutários sobre neutralidade política e religiosa».

Esclarece-nos o presidente daquela Associação que não foi a assembleia magna (e não assembleia geral) que demitiu a direcção. Foi esta que deliberou considerar-se demitida porque a Associação estava a envolver-se — por intermédio da assembleia magna — em actividades que, no seu entender, eram antiestatutárias.

ABC

EMPRESA TEATRAL A B C, LDA. — TEL. 366745

José Miguel apresenta **HOJE** Às 20,30 e 22,45 em **ESTREIA**

Lina Belmonte | Raul Solnado | Berta Loran | José Viana | Leónia Mendes | Aida Baptista | M a x | Maria de Fátima Bravo | Carlos Coelho

Yola — MARIANO — CONCEIÇÃO — GRAZIA — FANNY — MAGDA — GIPSY — MARIA DA NAZARÉ — MANUELA MARIA — DANIEL GARCIA — Paulo

NA REVISTA DE NELSON DE BARROS E JOSÉ VIANA, COM MUSICA DOS MAESTROS JOÃO NOBRE E JOÃO DE VASCONCELOS

MULHERES À VISTA!

UMA ATRACÇÃO BRASILEIRA — UMA VEDETA DAS REVISTAS DA ITÁLIA — QUATRO ESTRELINHAS DO CINEMA ITALIANO — TRÊS ATRACÇÕES NACIONAIS DE CATEGORIA INTERNACIONAL — Para adultos maiores de 17 anos — Encenação e Direcção de Cena de **CARLOS COELHO** — Direcção Musical do maestro **JOÃO DE VASCONCELOS** — Direcção Coreográfica de **MARIANO FRANCO** — Direcção de Montagem de **MANUEL LIMA**, com a colaboração do mestre maquinista **VERISSIMO SANTOS** — Figurinos de **PINTO DE CAMPOS, MANUEL LIMA** e **MÁRIO ALBERTO** — Maquetes e cenários de **MANUEL LIMA, PINTO DE CAMPOS, MÁRIO ALBERTO, VELES DE LIMA, VITOR REBOCHO** e **JOSÉ ARAUJO** — Contra-regra, **António Assunção** — Ponto, **Vicente Soares** — Electricista, **Armando Silva** — Colaboração de **João Lopes** — **TINTAS DA FABRICA EXCELSIOR — PELES DA FABRICA ESTRELA M L**

LOTAÇÃO ESGOTADA * BILHETES À VENDA PARA AMANHÃ E DIAS SEGUINTES * AMANHÃ, 1.º ESPECTÁCULO À TARDE, ÀS 16 H.

O ELENCO MAIS SENSACIONAL DO ANO
A ESPANTOSA NOVIDADE

A atracção mais famosa em transmissão de pensamento

GULMAR y ANA ELSA

prodigiosa revelação de um estranho poder oculto

A escultural e arrebatadora vedeta

MILY ZUINIGA

em «mambos» que deixam os nervos em brasa...

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS Maiores de 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

CARMEN XARRIÉ y ALFONSO LINARES

CINCO BRIZAS DE ESPANHA

HERMANOS RUIZ

NO SALÃO TÍPICO:
ADMIRÁVEIS CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

Restaurante Saloio
Filha da Ti Jaquina

TODOS OS DOMINGOS
ALMOÇOS COM FOLCLORE
DANÇAS E BAILE
OPTIMA COMIDA
(6 ANOS)
CARRICHE
OLIVAL DE BASTO
Telefone 910082
a 500 metros do Autocarro

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

RIR! RIR! RIR! com a comédia de ANDRÉ ROUSSIN

TEATRO **MONUMENTAL** Tel. 35133

HOJE ás 21.45 horas

AMANHÃ, Esp. á tarde, ás 16 h.

14.ª SEMANA TRIUNFAL

SANTANA

Adultos M/17 anos

UM ESPECTACULO VASCO MORGADO RIR! IRENE ISIDRO

ELES, ELAS... & MENINOS

(LORSQUE L'ENFANT PARAIT)

BERNARDO - PAULA - SANTANA - DULCE - MACIEIRA - SCHULZE - FLORBELA

TEATRO INFANTIL

HOJE e AMANHÃ á tarde ás 18.30 horas

Espectáculos dedicados ás Crianças de Lisboa com as encantadoras peças

O GATO de BOTAS

E

DEPENDURADO NA LUA

Para maiores **4 ANOS**

PREÇOS: 3.º balcão de frente, 5$00 — 2.º balcão, 10$00 — plateia a 15$00

«Matinées» M/6 anos

Noites M/12 anos

Telefone 765371

Na Avenida de Berne (Junto á Embaixada de Espanha)

= ÚLTIMOS 2 DIAS...

HOJE, MATINÉE AS 16,30, À NOITE, ÀS 21,30

Extraordinário e grandioso espectáculo de circo pleno de suspense e emoção com os consagrados artistas de fama mundial

FAMILIA ARRIOLA
e a deslumbrante versão

— BAGDAD —

Numa apresentação luxuosa e original num ambiente oriental

AMANHÃ, 2 MATINÉES, ÀS 15 E 18,15, À NOITE, ÀS 21,45

TIVOLI

Nos dias 1, 2 e 3 de Junho

BALLET THÉATRE DE MAURICE BÉJART

3 únicos espectáculos, 3 programas inteiramente diferentes

A Bilheteira abre:
nos dias 25 e 26, para assinaturas; nos dias seguintes, para venda avulso — (Para maiores de 12 anos)

DOÇARIA CASEIRA no BAR RIBATEJO

Uma Pega 6.50 — Café de Balão — P. do Areeiro, 11 - D

Homenagem a Abreu e Mota

Em homenagem ao professor de piano do Conservatório Nacional, João de Abreu e Mota, recentemente falecido, realizar-se-á em fins de Junho uma audição, que terá a colaboração de alguns alunos que com aquele professor trabalhavam á data do seu falecimento.

VILAFRANCA

(Maiores de 6 anos)
«Organizações Guerra»
AMANHÃ, DOMINGO, 24, ás 5.30 da tarde, onde serão lidados 8 novilhos toiros, do Dr. António Silva (Couço)
CAVALEIROS
MANUEL PINTO LOBATO
JOSÉ CUNHA E CARMO
NOVILHEIROS
DIEGO MEDINA
(Sevilhano)
FERNANDO DOS SANTOS
(El Rubio)
FORCADOS AMADORES
PREÇOS POPULARES
Sol desde 12$50 — S. Sol 20$00
Sombra 30$00

IMPÉRIO

Amanhã, domingo, às 10 horas da manhã, exibição especial de OS DEZ MANDAMENTOS, promovida pelo Centro de Cultura da Familia Paroquial de São João de Deus. Bilhetes à venda.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

A companhia de bailados do Marquês de Cuevas a actuar no Teatro de S. Carlos, dará dois espectáculos no Coliseu dos Recreios.

— Vindo do Rio de Janeiro, está já em Lisboa o actor Miguel Orrico, que vem tratar de assuntos que se relacionam com a vinda a Portugal de companhias teatrais brasileiras.

— Foram cedidos a Eduardo Damas, os direitos de tradução da peça «A volta ao Mundo em 80 dias», por cuja montagem e apresentação se interessa uma empresa teatral.

— Na T V, vai entrar em ensaios o original de Francisco Ventura «Casa de Pais».

— Está em Lisboa o actor Ruy Viana, filho do falecido escritor brasileiro Oduvaldo Viana, e que pela primeira vez veio há anos a Portugal, fazendo parte da companhia da actriz Alma Flora.

— No Rio de Janeiro foi publicado mais um volume da colecção de teatro, do escritor Oduvaldo Viana, que contém o texto integral das peças «A ultima conquista» e «Fogueiras da carne».

— O elenco do Círculo de Divulgação do Teatro Português, vai representar, na Academia de Santo Amaro, o original de Francisco Ventura «Filho sózinho».

— Nos dias 28 e 29 do corrente, realizará espectáculos no Teatro de S. João do Porto, o «Ballet»-Théatre de Maurice Bejart.

Estreia-se hoje

a revista «Mulheres à vista!»

Está marcada para hoje, no ABC, a estreia da revista «Mulheres á vista», original de Nelson de Barros e José Viana. A musica é dos maestros João Nobre e José de Vasconcelos.

Um numeroso grupo de artistas, aos quais se devem os mais recentes êxitos encarregou-se da montagem, figurinos e cenários. São eles, Pinto de Campos, Manuel Lima, Mário Alberto, Velez de Lima, Hernani Lopes, Vitor Rebocho e José Araujo. Mais de quarenta costureiras trabalharam, durante cerca de dois meses, no guarda-roupa, que consta de mais de duzentos e cinquenta trajos de fantasia.

Carlos Coelho, que interpreta o «compére», dirigiu a encenação. A direcção coreográfica é de Mariano Franco e a musica do maestro João de Vasconcelos.

Para interpretar «Mulheres á vista!», o empresário José Miguel contratou um dos mais sensacionais elencos reunidos nos ultimos anos em espectáculos de revista, de que fazem parte três grandes atracções nacionais, de categoria internacional, Maria de Fátima Bravo, Max, a parelha de baile Yola & Paulo; as atracções estrangeiras Berta Loran, Lina Belmonte e quatro estrelinhas da Cinecitta — Magda, Gipsy Fanny e Grazia; e, finalmente, os artistas portugueses, Leónia Mendes, Aida Baptista, Raul Solnado e José Viana.

Primeiras exibições

«Nascida em Março», no Avís

Scarpelli imaginou e Pietranpelli realizou o filme «Nascida em Março» que Jacqueline Sassard e Mário Valdemarin interpretam com desenvoltura e convicção, representando um casal que poderia ser sempre feliz se ela não tivesse nascido com um parafuso a menos, como ele diz, e com razão. Assim, os primeiros meses após o casamento decorrem num «clima» de incompreensão que diverte o espectador e pode servir de lição, como aos protagonistas do filme acaba por servir, e talvez ainda ao produtor, Carlo Ponti, o marido da famosa Sofia.

O espectáculo é recomendável, e tem bons complementos: desenhos animados, um jornal de actualidades, ritmos modernos, etc. — *Visor 68.*

«O desconhecido», no Condes

O Condes estreou ontem mais um filme de «cow-boys». Trata-se de «O desconhecido» (The tall stranger) realizado por Thomas Carr e interpretado por Joel McCrea e Virginia Mayo, que encarnam respectivamente o heroi duro e destemido e a bela cada vez mais encantadora.

«O desconhecido» conta-nos um episódio vivido depois da guerra entre sulistas e nortistas que dividiu a grande nação americana. E' a partida para a Califórnia em busca da terra prometida e todas as consequentes cenas mais ou menos dinamicas a que estamos habituados neste tipo de películas.

Um «western» mais, com o ritmo vivo de sempre. — *Visor 32.*

À meia-noite

uma sessão de «jazz» no Império

O «jazz», expressão actual da musica, ultrapassou a sua fase de divulgação e conquistou por toda a parte de milhões de ferverosos conhecedores.

O «jazz», embora ainda sem o poder que apresenta noutros países, tem já em Portugal milhares de conhecedores e, pelo menos, muitas centenas de praticantes.

E' a esses que se oferece agora a oportunidade invulgar, proporcionada pela comemoração do 7.º aniversário do Império, de ouvirem uma das mais famosas orquestras de musica moderna da Europa e a melhor da França, que é a de Claude Luter.

Hoje, á meia-noite, com todo o ambiente de uma «boite» colossal, o Império regorgitará de publico para escutar esses extraordinários executantes que Gerald Claude Luter, Maurice Roland Bianchini, Bernard Bloch, Louis Jean Durand, Etienne Martin e Roland Hug.

No cinema Roma

exibe-se «Alta Espionagem»

Poucos filmes da programação apresentada este ano em Lisboa conseguiram, mantendo-se ao mesmo tempo dentro das normas que tornam emocionante o espectáculo cinematográfico, uma semelhante dignidade e compreensão como «Alta espionagem», baseada em acontecimentos rigorosamente verídicos da luta dos patriotas franceses durante a invasão alemã.

Uma fotografia impressionante, a utilização do som como poucas vezes se tem visto em cinema e a

(Continua na 13.ª página)

A "BOITE" DA MODA E DOS MAIORES EXITOS

SÁBADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 ás 20 horas
com todo o elenco de atracções

Casaroga

TELEF 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

EM PLENA CONSAGRAÇÃO! SEMPRE ENCHENTES! 3 EXTRAORDINARIAS SUPER-ATRACÇÕES

O CONJUNTO GREGO DE JUSTA FAMA MUNDIAL:
BALLET NIKOLSON
EM MARAVILHOSAS DANÇAS FOLCLÓRICAS

A TRIUNFAL RARIDADE EM BAILE ESPANHOL
TRIO LA CAVA

A ESCULTURAL VEDETA VENUS RUBIA EM CRIAÇÕES FRÍVOLAS

Baile por ESTEVÃO e sua orquestra, com Manuel Serrano

E' um NO AVENIDA Às 21,45 h.
ESPECTÁCULO ADMIRÁVEL!
A «COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE» APRESENTA
P.ª ADULTOS
M/ DE 17 ANOS
FACHADA
3 ACTOS DE LAURA CHAVES
COM SAMWEL DINIS — CARMEN DOLORES — ROGÉRIO PAULO — MADALENA SOTTO — ADELINA CAMPOS — BEATRIZ DE ALMEIDA — CONSTANÇA NAVARRO — MÁRIO PEREIRA e ALEXANDRE VIEIRA
Amanhã, ás 16 h. — Espectáculo á TARDE

LUSO
T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
(Adultos, maiores de 17 anos)
Hoje (até de madrugada), cantam Alice Magina — Joaquim Silveirinha — Aurora Sobral — Silva Pereira — Maria Vicente e o ás da boa disposição João Viana «Vianinha». Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

SÓ HOJE E AMANHÃ
As 20,30 e 22,45 ■ Adultos-M/17 anos

António Silva

MARIA VITORIA
Emp.ª E. Salvador e R. Martins, Lda.
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
DA FORMIDÁVEL REVISTA DE
SALVADOR
ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...
A REVISTA DO POVO!

Domingo: ÚLTIMO espectáculo A TARDE, ás 16 horas
A SEGUIR
A nova revista de SALVADOR «ARRAIAL DE LISBOA»
Adultos-M/ 17 anos

CASINO

APRESENTA
YVES THOMAS
Grande êxito da «boite» «Lapin Agile» de Montmartre
ELDER BARBER
A VOZ DE OIRO DA ARGENTINA
e a famosa orquestra
RAY MARTINO
em novos ritmos
(Maiores de 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25$00

Anita Guerreiro

ADEGA D'ANITA
Tel. 23863 — PARQUE MAYER — Maiores 17 anos
ANITA GUERREIRO
apresenta o aplaudido
CONJUNTO TÍPICO DA NAZARÉ EM DANÇAS E CANTARES REGIONAIS
e ainda o seu elenco de FADOS e GUITARRADAS
ALMOÇOS, JANTARES e CEIAS (Selecção rigorosa)

DESPORTOS

Os jogos da «Taça de Portugal»

Atlético-Belenenses e Benfica-Torriense

os dois únicos jogos marcados para Lisboa

Após uma interrupção, mais outra a que se seguirão outras ainda (ignora-se, de ciência certa, quando terminará a «Taça» de 1959...), os adeptos da bola têm amanhã a 1.ª «mão» da segunda eliminatória do torneio, através dos seguintes jogos:

Atlético-Belenenses
Benfica-Tirsense
Académica-Sporting
Vila Real-F. C. do Porto
Spt. de Braga-Vit. de Guimarães
Torriense-Lusitano

Os caprichos do sorteio favoreceram Lisboa que tem dois jogos de interesse, na Tapadinha e na Luz. O primeiro, de feição mais equilibrada, oferece o atractivo de se rever uma velha rivalidade; o segundo, fortemente favorável aos «encarnados», proporciona o ensejo de se aquilatar as possibilidades do Tirsense, o célebre clube que há dez anos eliminou o Sporting. Se na Tapadinha o prognóstico se torna difícil de formular, já na Luz o desiquilibrio de forças sugere o amplo favoritismo do Benfica.

Em Coimbra, o Sporting tem uma tarefa assaz espinhosa. Os estudantes, no seu ambiente, reunem todas as condições para se imporem. Todavia, os «leões» esperam não desiludir os seus prosélitos, dado que a 2.ª «mão» se realiza em Alvalade.

Nos outros encontros, prevê-se uma fácil vitória do F. C. Porto e sensível equilibrio de forças em Braga e em Torres Vedras.

Prováveis formações

ATLÉTICO — Pinho; Lopes e Fonseça; Germano, Alvarez e Orlando; Mesiano, Gomes, Inácio, Albano e Angeja.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Pires; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Estevão.

Árbitro: Virgilio Leitão, de Lisboa.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Hilário; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Chino, Águas, Coluna e Cavém.

TIRSENSE — Vieira; Carriço e Joaquim; Carlos, Festa e Rui; Chelás, Fernandes, Paulino, Pedro e Birilio.

Árbitro: Braga Barros, de Leiria.

ACADÉMICA — Cristovão; Araujo e Marta; Samuel, Wilson e Torres; Chipenda, Miranda, Rocha, André e Bentes.

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Mendes, Morato e Osvaldinho; Hugo, Vadinho, Diego, Travaços e Morais.

Árbitro: Domingos Mota, do Porto.

S. C. VILA REAL — Roldão; Platas e Angelo; Passos, Óscar e Garófalo; Lutero, Matos, Avelino, Castanheira e Borges.

F. C. PORTO — Acursio; Virgilio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Morais.

Árbitro: Mário Costa, de Braga.

SPORTING DE BRAGA — Cesário ou Faria; Armando e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Velez, Ferreirinha, Teixeira, Mendonça e José Maria Matos.

VITÓRIA S. C. — Dionisio; Virgilio e Daniel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Romeu, Carlos Alberto e Rola.

Árbitro: Jovino Pinto, do Porto.

TORRIENSE — Pinheiro; Gilberto e Mergulho; Batalha, Forneri e José da Costa; Mário, Saldanha, Azevedo, Vítor e Mendes.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Peixão; Vicente (Olmedo), Falé e Garcia; Fialho, Flora, Caraça, Marciano e José Pedro.

Árbitro: Encarnação Salgado, de Setubal.

O «NACIONAL»
DA 3.ª DIVISÃO

Os 7 encontros de amanhã

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão continua, com a realização dos seis jogos da 3.ª jornada da 2.ª fase, relativos ás zonas A B e D. Em referência á Zona D, verificado que é «Os Leões» de Santarém, que deve participar na prova, realiza-se um jogo em atraso.

Teremos, portanto:

U. Paredes-Ovarense
Beira Mar-Régua
S. B. C. Branco-U. Coimbra
Acad. Viseu-Naval 1.º Maio
Olivais-Leões
Silves-Elvas
U. Montemor-Lusitano

Sucede, pela primeira vez que todos os desafios são «novidade», porquanto em todos eles se defrontam equipas que pertenceram a séries diferentes na fase anterior. Os vaticínios são, portanto, difíceis.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 16 horas.

HIPISMO

Uma festa de homenagem

O presidente da S. H. P., eng.º Moniz Galvão, ofereceu ontem, no Negresco, um jantar de homenagem ás equipas inglesa e espanhola que estão a disputar o Concurso de Lisboa, que redundou numa agradável festa de confraternização entre cavaleiros portugueses, espanhois e ingleses, com o cunho de elegância que lhe emprestou a presença de muitas e gentis senhoras, esposas dos cavaleiros e dirigentes do nosso hipismo e aos cavaleiros da equipa inglesa. Reinou sempre a maior alegria, tendo-se no final, feito ouvir alguns elementos da canção nacional, depois do que se seguiu um baile. Assistiram o sr. cor. Williams, delegado da F. E. I. e o eng. Rodrigo de Castro Pereira, presidente da F. E. P.

Os jogos de competência às 17 horas

Em virtude da F. P. F. ter marcado o jogo Barreirense-Cuf para as 17 horas, os clubes do Porto reclamaram junto do organismo máximo para que os encontros Boavista-Olhanense e Salgueiros-Farense se efectuassem á mesma hora.

A Federação concordou pelo que todos os jogos do torneio de competência principiam amanhã ás 17 horas.

Barreirense-Cuf o jogo mais importante do Torneio de Competência

Os jogos de passagem têm também amanhã o seu recomeço com a realização da 6.ª jornada, que apresenta os seguintes encontros:

Olhanense-Boavista
Barreirense-C. U. F.
Salgueiros-Farense

O embate do Barreiro é o mais importante da jornada, visto que se defrontam os dois primeiros classificados por sinal, com o mesmo numero de pontos. A turma de José Augusto parece inclinada a ganhar, mas aguarda-se que os Cufistas ofereçam uma réplica entusiástica e categórica.

No confronto entre Algarvios e Nortenhos, deveras curioso, julga-se que o Boavista e o Farense, ambos visitantes, caprichem em manter as suas posições.

A classificação actual está escalonada do seguinte modo:

1.º, Barreirense e C. U. F., 7 pontos; 3.º, Boavista, 6; 4.º, Sporting Farense, 5; 5.º, Salgueiros, 3 e 6.º, Sporting Olhanense, 2 pontos.

Ainda houve quem dissesse que os Suecos rematavam pouco ás balizas...

Provas da A. F. L.

Os jogos de amanhã

As competições que a A. F. L. tem em curso prosseguem amanhã, com o seguinte programa:

Camp. Distrital da 3.ª Divisão (fase final, 2.ª jornada): Loures-Vialonga, em Loures; Unidos de Algés-Linda-a-Velha, em Algés — ambos ás 16.30 h.

Campeonato distrital de juniores da 2.ª Divisão (fase final, 9.ª jornada) — Série A — Linda-a-Velha-U. Algés, no Estádio Nacional, ás 10 h.; Sporting-Casa Pia, no Estádio Alvalade (treinos), ás 11 h. Não se efectua o desafio Sintrense-Amadora, por o Estrela Amadora não comparecer. *Série B* — Operário-Oriental, em Chelas, ás 10.30 h.; Sacavenense-Vilafranquense, em Sacavém, ás 11 h. Não se efectua o desafio Santa Iria-Santa Catarina, por o Santa Catarina não comparecer.

Prova Distrital de Principiantes (13.ª jornada) — Série A — Sporting-Oriental, no Estádio «José Alvalade» (treinos), ás 9 h.; Amadores-Belenenses, na Amadora, ás 10 h.; Atlético A-Torriense, na Tapadinha, ás 10.30 h.; Casa Pia-Palmense, em Pina Manique (treinos), ás 11 h. *Série B* — Sacavenense-Vialonga, em Sacavém, ás 9.45 h.; U. Povoense-S. L. Olivais, em Póvoa, ás 10.30 h.; Vilafranquense-Alhandra, em Vila Franca, ás 10.30 h.

Torneio Popular de Futebol (2.ª eliminatória — fase final — Lisboa F. C.-Fonte Santense e Liberdade-Império, no campo «José Ramos» (Palma), respectivamente, ás 15 e 17 horas.

«Taça de Lisboa» (2.ª mão da 1.ª eliminatória) — Operário-Desp. Olivais, em Chelas; F. Benfica-Palmense, em «F. Lázaro»; Charneca-U. Povoense, na Charneca; Camarate-Povoense A. C., em Camarate; Odivelas-Alverca, em Odivelas; Ericeirense-Cacém, na Ericeira; Queluz-Belas, em Queluz; Malveira-Lourel, na Malveira — todos ás 16 h.; Amoreira-Amadora, em Palma-B, ás 17 h.

Camp. distrital de reservas — Estoril-Belenenses, na Amoreira, ás 17 h.

O «NACIONAL»
DE JUNIORES

O Benfica vai a Olhão

O 19.º Campeonato Nacional de Juniores prossegue amanhã com os encontros respeitantes á 4.ª e antepenultima jornada da 2.ª fase. Quer dizer que principia a 2.ª volta, estando marcados os mesmos encontros que se realizaram há 3 semanas.

Assim teremos:

F. C. Porto-Boavista (0-1)
Académica-Leixões (4-0)
Sporting-Portalegrense (3-2)
Olhanense-Benfica (0-4).

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos encontros da 1.ª volta.

Os desafios de maior expectativa são o do Porto e o de Olhão — mórmente este ultimo. De uma maneira geral merecem favoritismo as equipas que jogam nos seus campos, pois só em Olhão, o visitante se apresenta mais capaz de triunfar.

O F. C. Porto espicaçado pelo desejo de desforra e moralizado com a magnífica vitória de há oito dias deve vencer.

A Académica sabe bem que uma derrota poderia ser-lhe fatal e, certamente, não se deixará adormecer á sombra da expressiva marca de há três semanas.

O Sporting, normalmente, repetirá o seu triunfo frente aos Portalegrenses, podendo esperar-se marca mais expressiva, até.

Finalmente, o Olhanense não deixará de «bater o pé» ao Benfica. Os «encarnados» deverão encontrar maiores dificuldades do que na 1.ª volta, mas merecem, ainda assim, o favoritismo.

Dr. Pedro de Moura e Sá

A família do Dr. Pedro de Moura e Sá agradece por este meio, na impossibilidade de fazê-lo individualmente a todos, aos Amigos do seu falecido parente, á Emissora Nacional de Radiodifusão, ao Teatro de D. Maria II, ao Círculo Eça de Queiroz, á Livraria Bertrand e a quantos o velaram e acompanharam á sua ultima morada.

Suécia, 2 Portugal, 0

Uma das imagens do jogo disputado anteontem no formoso Estádio de Nya Ullevi. Na fase de assédio dos Suecos, o guardião nacional, Acursio que se estreou da melhor maneira, ao verificar a progressão perigosa do extremo-direito Berndtsson não hesitou e num mergulho decidido arrebatou-lhe a bola dos pés. Barbosa, Miguel Arcanjo e Virgilio, como se verifica, seguem o lance com atenção

Pavilhão dos Desportos
DUAS GRANDES ATRACÇÕES!
HÓQUEI EM PATINS
QUARTA-FEIRA, 27 DE MAIO AS 21.30 HORAS
SOUTHGATE RANGERS (de Londres)-BENFICA
CONCERTO
QUINTA-FEIRA, 28 DE MAIO ÀS 21.30 HORAS
A BANDA DO FAMOSO REGIMENTO ESCOCÊS
THE QUEENS OWN CAMERON HIGHLANDERS
POR ESPECIAL DEFERÊNCIA
DO MAJOR J. M. UNDERWOOD M. B. E.
The Queens Own Cameron Highlanders
Bilhetes a preços populares à venda no Pavilhão dos Desportos e nas Agências

CAMPEONATO DA EUROPA DE HÓQUEI EM PATINS

Portugal joga hoje contra a Espanha

a posse do titulo de campeão europeu

GENOVA, 23 — A tarefa dos Portugueses e dos Espanhóis — os que resolverão, esta noite, entre si a posse do título — foi deveras difícil, como os numeros indicam. Os Lusitanos bateram por 2-1, os Ingleses, e os Espanhóis bateram, pela mesma expressão numérica, os Italianos.

Os Ingleses constituiram, como, aliás, estava previsto, adversário difícil para a turma lusitana, que, ontem, teve a sua pior exibição nesta prova. Alguns dos factores que contribuiram para isso foram o facto de Fernando Adrião ter voltado a pensar só em si, desprezando a ideia de conjunto, e de ter provocado, com ás suas faltas constantes, que o árbitro italiano exagerou, paragens desnecessárias de jogo, o que tirou ao «team» a harmonia de esquematização, notada nas noites anteriores. Impunha-se a substituição do médio português mas ela nunca chegou a verificar-se.

Não foi, porém, apenas Adrião que não esteve em «dia-sim». O mesmo sucedeu a Vaz Guedes que usou e abusou do processo de retenção de bola, sem proveito algum para o rendimento do «cinco». Velasco, entretanto, acabou por fazer actuação discreta, a qual, todavia, não pode ser considerada como culpa sua, mas, sim, pelos motivos já apontados. Não admira, portanto, que o excelente jogador moçambicano deixasse transparecer certo aborrecimento pela forma como os seus companheiros estavam a exibir-se. Edgar levou uma bolada na face o que lhe provocou equimose, felizmente, sem gravidade; e Bouços também pouco melhor esteve que os restantes portugueses.

Contudo, há que pôr em realce a forma como os Britanicos se houveram. Cuidadosos, extremamente cuidadosos, na defesa, quando desciam ao meio campo dos lusitanos, o que aconteceu com frequência, faziam-no de modo a constituir perigo que Matos só uma vez não logrou conjurar.

Bouços abriu o activo aos 10 minutos, através de uma grande penalidade, provocada por falta do guarda-redes, Cartwrigth.

Na segunda parte, e quando eram passados cinco minutos, os Britanicos empataram, numa recarga, apontada por Colton. Pouco depois, Velasco, também de grande penalidade, fixou o resultado final em 2-1.

Se Portugal e Espanha empatarem hoje disputarão a «finalissima»

Se Portugal e Espanha empatarem o jogo, que entre si disputam, esta noite, terão que disputar novo desafio para atribuição do título.

AMBIENTE

de fervor clubista na assembleia geral do Benfica

Na séde do Benfica, a assembleia geral ontem realizada, e que prossegue esta tarde com a eleição dos novos corpos gerentes, vincou, sem evasivas, a extraordinária vitalidade do clube e a sua forte unidade associativa, na qual dirigentes e dirigidos formam um bloco de sólida estrutura.

A sessão, que foi presidida pelo sr. eng. Augusto Cancela de Abreu, secretariado pelos srs. José Valentim Lourenço e António do Carmo Corredoura, foi presenciada por elevada quantidade de sócios. Todos os numeros da ordem dos trabalhos mereceram uma análise serena, altamente construtiva. Não houve uma discordancia acentuada, até no assunto que se relacionava com a proposta para a irradiação de um sócio. Um louvável espírito de benevolência pairou bem alto.

As considerações feitas pelo presidente da direcção, sr. eng. Maurício Vieira de Brito, sobre o eclectismo do Benfica impressionaram, bem como a defesa de uma proposta respeitante á construção do parque de jogos e respectiva administração dos fundos financeiros. A assistência aplaudiu demoradamente as palavras do ilustre dirigente.

O relatório e contas não tiveram discussão. Aprovados por unanimidade, com muitas palmas á mistura.

O momento que o Benfica ontem conheceu, caracterizado por um vivo sentimento de fervor clubista, marcou mais uma etapa significativa no glorioso surto de um dos mais sólidos alicerces do desporto nacional.

TIRO

Portugal classificou-se em 4.º lugar na «Taça Latina»

MADRID, 23. — A classificação da «Taça Latina» de tiro foi a seguinte: 1.º — França, 55-60; 2.º — Itália, 53-60; 3.º — Espanha, 52-60 e 4.º — Portugal, 48-60.

A prova feminina foi ganha pela antiga detentora do título mundial, Maria Antónia Merenes, que abateu 10 pombos em 10 tiros. — (A. N. I.)

Pequenas notícias

PELA POLICIA

MOTOCICLO ROUBADO — A Subdirectoria da Polícia Judiciária (6.ª secção) procura localizar uma bicicleta motorizada, da marca Famel, que foi furtada no passado dia 12 da cerca do Hospital de S. José.

PROCURA-SE UM BURLÃO — A mesma corporação está interessada na captura de um indivíduo de nome Mário Rocha Pinto, que é acusado de ter praticado várias burlas.

APRECIADORES DE BOM VINHO... — Pela mesma corporação foi concluido e remetido ao Tribunal da Boa-Hora um processo em que são arguidos Manuel das Caldas Fernandes, Amaral Luís, António Montenegro e Arnaldo José dos Anjos, os quais são, acusados de praticar furtos num estabelecimento de vinhos da Avenida 24 de Julho, de conivência com um empregado.

DESASTRE MORTAL

Nos terrenos da Pontinha, apareceu morto António Correia, de 29 anos, lavador de carros, residente no Campo Grande, 78. Não há suspeita de crime. O cadáver seguiu para a morgue.

Confraternização

entre o Ministério Público e a Polícia Judiciária

Reuniram-se num jantar de confraternização e de camaradagem, na cantina do pessoal da Polícia Judiciária e do Arquivo de Identificação, os componentes do Ministério Publico da Comarca de Lisboa da direcção e inspecção da Polícia Judiciária.

Na reunião tomaram parte, também além do director e subdirector da Polícia Judiciária, respectivamente srs. drs. Francisco António Lopes Moreira e Rui de Matos Corte Real, os ajudantes do procurador-geral da Republica, delegados e os srs. dr. Ernesto da Fonseca, inspector-adjunto da Directoria e os inspectores Geraldes Cardoso, Marques Mendes, Lopes da Rocha, Sá Pereira, Araujo e Sá, Fernando Calheiro de Sousa, Ricardo da Pelha e Fortes da Gama. No final trocaram-se amistosos brindes.

UM BENEMÉRITO da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 23 (Pelo telefone) — Por iniciativa do grande benemérito figueirense sr. Luís Gonçalves Santiago que, apesar de residir há muitos anos em Lisboa, nunca esqueceu as instituições desta cidade, foi fundada, em 1955, a Sociedade Civil Administrativa de Bem Santiago, Lda., com o objectivo de garantir, por vinte anos, a distribuição anual dos seguintes donativos: 12 contos á Obra da Figueira; 8 contos ao Hospital da Misericórdia; 6 contos á Casa da Mãe; 6 contos ao Jardim-Escola João de Deus; 4 contos aos Bombeiros Voluntários; e 4 contos aos Socorros a Náufragos.

A quinta anuidade foi agora distribuída por aquelas instituições.

QUEM PERDEU?

Na P. S. P. (Governo Civil) estão depositados numerosos objectos achados ontem em Lisboa, entre os quais notas do Banco de Portugal, carteiras, malas, bilhetes de identidade, sapatos, porta-chaves, canetas, etc.

Contra a Espanha...

duas derrotas em 13 jogos

Nas 13 vezes que defrontámos a Espanha, nos campeonatos da Europa, os nossos vizinhos só saborearam dois unicos triunfos. Eis os resultados:

1947 (Lisboa) — Portugal ...	2-1
1948 (Montreux) — Portugal	3-1
1949 (Lisboa) — Portugal ...	6-2
1950 (Milão) — Portugal	6-0
1951 (Barcelona) — Espanha ..	4-3
1952 (Porto) — Portugal	2-1
1953 (Genebra) — Empate ...	1-1
1953 (Genebra) — Portugal ...	2-1
1954 (Barcelona) — Espanha ..	3-0
1955 (Milão) Empate	3-3
1956 (Porto) — Portugal	1-0
1957 (Barcelona) — Empate ...	1-1
1958 (Porto) — Empate	2-2

RESUMO

Portugal	13	7	4	2	36-16
Espanha	13	2	4	7	16-36

Classificação

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
PORTUGAL	2	2	—	—	6-3	4
Espanha	2	2	—	—	8-4	4
Itália	2	—	—	2	3-6	0
Inglaterra	2	—	—	2	4-8	0

Jogos da última jornada

A competição termina hoje, no seu oitavo dia, com o seguinte programa:

Bélgica-Holanda, Itália-Inglaterra e Portugal-Espanha (22 e 10).

Resultados

1.º DIA

PORTUGAL-Holanda .	4-0 (2-0)
Suiça-Inglaterra	5-4 (4-1)
Espanha-Bélgica	3-2 (1-0)

2.º DIA

Alemanha-Noruega	14-0 (8-0)
Holanda-França	4-3 (2-2)
Itália-Bélgica	2-1 (1-1)
Espanha-Alemanha	2-2 (2-0)
Suiça-França	2-2 (1-1)
PORTUGAL-Inglaterra	7-1 (4-0)

3.º DIA

Bélgica-Noruega	6-0 (2-0)
Espanha-Itália	3-1 (2-1)
Holanda-Suíça	6-5 (2-4)

4.º DIA

Espanha-Noruega	14-0 (7-0)
Itália-Alemanha	2-1 (1-1)
PORTUGAL-França ..	4-0 (3-0)
Inglaterra-Holanda	3-0 (0-0)

5.º DIA

Itália-Noruega	6-0 (3-0)
Inglaterra-França	4-1 (1-0)
PORTUGAL-Suiça	11-1 (5-0)
Bélgica-Alemanha	3-0 (2-0)

6.º DIA

PORTUGAL-Itália	4-2 (2-1)
Espanha-Inglaterra	6-3 (2-1)

7.º DIA

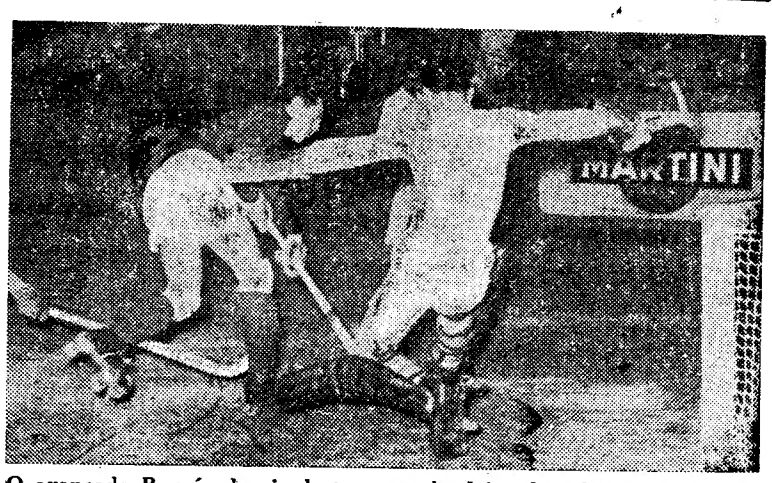
PORTUGAL-Inglaterra .	2-1 (1-0)
Espanha-Itália	2-1 (1-1)

OS CONCORRENTES ingleses

à regata Cowes-Lisboa-Gibraltar, chegaram a Cascais

Na meta de Cascais, entraram o «Santander of Wight», do conhecido artista da televisão inglesa Richard Green e o «Covinna», de Norman Richard, que completaram a primeira etapa da regata Cowes-Lisboa-Gibraltar, organizada pelo Royal Thames Yacht Club, de Londres, em colaboração com a Associação Naval de Lisboa.

A tripulação do «Odora», de W. M. Gillies, enviou um teelgrama, comunicando que arribava á Coruñha para desembarcar um tripulante ferido mas prosseguirá a prova, sendo esperado em Cascais a todo o momento. Estes três concorrentes ingleses, que largaram de Inglaterra no passado dia 17, atracarão na doca de Belém, onde serão recebidos pela A. N. L. para o efeito, foi organizado um programa de festas e excursões.



O avançado Bouços depois de ter passado dois adversários (o «stick» de Forti ainda aparece na gravura) chamou a si o guarda-redes Novo e atirou com êxito, obtendo o 1.º golo de Portugal contra a Itália

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Nas mesas da Escola Nuno Gonçalves. a partir das 9 e 45, disputa-se o campeonato distrital de Lisboa, em «infantis», «vanguardistas A e B» e «cadetes».

O campeonato de futebol (iniciados) continua em Mafra, ás 10 e 45 h., com um encontro da Ala 2 (C. E. 59) c. Ala 8.

ATLETISMO—2.ª jornada do Torneio Nacional de Cadetes, no Estádio Universitário, a partir das 15 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Continuação dos campeonatos regionais de juniores e infantis:

Pedrouços — Belenenses-Tabacos (J.), Belenenses-Algés (I.) e Cruzquebradense-Casa Pia (J.), a partir das 9 horas; Tapadinha — Algés-Ateneu (J.), ás 9; C. Ourique — Benfica-Sporting (J.) e Benfica-Cruzquebradense (I.), ás 9 e 10; S. Bento — C. Ourique-Queluz (J. e I.), ás 9 e 10; Passadiço — Nacional-Benfica (J.), e Carnide-Nacional (I.), ás 9 e 10; Campo Grande — Sporting-Liberdade (J.), ás 9; Boa Hora — Atlético-Oriental (J.), ás 9; Barbadinhos — Carnide-P. Arcos (J.) e Lisboa Ginásio-Atlético (I.), ás 9 e 30; Liberdade—Sacavenense. -Rio Seco (J.) e Ateneu-Sacavenense (I.), ás 9 e 10; Cruz Quebrada—Pedrouços-Paço de Arcos (I.) ás 10 horas.

CICLISMO — No Porto, disputam-se os cameponatos nacionais de juniores e iniciados, por equipas. Partidas com início ás 7 e 30.

— Em Palhais disputa-se um Circuito ás 10.30 h., com classificações individual e de equipas.

DESPORTO CORPORATIVO — O G. D. da Comp. Carris faz disputar a 2. estafeta pedestre Guincho-C. Quebrada. A partida está marcada para as 11 horas.

FUTEBOL AMADOR — Nas Telheiras, a contar para o «Torneio de Honra» do C. I. F.: Purrianos-Olímpico, ás 10.30 h.

GOLFE — No campo do Estoril disputam-se as provas de singulares dos encontros entre as selecções de Portugal e Espanha, masculino (18.º) e feminino (2.º).

HANDEBOL DE 7 — Campeonato de reservas Técnico-Almada e Glória-Sporting, no I. S. Técnico (Av. Rovisco Pais), a partir das 9,30 h.

HANDEBOL DE 11 — Conclusão do campeonato nacional: Benfica-F. C. Porto, no Campo Grande, ás 10,30 h.

HIPISMO — No hipodromo do Campo Grande, disputam-se a partir das 16 horas as provas do 7.º dia do 48.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa: a «Regularidade» e a «Taça das Nações».

PEDESTRIANISMO — Na pista do S. L. B., no Campo Grande, ás 10 h., disputa-se a final da «Légua Popular».

RAGUEBI — A contar para a «Taça de Portugal»: Belenenses-Sporting, no Restelo, ás 10 h.; C. D. U. L.-Benfica, no E. Universitário, ás 11 h.

REMO — Incluidas no calendário de regatas de 1959, disputam-se as provas «Federação Portuguesa de Remo», ao longo da Junqueira, com início ás 10,30, para embarcação de todas as categorias.

BASQUETEBOL

Uma derrota de Espanha no Campeonato da Europa

ISTAMBUL, 23.—Resultados dos encontros de basquetebol disputados a noite passada, para o Campeonato Europeu de Basquetebol:

Checoslováquia-Espanha, 85-62, com 40-27 ao intervalo; Bulgária-Jugoslávia, 80-72 com 42-35, ao intervalo; França-Israel, 77-66, com 29-31, ao intervalo. — (A. N. I.).

LUTA LIVRE

Blanchs foi o vencedor do Torneio Internacional

Com os combates respeitantes á nona jornada, terminou ontem, á noite, no Coliseu, o Torneio Internacional de «Catch», em que tomaram parte lutadores portugueses, espanhois, italianos e franceses. Beneficiando da desclassificação do lutador «Mascarado», Blanchs, que na classificação caminhava na vanguarda, com dois pontos de avanço, ganhou merecidamente a prova.

A sessão que registou grande concorrência de publico, decorreu em bom plano, tendo-se verificado os seguintes resultados: Catarecha, por assentamento de espáduas, venceu Moyan, no quarto assalto; Benito Galan derrotou Echevarria, por assentamento de espáduas, no terceiro assalto; Bengoechea, também no terceiro assalto, venceu Moll, por assentamento de espáduas; Blanchs derrotou o «Mascarado», por desclassificação, no terceiro assalto; e Henry Plata venceu Lamban, por assentamento de espáduas, no terceiro assalto.

Saludes-Mascarado hoje, à noite

Extra-torneio defrontam-se esta noite o conhecido lutador espanhol Saludes, que dirigiu alguns dos combates do Torneio, que ontem terminou, e o lutador «Mascarado». O combate está a ser aguardado com muito interesse, dado que o lutador espanhol vai fazer os possiveis para desmascarar, como nos afirmou, o «lutador enigma».

Completam a sessão o combate entre Jean Mari, que reaparece, e Echevarria e um torneio relampago, com o sorteio feito á vista do publico, em que participam Henry Plata, Moll, Catarecha e Galan.

HOJE À NOITE

FESTIVAL — No rinque do Paço de Arcos, ás 21 horas, conclusão das jornadas mistas, série de seis, promovidas pelo Belenenses, Sporting, Paço de Arcos e Hóquei de Sintra. Defrontam-se em hóquei em patins: Sintra-Sporting e Paço de Arcos-Belenenses; em futebol de salão os veteranos do Sporting e Belenenses.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Em S. Bento, a partir das 21 e 30 horas: Sporting-F. C. Porto e Benfica-Académica.

HALTEROFILIA — No Ateneu, ás 20 horas, prova de principiantes.

HANDEBOL — «Regional» da 1.ª Divisão, equipas de sete. No recinto da Madre de Deus, ás 21 e 15 e 22 e 30 horas: Ginásio do Sul-Hóquei e Liberdade — (Mutela) — Amoreiras. Em Paço de Arcos, ás 21 e 30 horas: Liberdade (Campolide)-Paço de Arcos.

VOLEIBOL — Campeonato Universitário, no Ginásio do Técnico, ás 21 e 30 e 22 e 30 horas: Técnico-Agronomia e Academia Militar-I. N. E. F.

Rosa dos Ventos

É voz corrente nos meios militares alemães que o chanceler Adenauer está longe de animar a recrudescência do espírito militarista. Essa sua atitude «antiprussiana», aliás, viria já de muito longe. Conta-se que em 1922, ao tempo em que esse homem que hoje preside aos destinos da Alemanha Ocidental era apenas burgomestre de Colónia, se constituiu nessa cidade uma comissão para erigir um monumento aos soldados do regimento de Infantaria local, caídos no campo da honra durante a Grande Guerra de 1914-18.

Em nome dessa comissão, o antigo coronel do regimento em questão veio pedir ao burgomestre que lhe indicasse em que praça ou jardim publico podia ser levantado o monumento comemorativo.

Adenauer desarmou o coronel com uma unica frase:

— E porque não no cemitério?

O coronel ergueu-se e deu por findas as negociações.

*

Um desporto que está a conquistar em França grande prestígio e popularidade é a navegação á vela. A população das cidades, em ritmo crescente, começa a buscar nessa saudável distracção o repouso e o silêncio que a vida moderna lhe nega. Facto significativo dessa onda de interesse pelos desportos náuticos é a exposição — a primeira deste género em França —, que nos ultimos dias esteve patente ao publico em Bougival, nas frescas margens do Sena, com o sugestivo rótulo «Marinha de Recreio».

Nessa exposição figuraram cem esbeltos e bem apetrechados barcos de diversos feitios, entre os quais alguns admiráveis veleiros, notando-se muitos observadores e compradores estrangeiros entre os inumeráveis visitantes.

*

Nas terras frias do Arctico pescou-se uma baleia com patas. O animal está munido desses membros locomotores, embora rudimentares, que recordam os dos outros mamíferos gigantes desaparecidos.

«Esta descoberta tem grande valor científico — declarou o professor Kaganovsky, do Instituto Oceanográfico de Vladivostock —, visto provar que, num passado extremamente longinquo, os cachalotes eram animais que viviam em terra firme, como os outros mamíferos».

*

Um casal de noivos vai a entrar para o ascensor, num hotel americano, onde acaba de se alojar, quando vem a descer a escada uma morena, ardente, que sorri para o jovem e o cumprimenta:

— Olá, querido!

A noiva fica sufocada e, após um silêncio de indignação, pergunta:

— Quem é esta desavergonhada?

Ele aperta a cabeça com as mãos e responde:

— Deixa-me em paz, filha, não me perguntes nada. Bem me basta o ter de explicar-lhe a ela a tua presença aqui!...

CORDÕES DE OURO
e outros objectos só pelo peso
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

O circo preparou-se
para um baptizado
mas a cerimónia limitou-se a uma bênção

O circo Arriola-Paramés, na Praça de Espanha, esteve hoje em festa. Preparava-se um baptisado no próprio circo, sob as vistas divertidas e amáveis do elefante bonacheirão...

Um casal de artistas, Pilar Valuna Arriola, aramista, e José Gomes Roque da Costa, fantasista índio, têm agora uma menina de 3 meses. Esmeralda Arriola Costa, de seu nome e que artista virá a ser também. Chamaram o padre Ricardo Gameiro Lopes, da igreja de Fátima; este foi, mas julgando que se tratava apenas da benção do circo. Voltou á igreja, a ver se conseguia autorização para o baptisado da Esmeralda ser feito entre as cordas, os trapézios e sob as lonas em que seus pais ganham a vida. Voltou, daí a pouco. Não pode ser. O baptisado tem de ser na igreja. Lançou a benção ao circo, a todos os seus artistas e os padrinhos fotografaram-se a fazer equilíbrio, na tromba do elefante, com a miuda ao colo, para se ir habituando...

A madrinha, Esmeralda Arriola, é prima da mãe e a unica da família que nasceu em Portugal, na vila de Amarante, com o Marão a servir-lhe de guarda. O padrinho é António Iarque, também artista de circo, como não podia deixar de ser.

A Esmeralda Arriola Costa é logo baptisada na igreja de Fátima. Entretanto, no Circo Arriola, houve festa rija com almoço volante para todos os convidados que são toda a grande família Arriola... E, logo, á noite, lá estão no trapézio, o meio dos elefantes e no alto dos arames, para divertimento do publico...

A PRÓXIMA
Semana de Portugal
no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 23. — A «Semana de Portugal», a realizar de 8 a 14 de Junho, no Rio de Janeiro, tem o apoio de todo o comércio, por resolução da Associação Comercial e do Sindicato do Lojistas.

Falando ao «Globo», o presidente da Camara Portuguesa de Comércio, Alfredo Monteiro Guimarães, que desempenha também o cargo de vice-presidente da Associação Comercial, declarou que a «Semana de Portugal» será, como desde há dois anos, de festa luso-brasileira, «não tendo — disse — outra finalidade que não seja a de elevar, cada vez mais, os princípios da tradicional amizade entre os dois povos».

A «Semana de Portugal» compreenderá ornamentação de montras e fachadas das casas comerciais; sessões solenes, almoços e jantares de confraternização; e um concurso entre escolares, dos ginásios e dos cursos colegiais, sobre os «Lusíadas». — (A. N. I.).

O sr. elefante do circo Arriola, de manto imperial pelas costas, tem ao lado a madrinha e a mãe de Esmeralda Arriola Costa, enquanto o sacerdote lançava a benção ao circo e aos artistas que nele trabalham

Aspectos dos problemas das lãs
focados numa carta
do deputado dr. Amaral Neto

Sr. director do «Diário de Lisboa»: — Li no numero de ontem (20) do vosso estimado jornal a carta do sr. eng.º Luís Casanova, de certo modo relacionada com a minha intervenção parlamentar de há dias sobre aspectos de conjuntura do problema das lãs, e não quero deixar de aproveitar a vossa oferta de facilidades de resposta, que muito agradeço.

O sr. eng.º Casanova, com quem aliás tenho o gosto de relações pessoais, é hoje em dia técnico muito distinto da especialidade de climatização doméstica e industrial, mas há anos atrás trabalhou na industria de lanifícios, adquirindo por isto uma experiência que de todo me falta, embora porventura já desactualizada. Não entabularei, pois com ele discussão sobre as qualidades relativas das lãs nacionais e das estrangeiras, embora o sentido pejorativo das afirmações do sr. eng.º Casanova me não pareça de acordo com o muito que tenho ouvido a pessoas competentes, e com algo que me tem sido dado ver ultimamente.

Das suas conclusões apenas me interessa comentar dois pontos. Primeiro, para dizer que não pus em causa a necessidade de importação de lãs estrangeiras. Reportando-me ao quinquénio de 1952-56, que me serviu de base de referência na intervenção parlamentar, verifica-se que contra uma importação anual média de pouco mais de 2.000 toneladas, a nossa exportação de lãs em rama, não churras (excluo as churras por não se utilizarem para fiação, não porque não tenham grande interesse em certas regiões produtoras), se ficou em 376 toneladas apenas, com o máximo de 665 toneladas em 1954. O saldo é claramente significativo.

Não obstante diminui, parece-me, outra conclusão do sr. eng.º Casanova, de o preço da lã nacional estar ainda há pouco tempo em total desproporção com as suas qualidades e características. Se se exportaram anualmente esses centenares de toneladas, se antes do período considerado a exportação foi ainda a mais, como em 1950 com 1.296 toneladas, no valor de 57.000 contos (enquanto, note-se de passagem, a importação de lãs em rama foi apenas de 532 toneladas), se ainda em 1957 se exportaram 176 toneladas, é porque alguém houve que achasse valerem as lãs portuguesas o seu preço! Aliás, por que tem sido necessário condicionar as exportações, com reparos e queixas dos produtores?...

Ás minhas palavras na Assembleia Nacional dirigiam-se no entanto, tal como a vossa «Nota do dia», a pontos completamente diversos dos focados pelo sr. eng.º Casanova. Isto me dispensaria de comentar sequer as suas palvras; mas nem quis deixar de valer-me da amabilidade com que V. me ofereceu as colunas desse jornal, onde me honrarei de ser aceite, nem quis que o meu silêncio pudesse ser tomado por admissão pura e simples das conclusões apresentadas.

Reiterando os meus agradecimentos pelo vosso bom acolhimento, protesto a minha mais perfeita consideração e subscrevo-me — De V. etc. — *C. Amaral Netto.*

Esta madrugada, no cruzamento da Avenida Duarte Pacheco com a Rua das Amoreiras, chocaram violentamente um carro particular e um táxi. Apesar do estado em que ficaram os dois carros, só o passageiro do táxi, o estudante Eduardo Jorge de Melo e Abrêu, de 28 anos, morador na Rua Saraiva de Carvalho, 88, 3.º, dir., ficou ligeiramente ferido, pelo que foi receber tratamento no Hospital de S. José

segredo alma do negócio!
NA
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
Há Protecção e valorização do s/ capital
COMPRA VENDA HIPOTECA TRANSACÇÕES
HIPOTECA DE PROPRIEDADES * S/ AUTOMÓVEIS * RÁPIDAS. COLHAM SEGUROS REFERÊNCIAS
PORTO LISBOA
PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º-TELFS. 26706-30181 ★ PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º-TELFS. 366812-366731

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
Tel. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços Chas e Jantares
Exibições Ranchos Folclóricos
excepto ás 2.as-feiras
Cozinha Portuguesa
(6 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Turismo

Inaugura-se hoje em
com representantes
o II Colóquio Internacional

COIMBRA, 23 (Pelo telefone) — Chegaram esta manhã as individualidades que vêm tomar parte no II Colóquio Internacional de Arte, entre as quais, além dos portugueses, dez franceses, um holandês, cinco italianos, quatro belgas, três ingleses, oito espanhóis, dois alemães, um japonês e um estoniano, que foram recebidos na Camara Municipal, onde o seu presidente, sr. dr. Moura Relvas, lhes apresentou cumprimentos de boas-vindas.

Em seguida, houve recepção no Governo Civil, Ali, o chefe do distrito, sr. coronel Nogueira Pestana, ofereceu-lhes um almoço. Durante a tarde, apresentaram cumprimentos ao prof. dr. Maximino Correia, reitor da Universidade, cujas dependências visitaram. A' noite, no Museu Machado de Castro, celebra-se a sessão inaugural do Colóquio. As sessões de estudo que prosseguem no referido Museu até o dia 29 e nas quais vai ser discutido o «Conceito e aspectos artísticos do renascimento», serão presididas pelo eminente professor René Huyghe, do Collége de France

Naquele Museu será patente ao publico a exposição «Arte em Portugal no século XVI».

Amanhã, os congressistas partirão para Lisboa, visitando a Batalha, Alcobaça e Santarém e regressando a esta cidade no dia 26.

No dia 27, a Junta de Província da Beira Litoral oferece-lhes um almoço no «Portugal dos Pequenitos» e á noite na Biblioteca Geral da Universidade haverá um sarau no qual colaboram os vários organismos culturais dos estudantes, incluindo o programa uma audição de musica portuguesa pelo Coral da Faculdade de Letras.

Acursio Pereira
na Casa da Imprensa

É esta noite, ás 22 horas, que na Casa da Imprensa, na Rua da Horta Seca, 20, Acurcio Pereira, ilustre jornalista e chefe da redacção do nosso prezado colego «O Século», profere a sua conferência intitulada «Jornais, jornalistas e publico». O mérito do conferente e o tema da conferência justificam o interesse com que é aguardada a sessão desta noite na Casa da Imprensa, onde a entrada é livre.

Em Lisb
21 e 30, o
faz, no Ins
ferência, t
grama do
pensée mé
Gothique».

IX Cong
de Tr

No Inst
ção Física
mónia do
curso Nac
movido p
O concurs
estava a e
pação de
concorren
des, no In
na Socied
quido, na
Guerra de
cola Fons

O subse
cional en
concorren
também
-adjuntos
crates da
nal, dr.
outros di

O dr.
falou do
e pós em
concurso.
dou este
pazes rep
organizaç
do País
cretário
do Concu
publicado

SEGURO POPUL
DE VIDA
50$0
companhia de seguros
IMPÉRIO
rua Garrett, 56-Lisboa

e hoje em Coimbra

epresentantes de dez países

ternacional de Arte

fone) —
indivi-
parte no
de Arte,
ortugue-
olandês,
gas, três
ois ale-
toniano,
Camara
esidente,
s apre-
boas-vin-

pção no
do dis-
Pestana,
Durante
primen-
Correia,
ajas de-
oite, no
celebra-
Colóquio.
prosse-
té o dia
cutido o
ticos do
lidas pe-
né Huy-
e
tente ao
em Por-

s parti-
a Bata-
e regres-
26.
Província
s um al-
uenitos»
Geral da
sarau no
organis-
ntes, in-
dição de
Coral da

Faculdade de Letras, sob a direcção do sr. prof. dr. Francisco Faria.

No dia 28, depois da sessão de estudo, haverá uma visita á Figueira da Foz, e á noite, no Instituto de Coimbra, uma conferência pelo sr. prof. dr. Reinaldo dos Santos, sob o tema: «Le Portugal et la Renaissance Européenne».

No dia 29 haverá ainda sessões de estudo e, após a de encerramen- a Camara Municipal oferece um n anquete aos congressistas que assistirão a uma serenata pelos estudantes.

Em Lisboa, depois de amanhã, ás 21 e 30, o sr. prof. René Huyghe faz, no Instituto Francês, uma conferência, também incluída no programa do Colóquio e intitulada: «Le pensée médievale — du Roman au Gothique».

IX Concurso Nacional de Trabalho da M. P.

No Instituto Nacional de Educação Física realizou-se hoje a cerimónia do encerramento do 9.° Concurso Nacional do Trabalho, promovido pela Mocidade Portuguesa. O concurso principiou no dia 18 e estava a efectuar-se, com a participação de cerca de cento e trinta concorrentes, em catorze modalidades, no Instituto Superior Técnico, na Sociedade Portuguesa de Ar Líquido, na Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata e na Escola Fonseca Benevides.

O subsecretário da Educação Nacional encontrou-se hoje com os concorrentes, num almoço, a que também assistiram os comissários-adjuntos drs. Romão Duarte e Sócrates da Costa e o assistente-nacional, dr. Alves de Campos além de outros dirigentes da M. P.

O dr. Baltasar Rebelo de Sousa falou do significado deste encontro e pôs em relevo a importancia do concurso. O dr. Pedro Franco saudou este membro do Governo. Rapazes representantes dos nucleos da organização do Norte, Centro e Sul do País cumprimentaram o subsecretário de Estado. Os resultados do Concurso de Trabalho só serão publicados na próxima sexta-feira.

mprensa
, que na
da Horta
, ilustre
acção do
Século»,
ntitulada
blico». O
tema da
interesse
são desta
, onde a

GURO
POPULAR
IDA
0$00
por mês
de seguros
ÉRIO
tt, 56 - Lisboa

Lei seca

para os soldados americanos na Europa

HEIDELBERGA, 23.—A proibição das bebidas alcoólicas é restabelecida para as tropas americanas aquarteladas na Europa, pelo menos durante as horas de serviço. O Q. G. de Heidelberga deu instruções neste sentido a todos os clubes e cantinas militares.

Estas instruções não se aplicam ás forças aéreas nem aos clubes «mundanos» de Berchtesgaden, Garmisch-Partenkirchen ou Chiemsee. — (F P.).

ESTEVE NAS LAJES

um avião para 300 passageiros

ANGRA DO HEROISMO, 23 — Um gigantesco avião a jacto para 300 passageiros passou hoje pelo aeroporto das Lajes.

Trata-se de um «Boeing-707» com 4 turbinas a jacto, ao serviço experimental das Forças Aéreas dos Estados Unidos. A aterragem foi impecável. — (A. N. I.).

CAIU UM AVIÃO

carregado de dinamite

MILWAUKEE (Wisconsin), 23.— Um avião particular carregado de dinamite caíu em chamas e explodiu ao tocar no solo, morrendo as quatro pessoas que iam a bordo. O acidente registou-se a 50 quilómetros desta cidade, durante a madrugada.—(A. N. I.).

A Polícia de Segurança Pública

apresenta-se com novos fardamentos na parada do 28 de Maio

Os novos fardamentos dos guardas e ajudantes da P. S. P.

Na parada militar comemorativa do 28 de Maio, na Avenida da Liberdade, apresentar-se-á um batalhão da P. S. P., formado por duas companhias, num total de cerca de 500 homens, que envergarão os novos fardamentos, incluindo a respectiva banda de musica. Esses novos uniformes, de corte elegante, que dão um ar de aprumo aos componentes da corporação, são idênticos para comissários, chefes, ajudantes e guardas — calça e casaco em tom cinzento e boné da mesma fazenda, com pala de cabedal.

O casaco, em talhe de paletó, tem quatro algibeiras e é guarnecido de botões de metal prateado. Camisa e colarinho brancos e gravata preta.

Os comissários ostentam nos punhos das mangas três galões prateados e duas estrelas, em metal branco, uma de cada lado, na gola; na pala do boné, um relvado circundante, com a estrela, emblema da P. S. P., ao alto.

Aos chefes competem dois galões, os ajudantes um; e os 1.°° e 2.° subchefes, respectivamente, três e quatro divisas. Na farda de pano azul, os galões que distinguem os postos são em bico, formato idêntico ao da G. N. R.

O comandante da P. S. P. de Lisboa, sr. tenente-coronel Luís Cunha, acompanhado pelo segundo comandante, sr. major Pinto Canelhas, recebeu hoje, no seu gabinete, os representantes da Imprensa, aos quais em nome do comandante-geral da corporação, sr. coronel Marques Oliveira, apresentou os novos fardamentos, explicando que, de momento, não era possível apresentar, simultaneamente, toda a corporação assim uniformizada, pois a oficina de fardamentos não tem possibilidade de os ter todos prontos, por falta de tempo. Assim, apresentar-se-ia apenas a referida formação com os novos uniformes na parada do 28 de Maio.

Falou, também, o sr. tenente-coronel Luís Cunha dos planos de novas instalações e ampliação dos serviços da P. S. P. para corresponder ás necessidades do publico.

U tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Norte e o céu estava muito nublado por acção duma massa de ar marítimo transportada na circulação dum anticiclone centrado entre os Açores e a Madeira.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto e Coimbra, 14°, Lisboa, Faro e Funchal, 17°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado, por vezes pouco nublado. Vento moderado de Noroeste.

DOUTORAMENTO

no Instituto Superior de Agronomia

Concluiu as provas para catedrático do Instituto Superior de Agronomia, o sr. eng.° Eduardo Silva de Oliveira e Sousa, que foi aprovado por unanimidade. A lição, tirada á sorte, incidiu sobre o tema «Nitreiras e outras instalações similares», e foi arguente o prof. eng.° agr.° António de Matos Barreto, catedrático daquele estabelecimento de ensino.

O juri era constituido pelos membros do conselho escolar daquele Instituto e pelos srs. profs. engs. Almeida Garret e Abecassis Manzanares, respectivamente, da Faculdade de Engenharia do Porto e Instituto Superior Técnico, sob a presidência do sr. prof. dr. Moses Bensabad Amzalak, reitor da Universidade Técnica de Lisboa.

Ladrão de jóias de alto coturno

preso e desmascarado

Em meados de Dezembro do ano passado, foi assaltada uma residência da Rua Andrade Corvo, de onde desapareceu elevado numero de joias, além de uma considerável quantia em dinheiro e objectos diversos, num total de 40 contos. Seguiram-se várias pistas, vigiaram-se indivíduos que costumam transaccionar objectos de proveniência duvidosa, mas não foi possível localizar qualquer dos artigos furtados.

Isto até que uma brigada da Secção de Justiça tomou conhecimento de que determinado indivíduo havia adquirido uma pulseira de ouro, cravejada de pérolas e diamantes. Não tardou em apreender o objecto e, de diligência em diligência, identificava, pouco depois, a pessoa que o transaccionara: Mário Alberto Alves Cortiço, de 30 anos, solteiro, em liberdade vigiada, embora com frequência se desloque ao estrangeiro. Diz-se pintor da construção civil, vendedor ambulante e comerciante...

Averiguaram os agentes que o Cortiço, que conta várias prisões por furto, mantinha duas residências, e numa delas, na Rua Alexandre Braga, possuir riquissimo mobiliário e grande quantidade de objectos de ouro, máquinas de escrever e fotográficas. Todo esse recheio foi apreendido, para se esclarecer a sua proveniência. Acerca de máquinas—uma de escrever e outra fotográfica—que o Cortiço afirma ter comprado, veio a apurar-se que foram furtadas aos seus proprietários do interior dos seus automóveis nos meses de Março e Abril ultimos.

O arguido, que a princípio negou ter cometido qualquer furto, pretendia fazer acreditar que todos aqueles valores haviam sido adquiridos com 220 contos que lhe sairam na lotaria.

Finalmente, o Cortiço acabou por confessar ter sido ele o autor do assalto á residência da Rua Andrade Corvo.

O arguido e grande quantidade de objectos de ouro apreendidos, máquinas de escrever e fotográficas, outras de barbear e mais artigos, foram remetidos á Polícia Judiciária.

Almirante Gago Coutinho

BUENOS AIRES, 23. — A colónia portuguesa de Buenos Aires mandou celebrar, na igreja do Imaculado Coração de Maria, uma missa em sufrágio da alma do sábio almirante Gago Coutinho. — (A. N. I.).

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços, compramos.
Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da bôca

Onda de atentados em Argel

ARGEL, 23. — Os rumores, que se têm intensificado nos ultimos dias, de que agentes do «governo argelino» prosseguem activamente nas suas diligências para que o rei Mohamede V, do Marrocos, aceite o papel de medianeiro, a fim de se procurar um acordo sobre o estabelecimento de tréguas na Argélia, estão a criar uma atmosfera de incerteza nos círculos franceses de Argel, que os rebeldes aproveitam para novos actos de terrorismo.

Morreram dois civis e muitos ficaram feridos em vários atentados. — (A. N. I.).

PRECAUÇÕES de segurança

no território da Uganda

KAMPALA, 23.—O território da Uganda encontra-se praticamente sob o regime da lei marcial, depois das decisões de excepção promulgadas ontem pelo governador *sir* Frederick Crawford e que se destinam a dar ás forças de segurança os meios necessários para pôr termo á campanha subversiva, desencadeada pela tribo Baganda, que tem como chefe Mutesa II, «Kabaka» da província de Buganda. — (A. N. I.).

Terminaram os trabalhos do XIV Congresso das Obras de Protecção às Raparigas

que amanhã será solenemente encerrado

O XIV Congresso da Associação Católica Internacional para Obras de Protecção ás Raparigas, ocupou-se hoje do problema da «Emigração maciça das jovens trabalhadoras e o papel das obras de protecção ás raparigas». Dada a sua vastidão, o problema foi dividido em duas alíneas sendo analisados os casos dos países de emigração e dos países de migração em teses apresentados, respectivamente, pelas sr.ªˢ marquesa de Sesseyl d'Aix Casana, vice-presidente internacional para a Itália, e Y. Darbre, presidente nacional, da Suiça. As teses foram seguidas com a mais viva atenção pelos congressistas, tendo sido feitas várias comunicações complementares, entre elas, uma do coronel Ferreira Baptista, presidente da Junta da Emigração.

A's 12 e 15, no Colégio do Sagrado Coração de Maria, houve missa celebrada pelo cónego Mamier, assistente geral da obra.

Depois do almoço, realizou-se uma excursão á região turística de Queluz, Sintra, Cascais e Estoril, tendo sido servida uma merenda na Escola Familiar Doméstica da Protecção, no Palácio da Gandarinha, em Sintra.

Esta noite, no Liceu D. Filipa de Lencastre, a Mocidade Portuguesa Feminina promove um sarau de homenagem ás congressistas.

Amanhã, o congresso reune para aprovação das conclusões e sessão solene de encerramento a que presidirá o cardeal-patriarca.

PRATEX
Alinda os cromados dos carros, os prateados, as pratas, etc.

EM 3 LINHAS

Foi concedida a medalha de ouro dos Socorros a Náufragos, por «relevantíssimos serviços prestados á salvação marítima nos mares dos Açores» ao «57 th Air Rescue Squadrom», de «Comusforaz», e á esquadrilha de busca e salvamento n.° 41 da base aérea n.° 4.

///

O sr. José Manuel de Noronha Gamito, segundo-secretário de legação, foi transferido para a Embaixada de Portugal em Copenhague.

///

O engenheiro Fernando Vasco Costa, professor do Instituto Superior Técnico, foi nomeado vogal do Conselho Superior de Obras Publicas.

///

Está orçada em 22.557 contos a obra de abastecimento de água a Almada e a outras povoações do concelho.

///

Em S. Martinho do Porto vão efectuar-se trabalhos de dragagem, que importarão em 1.000 contos.

///

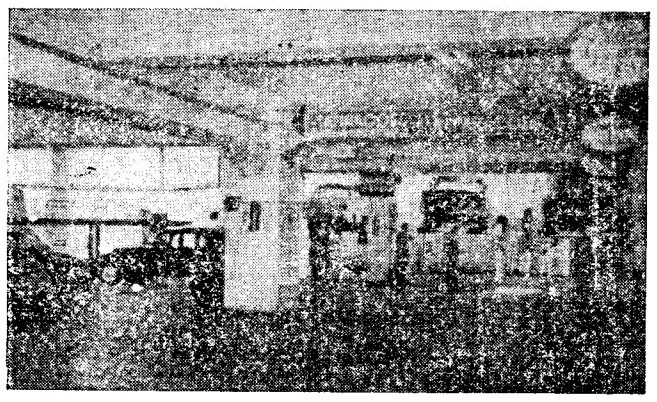
Foram hoje publicadas as listas de antiguidades do pessoal da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos e do Serviço de Fomento Mineiro.

///

Foram concedidas medalhas de ouro de comportamento exemplar aos seguintes funcionários dos Hospitais Civis de Lisboa: Alexandre Pinheiro, chefe de secção; Deilíciano Fausto Figueiredo, 1.° oficial; e Alberto Carlos Gomes de Freitas, 2.° oficial.

TERMAS DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

ATENÇÃO SRS. AUTOMOBILISTAS



Em virtude do elevado número de automoveis que, da parte da manhã, afluem á Estação de Serviço «Smiths», recomendamos aos Srs. proprietários de carros particulares a utilização dos nossos serviços de lubrificação e lavagem da parte da tarde, de preferência das 18 horas em diante, visto os mesmos funcionarem sem interrupção até ás 2 horas da madrugada.

4 Elevadores ● 2 recintos de lavagem ● Produtos «CASTROL» Serviço impecável ● e ambiente agradável ● são os principais atractivos que têm contribuido para uma afluência crescente que se procura orientar no melhor sentido.

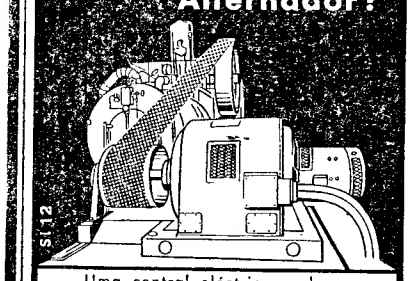
SERVIÇO OFICIAL
Castrol

AV. PRAIA DA VITORIA 73 B (Tel. 732574)

Porquê Correia SIEGLING

(leia Zi-glim)

para o Vosso Alternador?



Uma central eléctrica pode causar eternas arrelias e constantes prejuízos, se o correão tiver avarias: variações de frequência e abaixamento da potência, por exemplo, são consequências duma correia que dilata e escorrega.

A correia *SIEGLING* (patente alemã) composta de

couro autêntico e plástico

é inextensível, possuindo um inverosímil poder de aderência, características resultantes da associação destes dois componentes.

Maior potência e constância de velocidade são pois as vantagens da aplicação duma correia *SIEGLING*.

Outrossim, a superior aderência da correia de plástico *SIEGLING* permite eliminar o rolete tensor e suprime o aquecimento das chumaceiras.

Em montagens novas poderá usar-se um alternador mais rotativo e prever-se polias mais estreitas, distâncias axiais muito curtas, etc.

- **Peça prospectos ou a comparência dum nosso técnico.**
- **No prazo de 10 horas fornecemos correia *SIEGLING sem-fim*.**

Representante Exclusivo
Eng.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157 - Tel. 23484
LISBOA - Av. do Aeroporto, 1-C - Tel. 710342

SURPRESA...

UM ÓPTIMO VINHO DE MESA!

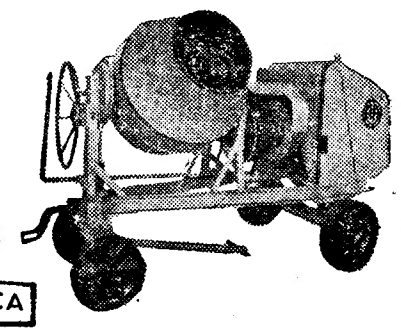
Os vinhos SURPRESA, em garrafão, brancos ou rosados, têm «agulha» e são preparados nas próprias vindimas. Além do esplêndido paladar, oferecem aos seus consumidores, prémios de 1.000$00, 500$00, 100$00 e 50$00 ou ainda outro garrafão. VEJA A CHAPINHA NUMERADA NO INTERIOR DA ROLHA.

Os vinhos SURPRESA são uma surpresa para o paladar mais exigente.

ARMAZENISTAS - EXPORTADORES
SOCIEDADE DOS VINHOS DO SUL, L.DA
RUA LUÍS PINTO MOITINHO, 5-B - LISBOA

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L.ts
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO

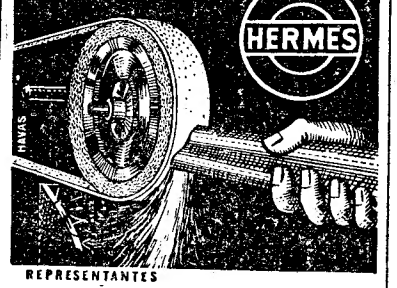


A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

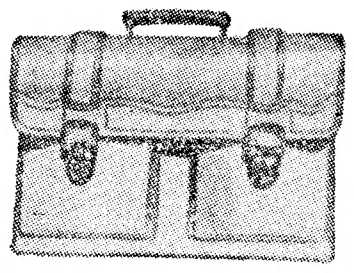
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 - LISBOA - TELEFONES: 32710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 38 - LISBOA - TELEF. 66 47 88

PULIMENTO PERFEITO COM CINTAS SEM-FIM ABRASIVAS



REPRESENTANTES
MOTA & TEIXEIRA, L.DA
PORTO — RUA DUQUE LOULÉ, 137
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-5.º

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido—R. Madalena, 97

ANTIGUIDADES

LEILÃO

HOJE, das 15 às 19 e das 21 às 24h.

RUA LUZ SORIANO, 53-1.º

continua a almoeda de um precioso e seleccionado conjunto de peças de colecção dos Secs. XVI a XIX, como seja mobiliário, tapeçarias, carpetes persas, pinturas, esculturas, bibelots, louças da China, pratas, estanhos, casquinhas, bronzes, magníficos exemplares de relojoaria, alguns raros, de armaria antiga e uma infinidade de objectos já descritos nos anuncios publicados neste e outros jornais e no catálogo já distribuido

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Tel. 21312

CASA DOS TAPETES DE ARRAIOLOS

Especializada em carpetes, tapetes, passadeiras de Arraiolos, assim como nos tipos Beira, Lousã, Persa e outros. Alcatifas — colocam-se com rapidez e perfeição. Esteiras e capachos. Restauros em todos os tipos de tapetes de fabrico manual.

Rua da Imprensa Nacional, 116-F
(Ang. lo da R. da Escola Politécnica)
TEL. 66 82 46 LISBOA-2

ESTORIL

DOMINGO, DIA 24, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

LEILÃO

CASA DO GOLFINHO

RUA DE INGLATERRA, 46
(PRÓXIMO DO CASINO)

MOBILIÁRIO E ADORNOS

Constando em especial de:

Mobília de quatro casal D. Maria, Mobílias modernas com 1 e 2 camas, Sala de jantar estilo inglês, Escritório de torcidos e tremidos em pau santo, Mobília de sala em palhinha, género inglês, Maples, Armários Renascença, lacados e encerados, Bufete Renascença, Papeleira de alçado, Mesas de jogo, de sala e de meia-lua estilo D. Maria e Luiz XV, Espelhos dourados, Credencias, QUADROS A ÓLEO DE BONS AUTORES, Loiças da China, índia e europeias, Relógio de caixa alta, Móveis modernos, Lustres, Carpetes, Cortinados, Muitos bibelots, PRATAS ANTIGAS, com contrastes de Braga e Beja, Algumas JOIAS ANTIGAS, e muitos outros objectos que estarão patentes no acto do leilão, para venda SEM A MÍNIMA RESERVA DE PREÇO

Por intervenção da agência

SOARES & MENDONÇA, LDA.
Telef. 21312 — L I S B O A

A caminho da barragem de Maranhão

o Presidente da República inaugurou

e apreciou importantes melhoramentos

(Continuação da 1.ª página)

inaugurar um bairro de 30 casas para as classes pobres, construído pela Camara Municipal, com subsidio do Ministério das Obras Publicas, e visitar a igreja-matriz, recentemente aberta ao culto, o Parque Dr. Oliveira Salazar e o jardim da Praça da Republica. O sr. almirante Américo Tomás recebeu também os cumprimentos das autoridades concelhias e seguiu a pé sobre um tapete de verdura desde o princípio da vila até ao novo bairro, já habitado, cujo terreno foi oferecido pelos srs. eng.º António e dr. Francisco Calheiros Lopes. Depois de cortar a simbólica fita da inauguração, entre grandes aclamações, o sr. Presidente recebeu folres de crianças que beijou, descerrou uma lápida comemorativa e visitou uma das casas, que tem cinco divisões.

Já fora da paisagem do majestoso Vale do Sorraia, o cortejo enveredou pela Estrada Nacional, de Salvaterra de Magos a Coruche, de onde se avistou, outra vez, a vasta e importante obra. No trajecto encontravam-se centenas de trabalhadores das herdades, muitos com o gado á sua guarda, e dezenas de dísticos de saudação e de agradecimento ao sr. Presidente da Republica, alguns mandados colocar pela Associação de Regantes e Beneficiados do Vale do Sorraia, que é a mais importante do País, á qual preside o sr. eng.º-agr.º Rosado Gusmão e que tem como vogais os srs. Feliciano Teixeira, de Coruche, e Mexia de Almeida, de Mora.

Depois do Couço, houve uma paragem de 15 minutos para visita ao açude do Furadouro, barragem de betão integrada na obra do Sorraia, e cuja finalidade é desviar as águas vindas da albufeira do Maranhão para o canal principal. Sobre este açude foi construída uma ponte que liga as duas margens da ribeira do Raia, com grande vantagem para a população. Alguns quilómetros abaixo, converge no grande canal um outro, proveniente da albufeira de Montargil, que conduz as águas para as terras da várzea, até Salvaterra de Magos e Samora Correia.

O Chefe do Estado inaugura o novo edifício do Municipio de Mora

Já passava do meio-dia quando o cortejo presidencial atingiu Mora, que se encontrava lindamente ornamentada, com colchas e colgaduras nas janelas, bandeiras, dísticos, etc., e muito povo, do qual se destacavam grupos das crianças das escolas. O sr. almirante Américo Tomás teve carinhosa recepção, correspondendo sempre com simpatia ás homenagens que lhe prestavam.

Na sua breve permanência, o Chefe do Estado, acompanhado dos membros do Governo e das autoridades locais, procedeu á inauguração do edifício dos Paços do Concelho, que percorreu, assistindo, a seguir, no largo fronteiro á Camara Municipal, num respeitoso acto, ao descerramento do busto do dr. Joaquim Nunes Mexia, que foi, após o 28 de Maio, o primeiro-ministro da Agricultura. Procedeu ao descerramento a sr.ª D. Eufrásia Mexia da Costa Praça, irmã do homenageado. E sob novas aclamações, a comitiva tomou o rumo da herdade de Chaminé, onde se efectuou uma paragem de cinco minutos para que o sr. Presidente pudesse admirar o gado seleccionado ali reunido, pertencente ao sr. eng.º Caldas de Almeida, presidente da Corporação da Lavoura.

A chegada a Montargil

Por volta das 13 horas, o cortejo presidencial chegou á barragem de Montargil, de onde se vislumbra um panorama paradisiaco, dirigindo-se imediatamente para o local do obelisco comemorativo, no qual foram gravadas palavras do sr. prof. Oliveira Salazar alusivas ao problema das regas. Depois de tocado o hino nacional, por uma banda da região, o arcebispo de Évora, sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, procedeu á bênção da obra, após o que o Chefe do Estado descerrou o monumento. O sr. almirante Américo Tomás, acompanhado também pelos governadores civis de Santarém, Évora, Beja, Guarda e Portalegre, presidentes dos municípios do ultimo distrito, comissões da U. N. e outras individualidades, visitou a central hidroeléctrica, onde premiu o botão que pôs automaticamente em actividade o grupo de turbinas. O momento foi assinalado por morteiros, foguetes e aplausos da compacta multidão, que durante horas o aguardou com excepcional entusiasmo, quase toda constituída por gente beneficiada pelo novo melhoramento.

Depois do Presidente ter recebido esclarecimentos dos ministros, directores gerais e técnicos sobre a grandiosa obra do Vale do Sorraia e o estado actual, bastante adiantado, dos projectos para a execução do vastíssimo plano de rega do Alentejo, que abrangerá 170 mil hectares, e, também, dos melhoramentos dos regadios colectivos do Norte do País, todos já em execução, efectuou-se um almoço volante, oferecido á comitiva presidencial, enquanto os restantes convidados empreenderam a marcha para o Maranhão.

Terminado o almoço, o Chefe do Estado seguiu pela estrada Ponte de Sor-Galveias-Avis, ao longo da maravilhosa paisagem da albufeira de Montargil. Os presidentes dos municípios de Ponte de Sor e Avis entregaram ao supremo magistrado interessantes lembranças comemorativas da sua pasagem por aquelas vilas; e em Galveias, o sr. Presidente assinou o «livro de honra».

A inauguração solene da barragem do Maranhão

Passava já das 16 horas, quando o sr. Presidente da Republica, sempre alvo de expressivas aclamações das numerosas pessoas que se aglomeraram nas estradas e povoações, agitando bandeirinhas e lançando pétalas de flores, chegou á barragem do Maranhã, a mais imponente construção de toda a grandiosa obra, que muito valorizará a economia nacional. Junto do obelisco comemorativo, realizou-se cerimónia idêntica á efectuada em Montargil.

Segue-se a visita ao descarregador da superfície da albufeira e á central hidroeléctrica, que o sr. almirante Américo Tomás também porá em funcionamento. Depois, num recinto improvisado no miradouro da barragem, de onde se desfruta um panorama de beleza esmagadora, efectua-se uma sessão solene, sob a presidência do Chefe do Estado, ladeado pelos referidos membros do Governo e directores-gerais, governador civil de Portalegre, presidente da Camara Municipal de Avis e presidente da Corporação da Lavoura. Proferem, então, os seus discursos, pela seguinte ordem, os srs. eng.º Amaro da Costa, director-geral dos Serviços Hidráulicos; António Feliciano Teixeira, em nome dos regantes; Heliodoro Lopes Chitas, presidente do Município de Avis; eng.º Quartin Graça, secretário da Agricultura; e eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas.

Terminada a série de discursos, o Presidente da Republica procede á entrega das condecorações ás pessoas mais directamente ligadas á construção do notável empreendimento: srs. eng.ºs-agr.ºs Francisco Barreto, com a comenda da Ordem de Mérito Agrícola; Sousa Dias e Azambuja Martins, oficialato da mesma Ordem; eng.ºs LuísCarvalho, Gabriel Rato, Adolfo Gonçalves e Carlos Pessa, oficiais da Ordem de Cristo; eng.ºs Lopes Martins, Castro de Lencastre e António Vieira, cavaleiros da mesma Ordem; João Crisóstomo, Manuel Sombreireiro, Manuel Veloso, Garcia Manuel e João Mendes, cavaleiros da Ordem de Mérito Agrícola, classe industrial.

O regresso a Lisboa

O regresso do Chefe do Estado e da sua comitiva á capital, está marcado para depois das 19 horas, com passagem por Pavia, Arraiolos, Montemor-o-Onovo e Vendas Novas, com a chegada a Lisboa prevista para cerca das 22 horas.

TAUROMAQUIA

Amanhã, ás 17 e 30 em Vila Franca de Xira, lidando oito novilhos do Couço os cavaleiros-amadores Manuel Pinto Lobato e José Cunha e Carmo, e os novilheiros Diego Medina, de Sevilha, e Fernando dos Santos.

E na Moita do Ribatejo lidam touros e novilhos de Barata & Nechas, os cavaleiros Alberto Luís Lopes e Pedro Louceiro, e os novilheiros Armando Soares e Manuel Durão.

Em Badajoz lidam novilhos de Terrones o madrileno Luís Alfonso Garcés, o sevilhano Curro Montes e o português José Julio.

VIDA ARTISTICA

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, esta tarde, inaugurou-se uma exposição de pintura e escultura dos artistas Celestino Alves, Navarro Hogan, Vasco da Conceição e Maria Barreira, que foram bolseiros da Fundação Gulbenkian em Paris. Assistiu á inauguração o dr. Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian.

Morreu um operário

na barragem de Chicamba

BEIRA, 23 — Morreu o europeu Guilherme Alves, que se encontrava a trabalhar numa galeria da barragem da Chicamba que foi inundada pelas águas, quando se experimentava uma outra galeria. O infeliz era natural de Vila Facaia e deixa viuva e uma filha de tenra idade. — (Lusitania).

DESASTRE MORTAL

COVILHÃ, 23.—Maria Alves, de 70 anos, viuva, residente na freguesia das Cortes, caíu ao lume, ao ser acometida por um ataque, sofrendo várias queimaduras.

Na freguesia do Sarzedo, quando apanhava lenha, Ana dos Ramos, de 70 anos, viuva, espetou um galho na vista direita, ficando cega.

Estão ambas internadas no Hospital da Misericórdia.

UMA FESTA

do Grupo Desportivo «República»

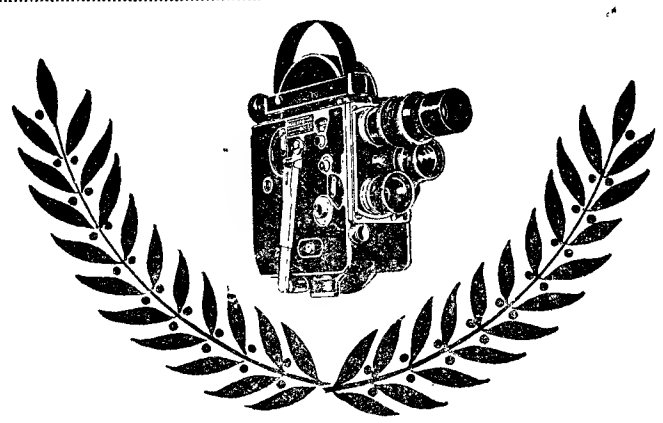
No salão da Sociedade «A Voz do Operário» realiza-se hoje, ás 21 e 30, uma festa promovida pelo Grupo Desportivo «Republica», do pessoal daquele nosso prezado colega, a favor do seu cofre de assistência.

Um excelente programa de variedades inclui a colaboração de artistas de renome, como João Villaret, Beatriz Costa, Igrejas Caeiro, Luís Piçarra, Anita Guerreiro, Dulce de Oliveira, o conjunto «Vozes de Portugal» e outros conhecidos elementos do Teatro e da Rádio.

Tem sido invulgar a procura de bilhetes, o que garante o bom êxito da simpática iniciativa.

CAFÉ CORUJA
RESTAURANTE TIPICO
CORUCHE — Telefone 114
PRATOS REGIONAIS
Caldeirada á Sorraia, Ensopado de Enguias, Lampreia com Arroz á Moda da Casa, Filetes á Marisqueira, Lombo de Porco no Espeto, Frango de Caril á Coruja, Bifes de Vaca na Cacola, Cabrito á Moda da Casa.
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

PERKINS-DIESEL
RECORRA À ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Auto-Industrial, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 66



PAILLARD

NA SENDA DOS TRIUNFOS
MECÂNICA DE PRECISÃO INCOMPARÁVEL!
ÓPTICA DE SUPERIOR DEFINIÇÃO, ALTAMENTE CORRIGIDA!
APRESENTAÇÃO LUXUOSA E POSSIBILIDADES INFINITAS!
SÃO AS BASES EM QUE ASSENTA A FAMA UNIVERSAL DOS PRODUTOS CINEMATOGRÁFICOS

PAILLARD

CÂMARAS, PROJECTORES E ACESSÓRIOS PARA FILMES DE 16 E DE 8 mm.

Eis um breve resumo das vitórias PAILLARD em 1958:

CONCURSO NACIONAL SUIÇO — Em Março
Foram apresentados 31 filmes, dos quais 19 foram feitos com camaras PAILLARD (13 com H16, 1 com H8, e 5 com B8). Dos dez filmes classificados nos primeiros lugares, oito foram rodados em camaras PAILLARD

CONCURSO NACIONAL BELGA — Em Março
Dos 49 filmes premiados neste Concurso, 40 foram feitos com camaras PAILLARD, que ganharam todos os primeiros Prémios, 4 Segundos Prémios e 18 Terceiros Prémios, além da Taça para O Melhor Conjunto. Os 4 filmes belgas seleccionados para o Concurso Internacional de 1958 foram rodados com camaras PAILLARD. Durante o Concurso, a projecção dos filmes de 8 mm. foi exclusivamente efectuada com o Projector PAILLARD M8R equipado com o SYNCHROMAT BOLEX M8

CONCURSO NACIONAL ALEMÃO — Em Maio
Apresentaram-se 44 filmes. O 1.º Prémio foi feito com PAILLARD H16. Das 4 medalhas de ouro atribuídas, duas foram para filmes feitos com PAILLARD. Das 9 medalhas de prata, 6 foram para filmes rodados com PAILLARD. As nossas camaras ganharam ainda 6 medalhas de bronze de entre as 15 distribuidas

CONCURSO NACIONAL ITALIANO — Em Julho
80 % dos 157 filmes apresentados foram feitos com camaras PAILLARD. Algumas projecções de filmes de 8 mm. sonorizados foram feitas com o projector PAILLARD M8R e SYNCHROMAT PAILLARD BOLEX M8

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CANNES — Em Setembro
Os filmes feitos com camaras PAILLARD ganharam: Os Prémios das categorias de ENREDO, CANÇÃO FILMADA, BONECOS ARTICULADOS e FANTASIA. Obtiveram a Taça do Melhor filme de 8 mm. e a Taça Battistella. A melhor selecção nacional foi a de ESPANHA, que incluia 4 representantes filmando com camaras PAILLARD. Em suma: 62 concorrentes utilizando camaras PAILLARD

FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME MÉDICO-CIRÚRGICO — Em Setembro
O Grande Prémio e 5 Taças foram ganhas por filmes feitos com camaras PAILLARD. 22 concorrentes apresentaram filmes rodados em PAILLARD

CONCURSO INTERNACIONAL DA U. N. I. C. A. — Em Outubro
Os 4 filmes belgas e os 4 filmes espanhois apresentados foram feitos exclusivamente com camaras PAILLARD. O Grande Prémio do Melhor Filme coube a um concorrente que empregou uma camara PAILLARD. A Taça MARÉCHAL e os Prémios dos Melhores Documentários também foram entregues a concorrentes que filmaram com camaras PAILLARD

FAÇA COMO OS MELHORES AMADORES DE CINEMA DE TODO O MUNDO:

PREFIRA SEMPRE PAILLARD!

PORQUE:
AS CÂMARAS E PROJECTORES PAILLARD SÃO:
PRECISOS, ROBUSTOS, EFICIENTES E ELEGANTES!

Bolex paillard

À VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

FORNOS

de arco e de indução

PARA FUSÃO DE FERRO,
AÇO E METAIS
NÃO FERROSOS

BIRLEFCO

BIRLEC-EFCO (Melting) Ltd.

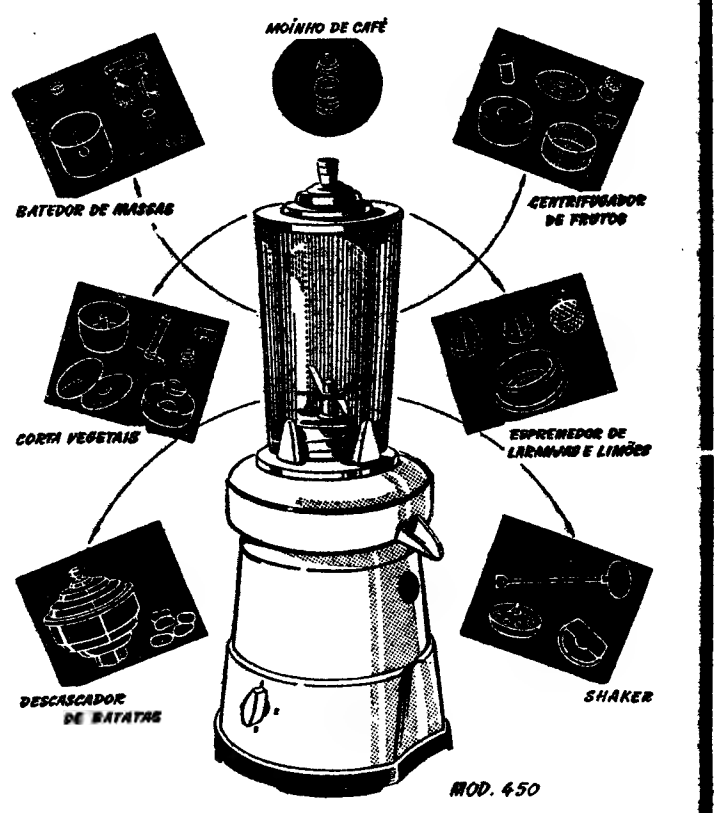
ALDRIDGE
INGLATERRA

REPRESENTANTE

GEP **GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA** GEP
RUA DO NORTE, 5 · LISBOA

TURMIX

BATEDORES



Distribuidores Gerais: **MARÇAL CORREA, LDA.**
Rua Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq.º, (com elevador), Tel. 26076
LISBOA

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«IMPÉRIO» 29 de Maio	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se necessário). Carrega em Lisboa de 24 a 26 de Maio.
«VERA CRUZ» 20 de Junho	Para: **Luanda e Lobito**. Carrega de 14 a 17 de Junho.
«UÍGE» 27 de Junho	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito e Moçâmedes**. Carrega de 19 a 22 de Junho.
«PÁTRIA» 3 de Julho	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se necessário). Carrega em Lisboa de 27 a 30 de Junho inclusivé.
«GANDA» 10 de Julho	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçâmedes**. Carrega em Lisboa até 8 de Julho inclusivé.
«BENGUELA» 23 de Julho	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia**. Carrega em Lisboa até 20 de Julho inclusivé.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 25 de Maio 17 de Julho (às 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 19 de Junho 28 de Julho (às 16 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

PARA UMA VIDA MELHOR

Vactric

2 utilíssimos aparelhos dotados dos mais modernos acessórios para a higiene e economia do lar
À VENDA NAS BOAS LOJAS DA ESPECIALIDADE
REPRESENTANTES EM PORTUGAL **AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LD** AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 43B · TELEF. 60181 · LISBOA

DELEGAÇÃO DE COIMBRA:
Av. Fernão Magalhães, 32-2.º

POLICLÍNICA
CAMPO D'OURIQUE
Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.º
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

PRAIA
Calções de banho ODILUP de Nylon e Lastex os melhores
Preços para revenda
Rua do Crucifixo, 76 - 4.º
(Tem elevador)

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA ALTA

Informações em Lisboa: **Rua do Ouro, 273**
GRANDE HOTEL CLUBE e BALNEÁRIO
Aberto de 1 de JUNHO a 30 de Outubro

Obtêm-se os melhores resultados no tratamento de
BRONQUITES - ASMAS
FLEBITES — CORAÇÃO
e em Renites, Doenças de Pele, Reumatismo Articular e Alterações da Tensão Arterial

IMPERIO

Precisamente À MEIA-NOITE, grande acontecimento europeu no maior cinema de Lisboa

1.º A melhor orquestra da França

concerto de jazz

CLAUDE LUTER

com o seu magistral conjunto de solistas

Uma noite memorável, com uma sessão de música moderna como só as grandes capitais podem apresentar

CLAUDE LUTER um nome que representa uma época!

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 5.ª página)

interpretação magistral de Kurt Meisel são outros tantos elementos a valorizar um filme «fora de série», servido por um argumento excepcional.

Para além de espectáculo emocionante de «suspense», «Alta Espionagem» é um filme notável, uma das melhoras obras da moderna cinematografia francesa, que se exibe no Roma, em 2.ª semana.

Coliseu

Sensacional acontecimento Hoje, às 21,45, Saludes enfrenta o «Mascarado» e promete ao público arrancar a máscara

ao seu adversário. Um combate preliminar e ainda um Torneio Relampago

Terminou ontem a 9.ª e ultima jornada do Torneio de Luta («Catch») que se tem vindo a realizar no Coliseu com raro brilho e extraordinário entusiasmo, cabendo agora ao juri conferir o título máximo de campeão da grande competição desportiva que conseguiu reunir os melhores e mais categorizados atletas da especialidade.

A arbitrar este torneio encontrava-se o grande lutador Saludes, que Lisboa tantas e tantas vezes aplaudiu e que, devido a um grave conflito com o «Mascarado», resolveu abandonar a arbitragem depois de consultada a respectiva Federação e reptar o «Mascarado» para um combate terrivelmente duro, como é de supor. E' precisamente essa pugna extraordinária que hoje se vai realizar, prometendo Saludes durante o decorrer do combate, arrancar a máscara ao seu adversário para que todo o publico fique sabendo finalmente, quem ele é. Conseguirá Saludes cumprir a sua promessa? Quem é, afinal, o célebre «Mascarado? Além deste prometedor e emocionante combate, realiza-se um Torneio Relampago entre H. Plata, Carlos Molle, Catarrecha e Galan e ainda um combate preliminar com Echevarria e Jean Mari.

A INAUGURAÇÃO

do matadouro de Sintra e do mercado de Queluz

O engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, inaugura, na próxima terça-feira, 26, dois importantes melhoramentos no concelho de Sintra.

Aquele membro do Governo será recebido ás 10 e 30, pelas autoridades concelhias, em Carenque, limite do concelho, donde seguirá para o novo e excelente mercado de Queluz. Depois de inaugurar este, procederá, também, á inauguração do novo Matadouro de Sintra, entre aquela vila e Mem Martins, visitando depois algumas obras em curso. E, ás 13 horas, presidirá, no Palácio Hotel de Seteais, a um almoço oferecido pela Camara Municipal de Sintra.

Viagens dos Açores para Lisboa

Pede-nos a firma E. Pinto Basto & C.ª, Ld.ª agente-geral da Sociedade de Navegação «Itália» que publiquemos a informação de que pode garantir imediatamente lugares em classe turística, de Ponta Delgada para Lisboa, nas viagens dos navios «Giulio Cesare», «Vulcania», «Saturnia» e «Giulio Cesare», que partem de Ponta Delgada nos dias 19 de Agosto, 8 de Setembro, 9 de Outubro e 16 de Dezembro e chegam a Lisboa nos dias 21 de Agosto, 10 de Setembro, 11 de Outubro e 18 de Dezembro; e que pode, também, a pedido dos interessados, obter reservas de lugares em primeira ou segunda classe cabina, três a quatro dias depois da recepção dos respectivos pedidos.

Vida religiosa

Peregrinações a Fátima

FATIMA, 23 — Num total de 300 pessoas, entre seminaristas, professores e respectivos superiores, reuniram-se em peregrinação á Cova da Iria os componentes dos seminários da Congregação do Verbo Divino de Fátima, Guimarães e Tortozendo.

Na basílica, houve missa de solene pontifical, celebrada pelo sr. bispo de Leiria que distribuiu a comunhão a todos os seminaristas. Após um almoço no qual tomaram parte os bispos de Leiria e auxiliar de São Paulo (Brasil), os seminaristas da Cova da Iria assistiram á representação teatral do drama «O Fausto».

— Um grupo de 36 peregrinos, provenientes de Liverpool, visitou o santuário, acompanhado pelo seu director espiritual, rev. Vicentins Burrowes. O grupo seguiu para Lisboa, a fim de assistir ás ordenações sacerdotais no Colégio dos Inglesinhos.

A ALEGRIA DE: BEATRIZ
O TALENTO DE: VILLARET
A GRAÇA DE: COSTINHA
E A EXCEPCIONAL CATEGORIA DE TODA A GRANDE COMPANHIA DESTE TEATRO FIZERAM DESTA
REVISTA
UM ÊXITO COLOSSAL!!!...

NO VARIEDADES
EM DUAS SESSÕES às 20,30 e 22,45 horas
CHAMPANHE SALOIO
Adultos, M. de 17 anos

AMANHÃ — Espectáculo á tarde, ás 16 horas

Beatriz no «28 de Mafra»

Villaret no «Conçonetista»

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27173
15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
Uma sátira engraçadíssima á burocracia militar americana
MARUJOS DE ÁGUA DOCE
com **Glenn Ford** e **Gina Scala**
Cinemascope — Metrocolor

EDEN TEL. 20768
15.30 e 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
3.ª e ultima semana
Um filme português diferente
A LUZ VEM DO ALTO
com **Maria Julce — Roberto Camardiel — Mário Pereira** e **Curado Ribeiro**
Uma obra diferente do cinema nacional, que ninguém deve deixar de ver.

AVIADE Telefone 763080
15.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme que faz rir toda a gente
MARUJOS DE ÁGUA DOCE
com **Glenn Ford** e **Gina Scala**
Cinemascope — Metrocolor

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21. (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Os dois artistas mais queridos do publico
Pedro Infante e **Sarita Montiel** em
PRECISO DE DINHEIRO

ROYAL TEL. 845037
A's 21 (M/12 anos)
Metroscope
SUBLIME TENTAÇÃO
c/ Gary Cooper
LONDRES À MEIA NOITE
com Walter Pidgeon

CINEMA IDEAL
As 21 (M/17 anos)
Superscope
O TESOURO DE PANCHO VILLA
Moana

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Vistavision Techn.
ALTA SOCIEDADE
com Bing Crosby

TIVOLI TEL. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
2.ª SEMANA
A alegria, o riso e a graça num dos melhores espectáculos do ano!
A MORENA ARDENTE
com **Paul Newman** e **Joanne Woodward**
Na história de uma mulher que é um vulcão de carne e osso!
AMANHÃ, ás 11 h. Ses. Clas. «**ANA KARENINA**» ((M/17 anos)

POLITEAMA TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Grande êxito do filme de «suspense»
Vibrante odisseia de uma jovem perseguida pela morte a cada passo...
UMA RAPARIGA EM FUGA
com **Ervin O'Brien** e **Efrem Zimbalist**
Adultos (maiores 17 anos)

CONDES TEL. 22523
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
O filme de grande acção em Cinemascope e Cor de Luxe
O DESCONHECIDO
com **Virgínia Mayo** e **Joel McCrea**
Uma história de constante «suspense».

CAPITOLIO TEL. 27493
A's 21 (M/12 anos)
colorido
MOBY DICK
com Gregory Peck
RIO DAS PENAS
com Guy Madison

ELIZ TEL. 48560
Às 21 (M/12 anos)
2 F. Cinemascope
O BÁRBARO E A GUEIXA
A LANÇA QUEBRADA

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos)
UM SOLTEIRO EM PARIS
A DESCONHECIDA

IMPÉRIO Tel. 551341/2
15.15, 18.15 (p. r.) e 21 (M/17 anos)
A extraordinária realização de **Charles Vidor**
A ARTE E A VIDA
com **Frank Sinatra** e **Mitzey Gaynor**
Uma história apaixonante num filme de classe excepcional.
A ses. da noite começa ás 21 h. para terminar antes das 0 horas. Ás 0 h.: **1.º Concerto de Claude Luter** (M/12 anos)

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
«Sir» **Alec Guinness** no mais engraçado, vivo e trepidante dos seus filmes!
ROUBEI UM MILHÃO
Ele provoca um escandalo em Paris e desnorteia a Scotland Yard em Londres!

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Uma obra de inclassificável beleza artistica
O MÉDICO E O MONSTRO
com **Spencer Tracy** e **Ingrid Bergman**

ROMA Telef. 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O drama da guerra numa história trágica da resistência francesa
ALTA ESPIONAGEM
com **Françoise Arnoul** e **Bernard Blier**
Bilhetes á venda p/ toda a semana

AVIS Tel. 47162
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um casal jovem frente ás realidades da vida
NASCIDA EM MARÇO
c/ **Gabriele Ferzetti** e **Mario Valdemarin**
Um filme neo-realista italiano

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
UM VERÃO APAIXONANTE
com Virgínia McKenna

TRINDADE
SÓ ATÉ DOMINGO
AS 21 e 45 (17 ANOS)
Não deixe de ver
a peça que é assunto de todas as conversas
À ESPERA DE GODOT
Amanhã, último espectáculo

Maria da Conceição

BAIRRO ALTO
UMA CASA PORTUGUESA
Rua da Barroca, 86 — Telef. 34435
Maria da Conceição
apresenta todas as noites, **Fados e Guitarradas,** com a consagrada **QUINITA GOMES**
A jovem artista DINORA CARMEN. Variações á guitarra e Viola, por ANTÓNIO BESSA e PEDRO LEAL
Óptimo serviço de restaurante
Aberto até de madrugada — M/ 17 anos

Os bancários argentinos
rejeitaram o ultimato do Governo que os intimava a retomar o trabalho

BUENOS AIRES, 23. — Termina hoje o ultimato do Governo argentino aos empregados bancários, em greve há 39 dias. Os grevistas serão despedidos, se não regressarem ao trabalho A partir de terça-feira, os Bancos poderão fazer despedimentos em grande escala e admitir outros empregados.

Os grevistas já obtiveram satisfação parcial das suas reivindicações: o Ministério do Trabalho autorizou um aumento de 800 pesos, o que é cerca de metade do que os grevistas pedem. Mas estão suspensas as relações entre os sindicatos e os organismos patronais publicos e privados. — (F. P.).

Admite-se um golpe de Estado

BUENOS AIRES, 23 — Uma vaga de boatos, impossíveis de confirmar, correm nesta cidade desde há 24 horas, relativos á eventualidade de um golpe de Estado, de carácter militar.

O mal-estar causado pela greve dos empregados bancários, o descontentamento provocado pelo custo da vida e pela desvalorização do peso, são a «tela de fundo» destes boatos, que se espalham sempre que a Argentina sofre crises de carácter politico. Os jornais fazem-se eco da inquietação geral.

Os observadores sublinham que o recente incidente da escola de pára-quedistas de Cordoba, quando 18 oficiais foram presos por terem manifestado o seu descontentamento e pedirem a sua transferência traduz a inquietação notada nos meios oficiais.

Por outro lado, assiste-se a uma ofensiva de declarações anti-governamentais, feitas por pessoas bem conhecidas nos meios militares, que tomaram parte na revolução anti-peronista e que foram transferidos depois da vitória eleitoral do presidente Frondizi. Estão neste caso o contra-almirante Arturo Rial, hoje reformado depois de ter sido subsecretário da Marinha, e o contra-almirante Isaac Rojas, antigo vice-presidente da Republica.—(F. P.).

O ultimato foi rejeitado

BUENOS AIRES, 23. — Quase todos os empregados bancários rejeitaram o ultimato do Governo.

Ontem, em diversos locais, os grevistas tentaram organizar comícios, mas foram dispersos pela Polícia, que se serviu de gases lacrimogéneos. Foram efectuadas 50 prisões e há um empregado bancário ferido.

Em Rosário, os grevistas bancários tiveram várias escaramuças com a Polícia, mas não há notícia de se terem efectuado prisões ou de haver feridos. — (F. P.).

Em ALMADA, na Tab. ARCADA, encontra-se á venda o «DIARIO DE LISBOA».

O sangue-frio
salvou-lhe a vida

SANTA MÓNICA (Califórnia), 23 — Maurice Wilson, ao ver que o piloto caía morto com um ataque cardíaco, vergado sobre a alavanca do comando, não perdeu a serenidade e, socorrendo-se de todos os conhecimentos adquiridos há vinte anos, conseguiu fazer uma aterragem forçada num campo aberto, evitando que o pequeno avião de dois lugares em que seguia se despedaçasse no solo.

Wilson obtivera o «brevet» há vinte anos, mas, desde então, nunca mais pilotara. — (A. N. I.).

ONDE ESTÃO
os herdeiros?

FIGUEIRA DA FOZ, 23 — (Pelo telefone) — O delegado do Procurador-Geral da Republica, nesta comarca, recebeu, do Brasil, com o pedido de publicação, a comunicação de que faleceu, naquele país, na Rua da Inspiração, 107, da Vila da Penha, Joaquim Cardoso, filho de Augusto Cardoso e de Maria Francisca, natural deste concelho deixando quatro prédios daquela rua, de que era proprietário.

Como ele deixara em Portugal a mulher e os filhos, de quem se julga que, há alguns anos, não recebia noticias, pede-se a quem os conhecer e souber onde se encontram para se dirigir a Isabel Freiria da Costa — Rua São João Gualberto, 228 — Vila da Penha (Brasil).

Christian Herter
convidou para uma conferência a realizar amanhã de manhã o ministro dos Estrangeiros francês

(Continuação da 1.ª pagina)

nacionais como a O. E. C. E., a C. E. C. A. e o Mercado Comum. Trata-se dum gesto de boa vontade bastante platónico, pois pressupoe que se tome por base de discussão o plano russo. Ora é precisamente aí que está o escolho que há duas semanas impede o andamento dos trabalhos da conferência. Em todo o caso, é de notar que Andrei Gromyko admite «a eventualidade de que os Alemaes reunificados fiquem com a faculdade de decidir pertencer aos organismos económicos internacionais que lhes convenham».

Falou por ultimo Selwyn Lloyd, que apenas disse algumas palavras em resposta a Andrei Gromyko Não vale a pena discutir este ou aquele artigo do plano soviético. Primeiro, teremos de discutir a reunificação da Alemanha Em seguida se falará do tratado de paz.

O pano caiu quando terminou a intervenção do ministro britanico, que mostra bem o ponto em que se está no fim de dez sessões Cada uma das partes elogia o seu próprio plano, e pede que seja o seu a servir de base de discussão O dilema mantém-se na mesma: reunificação primeiro e tratado de paz depois, ou tratado de paz primeiro (com as duas Alemanhas) e reunificação depois O trabalho da próxima semana será tentar fazer sair a Conferência deste beco. Conseguir-se-á isso decerto, com uma negociação cerrada dum compromisso que será mais um «molus vivendi» empirico do que solução definitiva do problema alemão. E o que está á em vista será encontrar caminho que conduza á reunião dos chefes de Governo.

A segunda semana termina assim com um ar de expectativa com uma pontinha de optimismo que não tem justificação nos resultados obtidos até agora, mas no ambiente geral da Conferência. As delegações ocidentais discutiram, nestas duas semanas iniciais, os aspectos do plano ocidental. Discutiram-nos e explicaram-nos e esperam agora que a delegação russa o julgue melhor. E agora de esperar que a delegação russa apresente na próxima semana uma nova proposta, construtiva, que possa servir de base de discussão.

A Alemanha Federal não receberá armas nucleares americanas

Assim depois de duas semanas de negociações, as teses em presença estão empatadas Leste e Oeste separaram-se para passar o fim-de-semana sem terem aproximado as respectivas posições. Os Ocidentais não estão dispostos a fazer o jogo de Moscovo, e os Russos pela sua parte, não querem dar prioridade ao problema da reunificação da Alemanha.

Mas estas duas semanas de discursos não foram realmente inuteis: conhecem-se agora os imperativos políticos que dominam os modos de ver dos ministros. De ambos os lados se deram explicações abundantes. Segundo as delegações ocidentais esta fase das explicações está encerrada. Os delegados do Ocidente, nas sessões da conferência e sobretudo nas reuniões a dois e a quatro com Andrei Gromyko, têm procurado eliminar os receios da U. R. S. S. a respeito do rearmamento da Alemanha. No jantar que Christian Herter ofereceu na quinta-feira aos seus colegas, o secretário da Defesa americano, Neil McElroy, teve oportunidade de afirmar ao ministro dos Negócios Estrangeiros soviético que os Estados Unidos não tencionam instalar rampas de lançamento nucleares a tais países. As forças armadas alemãs, assegurou o ministro americano, só serão fornecidas na Alemanha, nem armar as tropas alemãs com engenhos nucleares estratégicos. As leis americanas não permitem a comunicação de segredos militares a países estrangeiros, e impedem a cedência de engenhos ou das armas tácticas.

A questão das reuniões à porta fechada

E' difícil prever como vão prosseguir os trabalhos da Conferência. Mas um ponto parece já assente: é preciso começar a discutir a sério, e sobretudo sem os impedimentos impostos pelas necessidades da propaganda. Falou-se ontem na questão das conversações a porta fechada. Tem-se a impressão de que Andrei Gromyko daria preferência ao sistema de conversações a dois ou quatro, e não no Palácio das Nações. Oficialmente, o ministro russo diz que as reuniões publicas o satisfazem completamente, porque nada tem a esconder. Mas há indicações de que preferia conversações discretas. — (F. P.)

Selwyn Lloyd vai a Londres

GENEBRA, 23 — A conferência de Genebra suspendeu os seus trabalhos até segunda-feira, a fim de permitir que os delegados tenham as habituais férias de fim-de-semana.

Dos «Quatro Grandes», apenas Selwyn Lloyd resolveu aproveitar os dois dias «em branco» para uma breve visita a Londres. Os outros três Christian Herter, Maurice Couve de Murville e Andrei Gromyko não tencionam sair de Genebra, mas ignora-se se passam as próximas 48 horas como simples turistas, a admirar as obras de arte e as belezas da cidade, ou empregarão o tempo em esforços para encontrar, fora da sala das sessões oficiais, solução para problemas que a conferência tem tentado resolver. — (A. N. I.)

Herter e Murville encontram-se amanhã

GENEBRA 23 — Ao contrário do que havia sido anunciado, marcaram-se novos encontros entre os dirigentes ocidentais, nesta cidade, durante o intervalo de fim-de-semana da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros. Assim, perante as ultimas ameaças russas Christian Herter, secretário de Estado norte-americano, avistou-se hoje com o secretário de Defesa, Neil McElroy, e convidou o ministro dos Estrangeiros francês, Couve de Murville, para uma conferência, amanhã de manhã. — (A. N. I.).

Uma banda escocesa
visitará Coimbra

COIMBRA, 23. — Por iniciativa da Federação das Industrias Britanicas, Coimbra vai ser visitada, na próxima terça-feira, pela banda «Queen's Ond Cameron Highlanders», regimento criado em 1793.

Trata-se da mais famosa banda escocesa, que exibirá os seus uniformes de gala com os seus tradicionais «tartan» e as cores da família Cameron do Condado de Erracht.

Este regimento tomou parte na batalha do Buçaco, em 1810 e de tal forma se evidenciou que ainda ostenta na sua bandeira as insignias daquela batalha.

Nesta visita, a Federação das Industrias Britanicas será representada pelo sr. Peter Frank Dalrympla Tennant, que é director ultramarino daquela Federação e das Feiras Ultramarinas Britanicas, que vem acompanhado do major Underwood do «Cameron Highlander's»

A banda chegará a esta cidade, no comboio foguete, ás 10 e 54 e ás 12 e 30, na Avenida Navarro, haverá uma cerimónia militar, que consta do hastear das bandeiras inglesa e portuguesa, com honras militares.

A banda fará depois a sua apresentação em marchas e contra-marchas, e destilará pela cidade.

Morreu um Português
num desastre na Argentina

BUENOS AIRES, 23 — Vitima de um desastre de viação, teve morte imediata o português João Dias Gonçalves, inspector de uma companhia de prospecção de petróleos, natural de Mealhas, no Algarve.

Acompanhava-o um filho, de 12 anos, que nada sofreu.

Segundo declarações do rapaz, o pai adormecera ao volante, tendo o carro caído numa vala, a 8 quilómetros de Astra. — (A. N. I.).

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 72-3.º — **PORTO**

CAPITAL: 150.000.000$00

OBRIGAÇÕES DE 5 %—1959
RATEIO

de 40.000 obrigações de 1.000$00 cada, oferecidas ao público por intermédio dos estabelecimentos de crédito seguintes:

— CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, CRÉDITO E PREVIDENCIA
— AUGUSTINE, REIS & C.ª
— BANCO ALIANÇA
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO BURNAY
— BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FERNANDES MAGALHAES
— BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
— BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLANTICO
— CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS

Tendo-se verificado que o número de obrigações subscritas excedeu 40.000, houve necessidade, de acordo com o condicionamento da emissão constante dos anúncios publicados, de proceder a rateio, adoptando-se o seguinte critério:

OBRIGAÇÕES SUBSCRITAS	OBRIGAÇÕES ATRIBUIDAS	OBRIGAÇÕES SUBSCRITAS	OBRIGAÇÕES ATRIBUIDAS
1 a 100	FIRMES	351 a 400	350
101 a 135	101	401 a 450	400
136 a 150	130	451 a 500	450
151 a 200	150	501 a 600	500
201 a 250	200	901 a 1.200	900
251 a 300	250	De 2.000 ou mais	1.765
301 a 350	300		

Nestas condições, deverão os senhores subscritores de 25 a 30 do corrente mês proceder á troca dos documentos provisórios da subscrição pelas cautelas definitivas, nos estabelecimentos de crédito em que efectuaram a subscrição.

De acordo com os anúncios da emissão, o pagamento da 2.ª prestação de 50 % terá lugar no momento da entrega das cautelas. A entrega dos títulos definitivos será anunciada oportunamente.

Porto, 15 de Maio de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O discurso do Chefe do Governo

(Continuação da 1.ª página)

bor normal, e as autoridades não estivessem atentas na defesa da ordem e do trabalho, e todos nos engolfássemos em discussões sem fim nos termos que nos têm sido apresentados, ver-se-ia como, sob todos os aspectos, se ressentia a vida nacional: perdidas as certezas sobre que havemos tentado reerguê-la, a Nação deixar-se-ia minar da duvida acerca dos seus próprios interesses e destino, e por este mesmo facto se diminuiria.

A serenidade com que o Governo tem encarado os sucessos dos ultimos meses, por mais desagradáveis, provém em primeiro lugar da segurança dos princípios que defende e, depois, da força de que dispõe para sustentá-los. Com efeito nos dois campos em que tais divergências costumam esclarecer-se e decidir-se — e se tentaram esclarecer e decidir — nenhuma duvida subsistirá de que lado esteve o sinal da vitória.

Uma campanha vinda de fora contra os dois Estados da Peninsula

Isto não significa estarem vencidas todas as dificuldades. Há muito tempo já foi o Governo prevenido de que neste ano de 1959 se desencadearia internacionalmente, e contra os dois Estados da Península, uma campanha da maior latitude e violência. Que, quanto a nós, tal campanha se tenha aproveitado de acontecimentos internos ou em parte mesmo os tenha preparado ou dirigido, pouco importa ao caso. Têmo-la visto desenvolver-se em numerosos órgãos comunistas da Imprensa mundial, nos que, lhe são afins e até naqueles que, apesar de tantos exemplos pouco encorajantes, fazem no comunismo o seu seguro de vida.

Tenho seguido com curiosidade o fenómeno. Um qualquer, sem valor pessoal ou categoria política, preme aqui um botão e o que deturpa ou inventa de injurioso ou infamante para o seu próprio país aparece publicado nos mesmos termos e com idênticas ilações em muita parte por esse mundo. Há, portanto, ligações subterraneas e, certamente, poderosas que explicam e aproveitam estas conivências e cumplicidade. Abrangem áreas muito vastas nas sociedades modernas e, salva a parte que na acção se deve ao comunismo, sempre desperto e actuante, pendo a admitir que são geralmente estranhas á actividade normal dos Estados. Com a mesma sinceridade devo, porém, afirmar que esses mesmos me parecem cometer no caso sérios pecados de omissão.

Há pessoas simples que raciocinam assim:

Nós somos uma modesta Nação que não se atribui os índices altos da riqueza, da produção, ou dos níveis de vida, mas tem em dia as suas contas, mantém livre o comércio internacional e os câmbios com todas as nações, segura o valor da moeda e sustenta com suficiência a sua população. Não pretende impor as suas concepções ou instituições políticas, não levanta dificuldades á vida alheia, não perturba a paz e colabora com lealdade nos organismos internacionais. Nenhum Estado tem contra nós reivindicações, queixas fundamentadas, pretensões a que por justiça devamos satisfação. Trabalhamos duramente e procuramos progredir o mais possível, sem explorarmos abusivamente auxílios alheios, para elevar o nosso povo e sem prejuízo da solidariedade que nos une aos demais. Qualquer estrangeiro nos pode visitar, percorrer livremente o território, ver, indagar, informar-se, fazer por si mesmo uma ideia correcta da nossa vida. E, se ele próprio é insuspeito e livre, não devia deixar contaminar as suas conclusões dos ódios políticos que escorrem pelas valetas de todos os países, e nem recorrer a eles, muito menos albergá-los e considerá-los expressões objectivas da vida alheia. Por que, então, estas campanhas que a olho nu qualquer vê destituídas de sinceridade e de verdade?

E' ingénua esta maneira de pensar nos tempos de hoje e no que importa ao caso português. Na base da nossa vida colectiva, tal como a compreendemos, a organizamos e pretendemos viver, existe um forte substracto ideológico de que ela dimana, que a explica e sustém, e sustém mesmo em larga medida a própria realdade geográfica que é a Nação portuguesa. Tocamos assim o ponto essencial á compreensão do assunto: este abraço mortal que se desenha e mais e mais se aperta em relação ao Ocidente não pode fechar-se, sem que a Península seja nele envolvida e desfeitos todos os valores de coesão e criação dos respectivos povos — de coesão para se manterem íntegros, de criação para se projectarem no futuro. Quem pensar que se trata de preferências por doses maiores ou menores de democracia ou de liberalismo, de mutações de pessoal governante, do interesse de classes ainda desfavorecidas ou injustamente tratadas, não vê a questão em toda a sua latitude. Esses podem ser meios; não são os fins. O que se intenta é desintegrar valores eficientes de uma civilização e libertar posições essenciais para avanços necessários noutras direcções.

Apetecia-me fechar este capítulo com uma frase do Evangelho: «e quem tiver ouvidos de ouvir, ouça»; mas não posso conclui-lo sem chamar a atenção para o seguinte. Este género de guerras que chamam psicológicas substituem hoje as lutas armadas, mas só podem conseguir os mesmos objectivos, se a Nação não tem temperados os nervos como se faz mister. Não digo que não sejam também precisas as armas, mas é necessário começar por ter um animo forte, seguro da sua verdade; quer dizer, uma doutrina, uma consciência, a decisão de não se deixar vencer. Habituados como Nação, desde séculos, a mandar em nossa casa, não julgamos possível serem bem sucedidas interferências estranhas que apoiam antinacionais do interior. Aguentar! aguentar! e nada mais é preciso para que amaine a tempestade e se nos faça justiça.

As relações entre Portugal e o Brasil

Um dos sucessos dos ultimos meses e — vamos esquecer outros semelhantes, um pouco estranhos — um desses sucessos merece pela sua relevancia referência especial. Aludo ás dificuldades que pretenderam criar-nos com o Brasil a propósito de um mais que simulado refugio político. Notarei em especial duas coisas: uma, a ligeireza com que conhecidos sectores procuram transplantar para a vida de relações internacionais as suas irredutibilidades na política interna, e fazem apelos a governos estrangeiros para os colocarem no poder; outra, a ideia de por aquele caminho suscitarem um conflito entre Portugal e o Brasil, como se o afecto que liga os dois povos lhes permitisse alguma esperança. Opunha-se, como disse, o afecto de irmãos; e também vastos interesses recíprocos.

Quando reflicto na grandeza, pujança e futuro do Brasil, como dos mais países da América Central e do Sul, de que o Brasil pode ser sem qualquer espécie de melindre uma sorte de conselheiro e guia, parece-me o seguinte:

O maior mercado da produção destes países é, e terá de continuar a ser, pelo poder económico e proximidade territorial, a América do Norte. A parte dificuldades que surjam de quando em quando, relativamente aos preços das matérias-primas e géneros primários de proveniência centro e sul-americana, dificuldades que, aliás, não podem ser resolvidas senão no plano mundial, em virtude da concorrência comercial e política existente, é aos Estados Unidos que, naturalmente, incumbe dar o principal apoio económico e financeiro a toda aquela área. No estado actual da economia dessas nações, e mesmo atenuada a pressão existente no sentido de rápida e intensa industrialização, a maior fonte de capitais e as maiores possibilidades de absorção dos produtos estão, por ora, na América do Norte e não noutras partes, ainda que a Europa esteja longe de desinteressar-se daqueles mercados.

Acontece, porém, que, se económicamente pode dizer-se que a supremacia pertence ali aos Estados Unidos, a formação espiritual, a religião, a língua daqueles países é latina e mais precisamente portuguesa, quanto a um, e espanhola, quanto aos mais. Se a alma também em relação aos povos vale alguma coisa, e se a formação se liga ao sangue que corre nas veias, há assim um vasto sector de relações que deverá estabelecer-se noutro sentido, e este é o da Península Ibérica, aliás ponto obrigado de passagem para a restante latinidade. Sem prejuízo de um mercado comum, se vier a ser estabelecido, e das mais apertadas relações políticas no continente americano, nem o Brasil nem as republicas sul-americanas desejarão tão cedo — e será de lastimar que um dia o façam — desligar-se das suas origens, esquecê-las ou menosprezá-las. E, dada a tendência e necessidade da formação de grandes blocos, uns de interesses económicos, outros de afinidades espirituais, nada mais claramente se impõe que o planeamento duma larga política ibero-americana, que aliás está delineada triangularmente na comunidade luso-brasileira, no bloco peninsular, nas íntimas relações da Espanha com as republicas sul-americanas.

Para nos cingirmos ao que especialmente nos respeita, pode ser que haja alguns Portugueses e também alguns Brasileiros não perfeitamente conscientes do valor desta política, mas aqueles que no Brasil elaboraram o Tratado que criou a comunidade — porque veio de lá a primeira fórmula — esses sabiam bem que larguíssima acção estava aberta aos dois povos, se, prestando-se mutuo apoio, se lhe quisessem dedicar.

Quanto ao Brasil, parece-me que mantida, como deve ser, a unidade política, refrescado a miude o sangue pela incorporação de elementos demográficos identicos aos dominantes na sua população, consolidada a formação espiritual que vem das origens, estão criadas as condições para um desenvolvimento a que não podem prever-se limites. E da parte de Portugal—que Portugal interessa ao Brasil?

O ascendente luso-brasileiro

Quando se olha a imensa costa brasileira e se avalia o seu peso e domínio potencial no Atlantico Sul, tem de compreender-se que não é só o Portugal continental e as suas pequenas «poldras» atlanticas que podem bastar á segurança de vida e de expansão do Brasil; mas o Portugal, tal como é, com a vasta extensão das suas costas africanas, os seus portos e bases, a sua presença e peso no Continente negro. Só assim nos surge um vasto espaço marítimo em que o ascendente luso-brasileiro é inegável pelas extensões terrestres que o delimitam e os meios defensivos de que dispõe. Mas é evidente que quaisquer reticências em relação ao Portugal ultramarino já não se enquadram nesta construção.

Há ideias que levam seu tempo a amadurecer na consciência dos povos para se lhes pesar o alcance e se ver até onde chegam as consequências. Quando me lembro de que estamos há anos embaraçados em minucias do acordo ortográfico, e de que muitos problemas culturais, jurídicos ou económicos não puderam ainda ser resolvidos, apesar da inegável boa vontade de todos, tem de reconhecer-se que ou se lhes empresta a conveniente base política ou não se conseguirá para eles solução que valha.

Os problemas de África

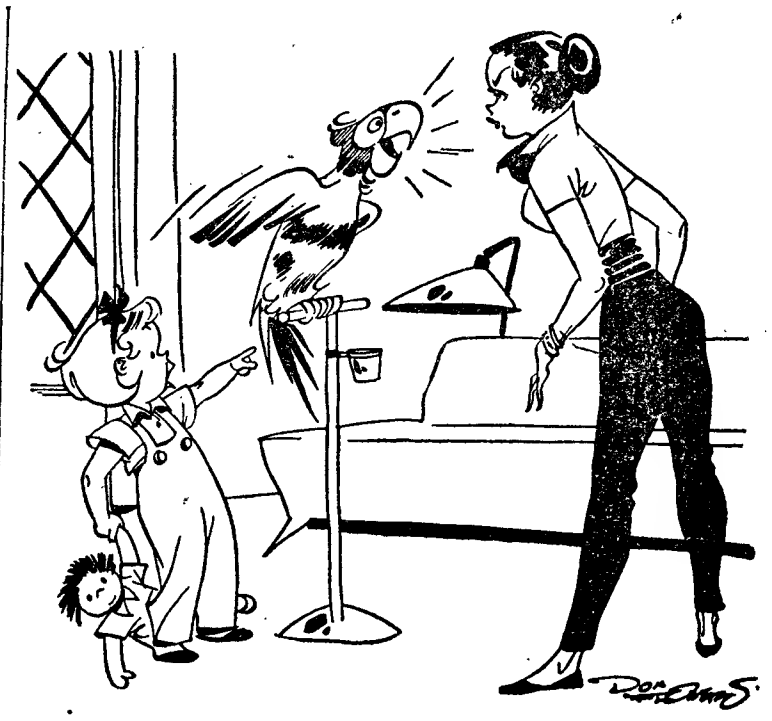
As ultimas considerações levam-me a encarar, embora sumarissimamente, problema de Africa. Literalmente a Africa arde; arde mesmo nas adjacências das fronteiras portuguesas. E porque arde a Africa? Não pensemos que é por combustão interna, digamos, pela fatalidade de um movimento histórico que arrasta as suas populações para a rebeldia, a subversão, a forçada dispersão e independência; arde porque lhe deitam o fogo de fora. (Na época calamitosa que vivemos, parece aliás que já ninguém tem reparos a fazer á acção subversiva de certos Estados que ao mesmo tempo se afirmam pacíficos e pretendem viver em paz com outros na comunidade internacional. Tudo lhes é levado á conta de contribuição util para a formação de novo Mundo).

Ao referir-me á Africa, não falo dos Estados norte-africanos nem dos de antiga independência como a Etiópia, que são um problema á parte. Refiro-me á Africa ao sul do Equador, cuja soberania tem estado confiada a Estados europeus.

Os problemas que se suscitam podem alinhar-se assim:

Primeiro. Repetirei uma velha ideia, hoje, ao que parece, generalizada: a Africa é o complemento da Europa, imprescindível á sua defesa, suporte necessário da sua economia. Isto quer dizer que grande parte da potência europeia se pode perder com os territórios africanos,

(Continua na página seguinte)



— Foi ele quem me ensinou

Semana do contribuinte

JURISPRUDÊNCIA

Imposto sobre a aplicação de capitais, secção B

— Da sujeição ao imposto dos lucros atribuidos aos *sócios não gerentes* das sociedades por quotas.
— Lucros de exercício social.
— Compropriedade de quota social indivisa.

Dispôs a Lei de 11 de Abril de 1901, no seu artigo 9.º:

«...Devem exercer em comum os direitos respectivos os comproprietários de quota social indivisa».

E no § 2.º deste artigo:

«...Não estando designado um representante dos comproprietários, os actos praticados pela sociedade a respeito de qualquer deles produzem efeitos contra todos».

O artigo 27.º da mesma lei, porém, diz:

«...Os gerentes podem ser designados na escritura social ou eleitos posteriormente.

Ora, desde que o pacto social prevê a possibilidade de nomeação ou eleição de um dos comproprietários em representação dos direitos inerentes á quota indivisa e esse representante dos demais comproprietários, exerca a gerência de direitos — nos termos expostos — e efectiva ou de facto, e achando-se o mesmo representante investido na gerência social, como se disse, os lucros atribuidos á *quota indivisa* propriedade de herança, não são passíveis do imposto de capitais a que se refere o n.º 2.º do artigo 44.º do Decreto n.º 8719, de 17 de Março de 1923.

É de concluir assim por virtude do preceituado no art.º 27.º daquela lei.

— Esta também a doutrina seguida pela jurisprudência do Supremo Tribunal Administrativo, como se pode ver no Recurso 14.134.

Contribuição Industrial

— Rendimento fixado pela comissão a que se refere o art.º 6.º do Decreto-Lei n.º 24.916.
— Alterações futuras no exercício da actividade comercial e industrial.

«...No regime tributário vigente, quaisquer alterações futuras á fixação do rendimento, no que os tribunais não têm de interferir (cf. Decreto-Lei n.º 24.915), influindo na sua valorização, não fazem nascer qualquer sobrecarga tributária adicional na colecta encontrada; pelas mesmas razões, e no caso inverso, em virtude da ocorrência de circunstancias supervenientes, implicando a possível desvalorização desse rendimento que o contribuinte não quis ou não soube prever ou prevenir, haverá que rejeitar qualquer *anulação parcial* da colecta liquidada, e antecipadamente lançada e computada.

Do «Boletim» n.º 1, 1959, pp. 100/101.

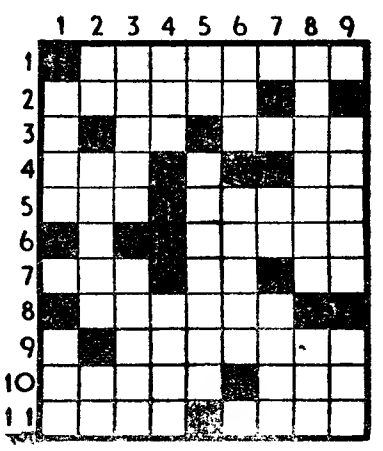
Madrinha de guerra

O soldado n.º 66/57 do 1.º Esquadrão do Grupo Divisionário Carros Combate, em Santa Margarida, Celestino Reis Rodrigues Bento, pede por intermédio do «Diário de Lisboa» uma madrinha de guerra que com ele mantenha correspondência.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1603



HORIZONTAIS: 1 — Palavreado. 2 — Desimpediam. 3 — Artigo (pl.:). Congénere. 4 — Gritos de dor. Alto aí! 5 — Lavra. Cidade da Bélgica, na província do Luxemburgo. 6 — Interpretes um escrito. 7 — Recusa. Existe. Batráquio aquático. 8 — Alemão instalado na Checoslováquia, á beira dos montes Sudetos. 9 — Dedicamos. 10 — Exclusiva. Cem centiares. 11 — Outro nome da Irlanda. Mais mau.

VERTICAIS: 1 — Linfa. O qual. 2 — Símbolo químico do chumbo. Iguais. Símbolo químico do níquel. 3 — Estação climática da Suiça, no cantão de Grisões. Dar atenção. 4 — Gracejas. Melifluo. 5 — Nota de musica. Vila e concelho da ilha da Madeira. 6 — Ave semelhante á avestruz. Restabelece. 7 — Medida itinerária chinesa. Estimai. 8 — Foliar. Rezo. 9 — Serena. Estar.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n. 1602

HORIZONTAIS: 1 — Exprobava. 2 — Revelei. 3 — Exilam. 4 — Ver. Dar. 5 — Mas. Ao. 6 — Fá. Acres. 7 — Ancas. 8 — QUEM. Meca. 9 — Iodo. 10 — Aro. BEM. 11 — Ré. Anuirá.

VERTICAIS: 1 — Eden. Faquir. 2 — Manu. 3 — Priva. CEIA. 4 — Reles. Amora. 5 — Ovar. As. Don. 6 — BEM. AC. Mó. 7 — Al. DORME. Bi. 8 — Vexa. Crer. 9 — Ai. Rosna. Má.

(Provérbio: QUEM BEM CEIA BEM DORME).

MEIAS 20$00
FINISSIMAS
SÉCIA
BOUTIQUE
31 - Rua da Conceição
Tel. 30546 — Lisboa

Em ALCOBAÇA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOSÉ NARCISO DA COSTA.

O discurso do sr. Presidente do Conselho

"A nossa marcha não poderá nunca comportar nem paragens, nem regressos"

— afirmou o prof. dr. Oliveira Salazar

O sr. prof. dr. Oliveira Salazar no uso da palavra

(Continuação da página anterior)

ou, o que é o mesmo, a Europa pode ser abatida em Africa.

Segundo. A economia, a instrução, a organização administrativa de muitos destes povos africanos vão seguramente progredindo. Mas, pondo de parte o alto valor intelectual de alguns dirigentes que se têm revelado, esses povos não apresentam, formados da população nativa, nem quadros, nem técnicos suficientes, e não dispõem de capacidade económica própria, para sustentar uma independência solvente ou progressiva.

Isto significa, em terceiro lugar, que esses povos, se não puderem contar com o eventual apoio das antigas nações soberanas, têm apenas diante de si duas alternativas — a regressão ou a submissão a novos dominadores.

Económica e politicamente, o problema envolve as mais graves consequências. Como os capitais privados se não sentirão atraídos por situações precárias e instáveis, e os fundos internacionais gratuitos serão naturalmente escassos, estes novos Estados podem sentir-se tentados a resolver as dificuldades pelo recurso á socialização geral dos meios de produção e ao trabalho escravo. E embora as condições sejam muito diferentes das da Russia e da China, em que porventura se inspirarão, os mesmos processos poderão ser por eles tentados. Então á regressão e á submissão a outros dominadores temos de acrescentar, ao menos como perspectiva possível, uma África comunista com as mais ilações políticas que daí resultariam.

O papel que os Estados comunistas têm desempenhado nesta campanha de África não precisaria senão do primeiro ponto acima referido para ser explicável. Tudo que seja diminuir, enfraquecer, desintegrar as forças do Ocidente está dentro do seu objectivo e imediato interesse. Mas se, como se tem visto, podem utilizar o novo estado de coisas para instalar-se e instalar os seus poderosos meios de acção, fomentar outras desintegrações, dominar até onde seja possível a economia e a direcção política, o comunismo estende de facto o seu domínio e cria novas formas e zonas de colonização.

É pena que, tendo a Russia e diversos Estados asiáticos uma política de África, os Estados Unidos não se tenham encontrado em condições de definir a sua, tão claramente como eles, porque não é uma política seguir os acontecimentos mas evitá-los ou dirigi-los. Essa definição, no caso de não se opor á Europa Ocidental de que a América é aliada, seria só por si factor decisivo de aquietação no continente africano. E, sendo possível que nestes termos os Estados Unidos tivessem de desagradar a muitos, acrescentarei que para os povos como para os indivíduos há momentos na vida em que é preciso escolher.

Estas reflexões são para nós; não julguemos que convencem os agitadores doutrinados para os quais uma independência mesmo nominal e a importancia de uma chefia política sobrelevam todos os bens da Terra. Não tem de respeitar-se quando infundado mas tem de reconhecer-se a força deste idealismo, se ajudado de fora, como é, e não contrariado de dentro, como deve ser.

Nos termos em que as coisas se encontram, os problemas que certo numero de países com responsabilidades em África aí enfrentam não são pois já só os da direcção de uma economia o mais próspera possível, da educação de populações chamadas a participar justamente das riquezas criadas e da administração dos interesses colectivos, da possível integração em fortes agregados políticos que sejam por si sós a garantia da continuidade dos progressos conquistados. Não. Do que se trata, e imediatamente, é de salvar a África do assalto combinado dos interesses a que me referi e de evitar a sua destruição através de fórmulas que sabemos lhe seriam fatais. Uma política ajustada dos territórios da África Central e Meridional pode facilitar a acção.

Aspectos da política ultramarina portuguesa

Na campanha de descrédito a que aludi no princípio das minhas palavras, já se sabe que a parte ultramarina portuguesa é também visada e com especial acrimónia. A nossa pretensa incapacidade colonizadora, a deficiência de capitais, a falta de dinamismo na produção, a lentidão da difusão do ensino, os baixos salários pagos, a deficiência da protecção sanitária e muitas coisas do género se lêem hoje não já nas críticas ligeiras da Imprensa diária mas em discursos formais, conferências, teses de universitários e relatórios de institutos internacionais. A indevida generalização de casos individuais que nós próprios relatamos para escarmento de autoridades subalternas ou de particulares responsáveis, é um dos métodos seguidos; as comparações estatísticas, desaconselhadas pela disparidade das condições e dos elementos confrontados, é outro. Nenhum dos estudos que pude compulsar analisa porém, certo aspecto da vida ultramarina portuguesa ou lhe atribui qualquer significado. Esse aspecto é o seguinte:

Nós não pensamos em negar o relativo atraso de algumas regiões e a deficiência de alguns serviços. E' evidente faltarem estradas e pontes, faltarem hospitais, faltarem escolas, e faltarem até, senhores, elementos de polícia e forças de defesa. Por que milagre então de Timor a Cabo Verde, há paz e todos podem notar o tranquilo viver das populações? Porque pode atravessar-se de lés a lés Angola ou Moçambique, não se contando senão com a boa disposição do nativo, a sua fraterna ajuda, no fundo o seu portuguesismo? Porque diz o nativo de Angola ou Moçambique em qualquer país estrangeiro em que se encontre que é português? Ou, porque não tendo saído do seu torrão natal, sabe que é português e que ali também é Portugal?

Este facto significa que não é assisado pretender reduzir a índices económicos toda a obra colonizadora; significa que há uma obra de compreensão e afectividade humanas que através dos tempos e das gerações vão criando uma convivência inter-racial de valor inapreciável, convivência que é a base de resolução dos problemas africanos, e sem ela nenhum terá solução capaz. E' esta a nossa convicção; mais do que convicção, é esta a nossa maneira de ser; e é por isso, que, embora os valores espirituais estejam a ser depreciados por uma civilização que se esvazia do seu conteudo, nós continuaremos contando com eles. Mas temos de contar também com as circunstancias exteriores, se forem capazes de alterar a calma das populações e a ordem e o trabalho nas parcelas ultramarinas do território nacional. E contra elas se tem de lutar por todos os meios apropriados.

No fim da guerra nós tinhamos em Angola e Moçambique forças de alguma importancia. Nunca me consolei de se haverem evacuado. O meu empenho que circunstancias do momento não deixaram vingar, era que passassem muitos milhares de jovens portugueses por aquelas terras. Muitos se teriam fixado ali, aumentando com a população activa as possibilidades de defesa, e uma parte importante da oficialidade teria feito o complemento da sua formação em territórios que cheiram ainda ao suor dos pioneiros e ao heroísmo dos homens da ocupação. Sob a influência da grandeza da terra e da gente, viriam e voltariam pois maiores e, se possível, mais portugueses.

Estamos revendo as bases de solução destes problemas em harmonia com as condições actuais e necessidades que possam sobrevir. Ainda que a defesa mais eficaz seja a confiança recíproca e solidariedade das populações no mundo português, temos de estar presentes como sempre e agora mais vigilantes que nunca. O carácter de acontecimentos recentes e vizinhos pode ter destruído algumas ilusões mas deixou de pé um facto que podemos considerar permanente na nossa história ultramarina: na ausência de influências estranhas, os Portugueses de qualquer raça e cor não usam desvairar-se e seguem em paz o seu caminho.

O momento económico

O tempo que me destinara está findo e por isso não versarei já um ponto que tinha intenção de tratar. O momento económico que atravessamos apresenta tanto na ordem interna como na internacional dificuldades que nos preocupam e teria sido vantajoso fazer-lhes referência. Além disso, nos anos que se dedicarão ao II Plano de Fomento é fácil desenvolver-se uma argumentação de tendência demagógica que conviria prevenir. As dezenas de milhões de contos em que se traduz não beneficiarão em boa parte os Portugueses, mas industrias estrangeiras. Em todo o seu volume, não assegurarão aqui trabalho, nem devem provocar alta sensível dos salários, nem darão, salvo no seu termo, possibilidades de distribuição de terras irrigadas. A maior parte dos empreendimentos destinam-se ainda a dotar o País das infra-estruturas necessárias á mais correcta e produtiva organização do trabalho, e com esta á distribuição mais equitativa do rendimento nacional. Apesar dessas necessidades, fizeram-se esforços para equilibrar as aplicações de modo que houvesse desde já utilidades ou comodidades a incorporar em boa medida na vida dos Portugueses, mas isto não altera grandemente a resultante aludida acima. Se eu pudesse mentir-lhes não diria isto, mas isto é a verdade.

A indecisão em que hoje corre a vida das nações, conscientes da necessidade de distribuir pelos povos maiores quinhões de riqueza mas paralisadas ante a perspectiva de haverem de consumir em gastos de defesa boa parte dela, embaraça a vida de todas e portanto a nossa. Se destas reuniões internacionais pudesse sair a perspectiva de soluções pacíficas, o Mundo as bendiria; infelizmente, como vimos há pouco, vão mudando os teatros de guerra ou de agitação, mas a paz está longe de nós. Quer hajam de bater-se quer não, as gerações presentes são gerações sacrificadas, e é certo que mais ó seriam ainda, se os governos descurassem a defesa das nações. Mas em tais problemas não são livres os governos que têm a consciência das suas responsabilidades.

Pela pressão destes ou daqueles problemas, alguns dos quais atingem acuidade desconhecida em épocas passadas, a vida dos governos é atormentada e a condução dos povos muito difícil. À medida que as dificuldades se multiplicam ou agravam, a organização política e os processos de governo evoluem, á procura de uma linha de adaptação a essas dificuldades e a mais seguro rendimento. Um Estado forte, um governo forte tornam-se cada vez mais instantes. Se repararmos na parte do mundo, fiel teórica e práticamente ás instituições que nos legou o século XIX, veremos como é reduzida, em face daqueles Estados que por aqui ou por ali procuraram caminhos, uns de salvação, outros de progresso. Ao verificá-lo não deveríamos ser apelidados de teimosos, improgressivos, agarrados ás primeiras fórmulas, mas de avisados e prudentes por tê-las descoberto e aplicado a tempo.

E' evidente que este conjunto governo-povo exige para a boa marcha da vida nacional compreensão e confiança recíprocas. E exige também tomar cada um sobre si a parte de sacrifícios que lhe cabe na tarefa colectiva. Há muitos anos em Braga, indicando as difíceis tarefas que tínhamos de enfrentar para poder realizar a obra de valorização nacional, perguntei quem tinha coragem de nos acompanhar. A imensa multidão que me escutava respondeu em uníssono — *todos*. Desde essa hora alguns porventura terão achado demasiado o fardo que se lançara sobre os seus ombros, longínqua a esperança de melhores dias, excessiva a confiança outorgada, e decidiram suspender ou alterar a sua rota. Mas a grande massa dos portugueses, conscientes do que representa a integridade material e moral da Nação, têm vindo, muitos mesmos com o sacrifício de sentimentos ou soluções por que mais convictamente se bateriam, têm vindo, dizia, a dar-nos o seu apoio e colaboração. E se a todos esses perguntasse agora se *desertamos* ou *prosseguimos*, com o mesmo entusiasmo responderiam: *prosseguimos*. — E' bem assim: a nossa marcha não poderá nunca comportar nem paragens, nem regressos.»

Pouco faltava para as 19 horas, quando o sr. Presidente do Conselho terminou o seu discurso, que foi algumas vezes interrompido pelos aplausos dos presentes, os quais saudaram vibrantemente o sr. prof. dr. Oliveira Salazar quando este abandonou a sede da União Nacional.

Os incidentes DE NITEROI

provocaram uma morte e 48 feridos

RIO DE JANEIRO, 23 — Segundo indicação oficial, nas escaramuças de ontem, em Niteroi, ficaram feridas 57 pessoas, das quais, 6 estão em estado grave.

Ao contrário do que foi anunciado antes, ninguém morreu durante estes incidentes, desmentindo-se também terem sido incendiados dois barcos de transporte de passageiros e que fuzileiros navais tivessem feito fogo sobre a multidão.

Às 21 horas (hora europeia), a tranquilidade parecia ter voltado, vendo-se, porém, grupos de manifestantes que ocupavam as imediações da estação dos «ferry-boats» e dos cais de embarque.

Enquanto destacamentos de Polícia patrulham as ruas, as tropas federais tomaram posição nos pontos principais da cidade.

O governador do Estado, Roberto Silveira, durante um comício em que tomou parte, felicitou a população pela «sua reacção contra a carência de concessionários do serviço dos «ferry-boats».

Por outro lado, o Governo Federal anulou a concessão dada ao grupo que explora aquele serviço e decidiu ocupar imediatamente os locais e os cais de embarque.

As manifestações feitas pelo pessoal, que se encontra em greve, teve por origem o atraso, pela empresa concessionária, do pagamento dos salários. Aquela declarara não ter recebido ainda a subvenção do Governo, o que foi oficialmente desmentido. — (F. P.).

O balanço dos incidentes

RIO DE JANEIRO, 23 — O ministro da Marinha anunciou que os incidentes de Niteroi provocaram 1 morto e 48 feridos. — (F. P.).

A cura súbita em Lourdes

de uma jovem belga

BRUXELAS, 23.—A jovem belga Simone Ranst, que regressou de Lourdes, onde foi em peregrinação, completamente curada, foi entrevistada pelo correspondente da «Libre Belgique», a quem fez o relato dos diferentes estados da sua longa enfermidade.

Um tumor no fémur, de que sofria há 12 anos, impedia a jovem de andar. Os tratamentos seguidos em Antuérpia, Lausanne e Munich, não davam nenhum resultado, e a doença tinha-se generalizado. Há bastantes anos que ia em peregrinação a Lourdes e, se bem que o seu estado fosse alarmante, ainda este ano ali esteve. «Prefiro morrer em Lourdes» — declarou ela.

A doente, ao contacto com a água — diz a «Libre Belgique» — começou a ter a sensação de bem-estar e depois os tumores começaram a desaparecer e começou a andar sem dificuldade.

O médico declarou tratar-se duma «cura subita», o que foi confirmado pelos exames a que foi submetida no «gabinete das consultas médicas de Lourdes».—(F. P.).

UMA CRIANÇA

feriu-se com uma navalha

COVILHÃ, 22 — Uma criança de 22 meses, Maria José Teles Alves, filha de Manuel Alves Seguro e Ana Teles, residentes em Caria, ao descer as escadas da casa, com uma navalha na mão, deu uma queda, espetando-se-lhe a lamina no ventre. A própria criança retirou a navalha do corpo.

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 46 Diario de Lisbôa

FREGOLI

O HOMEM DAS 100 FIGURAS

De quando em vez aparecem nas revistas do Parque e na Rádio (especialmente em programas publicitários) os chamados artistas-imitadores. Assim, há os que imitam na perfeição certas figuras em destaque na política, na arte, no desporto — enquanto outros «copiam» prima-donas de ópera e cantadeiras á Severa...

Desses artistas imitadores o maior foi, sem duvida, Fregoli — e, a seu lado, aqueles a cujas exibições hoje assistimos não passam de minusculos pigmeus... Durante uma das suas muitas paragens em Paris, escrevia um jornal da época «...o famoso Fregoli deixou Paris estupefacto no decorrer de um numero de transformações multiplas e instantaneas...».

Filho de um relojoeiro, Fregoli nasceu em Roma em 1867. Mas o palco atraia-o mais que o mecanismo dos relógios. Com uma particularidade: em cena, qualquer que fosse a peça que representasse, qualquer que fosse o numero de personagens dela, só uma figura aparecia: a dele...

O seu poder de sugestionar, de «mistificar» era de facto impressionante. Por vezes dava-lhe para explicar» ao publico os processos de que se servia para tirar este ou aquele efeito. Pois apesar disso o encantamento da sua arte inimitável... de imitador, mantinha-se inalterável.

Um dos seus trabalhos mais apreciados intitulava-se «Uma lição de musica». Nele, Fregoli era o pianista, a cantora, o cantor...

«A Honestidade», era outro numero de efeito garantido. Fregoli encarnava aí, em plena sala de redacção de um quotidiano, o candidato eleitoral, a dama caridosa, o pinor, a cantadeira napolitana, o marido, a mulher — e o amante...

No seu numero de variedades intitulado «Eldorado», «extravagancia para todos os gostos, composição original de Leopoldo Fregoli. Sessenta transformações!!!» (assim rezava o programa), o grande artista imitador era um autêntico *homem-music-hall*, fazendo os papeis mais desencontrados: o chinês malabarista, a cantora francesa (sem esquecer as fifias desastradas...), o baritono galã, a romancista «snob», o musico excêntrico, o ventriloquo, o imitador da voz e gestos de homens célebres, o chefe de orquestra, a dançarina do Coliseu, o ilusionista que fazia um numero surpreendente: após ter feito desaparecer tudo, fazia-se desaparecer a si próprio...

A sua vida artistica foi uma continua colecção de êxitos. Fregoli era aquilo a que se pode chamar com inteira propriedade «um espectáculo, êle só».

Certa ocasião, um incêndio destruiu-lhe todos os seus haveres — cenários, fatos, etc., etc. Os irmãos Isola, então directores do Olimpia, chamaram-no imediatamente, deram-lhe todos os meios de reconstituir os seus numeros. Os empresários não se arrependeram, pois Fregoli manteve-se no Olimpia, com enchentes constantes, durante sete meses! Sempre duas personagens em cena: ele e mais ele...

Os seus imitadores não tardaram a surgir, cada vez em maior numero. Até á sua morte, que se verificou em 1936, nenhuma imitação conseguiu igualar sequer o original — exceptuando as imitações de Fregoli...

Hoje, ainda Fregoli continua imbativel...

Aqui temos Fregoli, o homem das 100 figuras, em plena exibição... Representa o «Eldorado», um dos seus numeros de maior êxito e no qual o artista imitara sessenta personagens! Vemo-lo aqui, sucessivamente, nos papeis de cantora francesa, chinês malabarista, o baritono de ópera excêntrica e «dandy». Qualquer semelhança é pura coincidência...

MARAVILHAS DO UNIVERSO

O telescópio sideral permitirá fazer uma análise mais ampla da radiação

por I. M. Levitt, director do Planetário Fels, Filadelfia

Exclusivo para Magazine

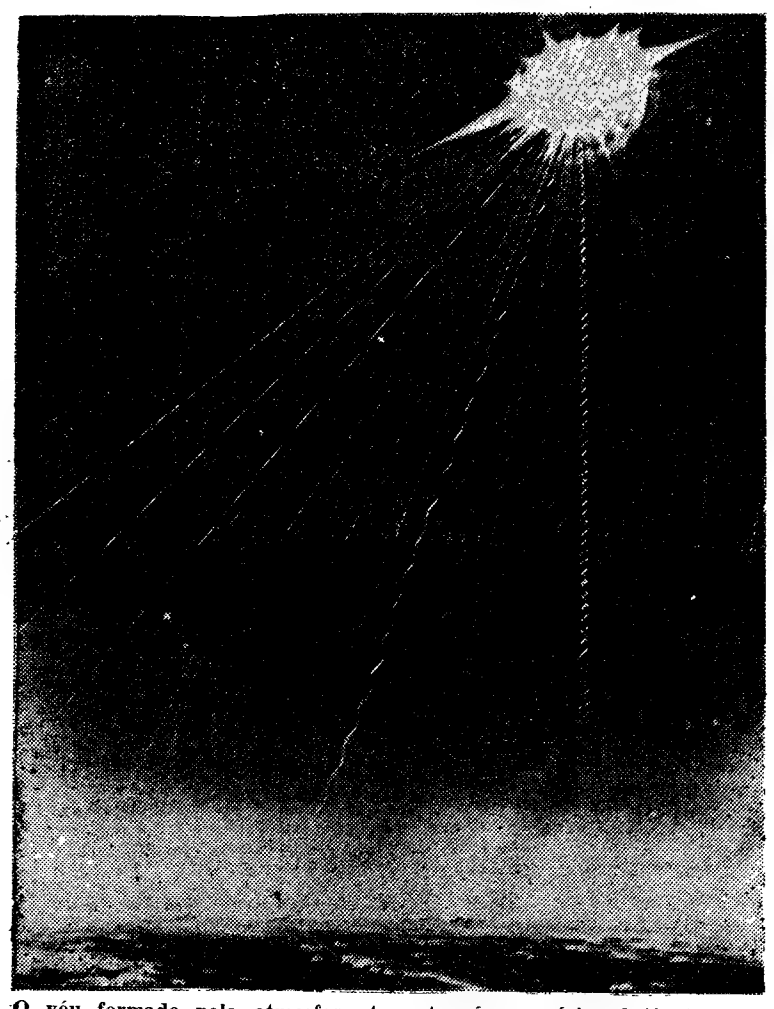
Conseguindo-se colocar numa órbita um satélite munido de um telescópio dirigido á distancia, não há duvida de que se conseguirá obter a chave para penetrar em alguns dos mais profundos mistérios do espaço sideral. Um telescópio assim poderá «ver» na região ultravioleta do espectro, exactamente aonde os processos cósmicos manifestam uma tremenda quantidade de energia.

O dr. Fred L. Whipple, director do observatório astrofisico Smithsoniano, calculou que á superfície da Terra apenas chega uma fracção mínima dos raios presentes no espaço. E chama a atenção para o facto de que a radiação total no espectro electromagnético pode ser comparada com o teclado de um piano: se as sessenta teclas representam o campo total do espectro, uma só delas representa a parte do espectro a que é sensível a vista humana.

Em face desta limitação, digamos deste «véu», o astrónomo encontra sérios obstáculos ao tratar de decifrar as mensagens celestes que se apresentem sob a forma de radiações. Este véu não pode ser penetrado, salvo se se atingisse um ponto de mira para além da atmosfera — e eis aqui a missão dos telescópios de que vimos falando, ou seja de telescópios montados em satélites. Se se tivesse êxito, seria a primeira vez que os sábios teriam ensejo de observar contínuamente o universo «desde um ponto fora da atmosfera».

O dr. Whipple diz que o mais interessante fenómeno da natureza se verifica na região ultravioleta do espectro. Ainda que o observador estivesse para além da nossa atmosfera, tal região não poderia descobrir-se á vista desarmada; precisar-se-ia de aparelhos para

(Continua na página central)



O véu formado pela atmosfera terrestre é um sério obstáculo para decifrar as mensagens celestes existentes sob a forma de radiações. Desde que se conte com um telescópio «sideral», montado num satélite, poderá observar-se uma vasta quantidade de radiações que hoje não se conseguiu ainda analisar

CRÓNICA DA RUA HUMILDE

RITA, NOME POPULAR

Não se voltou a falar do «Brasileiro» na Rua Humilde. Ele saiu de Lisboa para conhecer «o resto do País». Andou por fora cerca de um mês, com grande pena dos meninos da rua, que eram quem mais sentia a sua falta. Quando o «Brasileiro» estava presente não havia gulodice que não comprassem, sonho que não satisfizessem. Nunca se viu tanto berlinde na Rua Humilde, tantos «abafadores» coloridos e valiosos.

A Rua Humilde, sem o automóvel desconforme a atravancá-la, voltou a ser a mesma de sempre, aquela que durante anos e anos conheceu por unico veículo o carro de mão do Quim Melgaço, com sua chaminé engrecida de tanto uso, burilada por mão de mestre, com requintes de miniatura, carregada de «quentes e boas» azuis e amarelas...

Nada acontece nesta rua dias e dias seguidos. Já nem a miséria constitui novidade de erguer as mãos ao céu. As faltas de tudo, acumuladas ao longo e longo dos anos, deixaram um sulco fundo e pesado, onde a pobreza, na impossibilidade de vencer o destino de um momento para o outro, se contenta em subsistir, em manter ao menos o nariz fora de água.

E não acontecer nada parece que é já um pouco de felicidade para toda a gente. Se uma voz mais se altera, se uma buzina soa na calçada, se um matraquear de passos afugenta o silêncio, logo as janelas se abrem, cabeças assomam a indagar o que se passa, com uma expressão de medo e de pasmo nos olhos...

Esta manhã, próximo do meio-dia, vinha eu para o meu emprego, encontro a Ernestina. Pergunto-lhe pelo marido, pela tia entrevada, e depois a frase sacramental:

— Há alguma novidade?

— Então não sabe? — pergunta-me ela, radiante de poder entregar uma notícia em primeira mão. — O «Brasileiro» quer voltar casado para a Venezuela!

— Mas o «Brasileiro» já regressou?

— Pois já, antes de ontem. E a primeira coisa que ele disse mal viu a irmã, foi isto: «Mariana, não tarda que eu tenha de voltar para a Venezuela, é lá que está a minha vida, compreendes. Mas não quero ir solteiro e agora vê lá tu o que se pode fazer, porque eu para namorar de janela já não me sinto com disposição».

— Sim. E depois? — quero eu saber.

— Bem, a Mariana, como se já esperasse aquilo, respondeu logo: «Não vás mais longe. A tua prima Rita é que te convém».

— E a prima Rita toda contente!

— Qual o quê! Pois o senhor não sabe? A sério?

— A sério!

— A Rita não aceita, veja lá! Diz que não é galinha que vá á praça pelo melhor preço. O «Brasileiro» bem anda de roda dela, bem lhe arrasta a asa, bem lhe promete mundos e fundos pela boca da Mariana. Mas nada! A Rita nem quer ouvir falar no assunto.

(Continua na página central)

O CAÇADOR DE AUTÓGRAFOS

AUTÓGRAFO N.º 4

O leitor conhece a ultracomovente história de «Pedro Sem que teve e já não tem». Os Espanhois criaram em tempos velhissimos uma canção sobre o mesmo tema que, no dizer dos entendidos em ciências ocultas e mercado negro, deu mau agoiro aos expedicionários de Alcácer-Quibir, que a cantaram em noites estreladissimas, ao som de guitarras gagas de emoção. Dizia a canção, baseada na lenda do Rei Rodrigo:

Ayer fueste rey de España
hoy no tienes un castillo.

Vem tudo isto a propósito do entrevistado desta semana. O Caçador de Autógrafos encontrou-se, por acaso, e algures, com Filipe II, que foi o senhor mais poderoso do seu tempo; tão poderoso, que no seu império o Sol nunca se punha. Ora Filipe II hoje «no tiene un castillo». *É pó; e nada ganhou com tantas conquistas.*

Depois de ter recolhido a preciosissima assinatura o Caçador de Autógrafos aproveitou um ensejo em que Sua Majestade estava mais risonho e disparou-lhe á queima-roupa:

— Sua Majestade Imperial Católica e Serenissima poderá revelar-me qual o maior desgosto da sua vida?

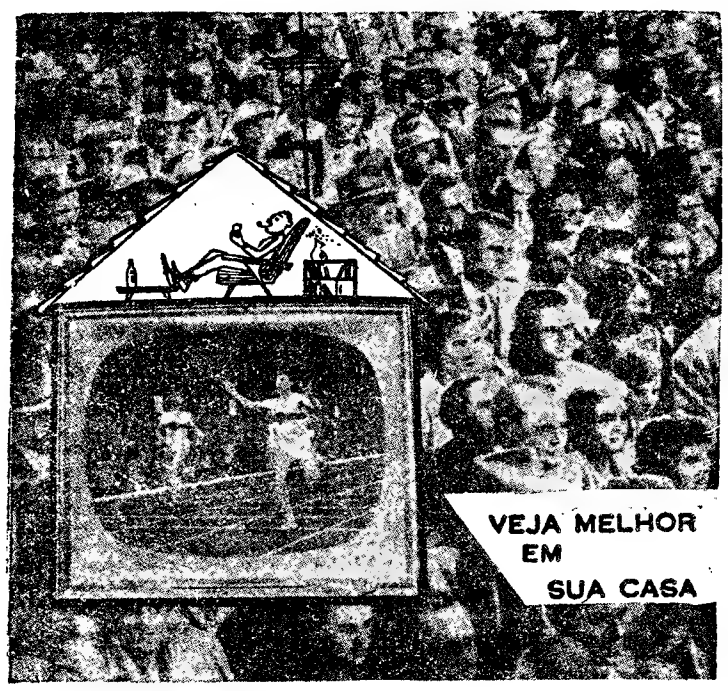
Filipe II estacou de repente, ferido em pleno peito. Ergueu a vista conturbada na direcção do Caçador de Autógrafos, e ficou mudo; coisa, porém, de uns segundos: logo se desanuviou e, mirando a Lua, teve mesmo um ar sonhador:

— Desgosto, pergunta o senhor? Um homem trezentos por cento ortodoxo, como eu, nunca tem um desgosto; tem sempre muitos. Lá estavam os herejes para mos provocarem.

— Mas não conseguiu sofrer um desgosto mais apimentado que os demais, que sobressaisse dos demais?

Filipe voltou a olhar a Lua com o mesmo ar sonhador.

— Ah, sim, tive! — desabafou — o meu maior desgosto foi não ser Filipe II neste ano sideral de 1959. Ah! que perspectivas imperiais! Mandaria os meus famosos terços castelhanos á Lua, a Marte, a Jupiter, a Saturno... eu sei lá! E converteria todo o sistema solar á minha fé católica! E seria Filipe, por Graça de Deus, Rei de Castela, Portugal, Aragão, Navarra, Países Baixos, Novo Mundo, Áfricas, Oriente, Mercurio, Vénus, Marte, Daquém e Dalém Sistema Solar.



com TV Oil Automatic

SABA

* sintonia completamente automática
* comando à distância
* grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

MARIO HENRIQUES

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Esta semana destapou-se a inspiração dos nossos prezados leitores. Não há dúvida que somos um país produtor de cortiça e de rolhas. O vencedor não disse nada, mas disse tudo e ganhou os cem. Citaram-se os amigos do contra, as senhoras que só vivem de apertos, Platão, os Latinos e etc. Uma receita valiosa para a Câmara Municipal de Lisboa.

Estamos num País corticeiro, não há dúvida! Num País onde se produz muita rolha. Os nossos leitores destaparam a inspiração e vimo-nos doidos para encontrar «A melhor da semana».

A melhor da semana dizia tudo e não dizia nada; vinha num postal em que concorriam dois leitores (naturalmente uma sociedade por quotas ou uma cooperativa de assistencia mútua), o sr. M. C. Costa, de Lisboa, e o sr. B. Machado, de Cacilhas. Ganhou o primeiro e espero que os dois não se ponham agora «a procura da rolha». Eis a frase vencedora:

ROLHA é uma coisa que não me deixa dizer o que é.

O nosso leitor fara agora o obsequio de «destapar» a sua morada, visto que ela falta no seu postal. E veja como resolve os problemas com o socio! Não perca, pelo menos, o sorriso nos lábios. Como diz o povo: vão-se os anéis mas fiquem os dedos.

O sr. E. Las, de Coimbra, aplicou os seus conhecimentos de vitivinicultor ao nosso concurso e desse esforço nasceu a seguinte definição:

ROLHA é um tampão com que os entendidos engarrafam as ideias dos sujeitos do contra.

O leitor tem razão. Há belas adegas com esse nectar. E o curioso é que o vinho não envelhece.

O sr. Manuel S. Neves mandou-nos, como de costume, um belo arsenal de definições á escolha (não é aqui o caso de ser tudo a dez tostões!). Pois nós escolhemos esta definição sibilina que mais parece saida da boca de um oráculo dos Delfos:

ROLHA é aquilo com que se tapa o que não se quer ver destapado.

Se não falasse em rolha, julgariamos que era uma tanga.

O nosso estimado leitor sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra, traduziu a questão em termos muito femininos, deu (como se costuma dizer) a nota feminina ao concurso:

ROLHA é uma senhora que só vive dos apertos.

Isso parece uma cinta ou um «soutien» ou um espartilho. Ou então aquela senhora que vai para a rua assistir a um desfile.

O sr. Edmundo Nery Motrena, de Moscavide, enviou-nos uma contribuição altamente filosófica para o estudo da rolha:

ROLHA — Platão sentenciou: «Dize a verdade, ainda que te custe a vida». Os Latinos ditaram: «In vino Veritas». Tanto o filósofo grego como os filhos do Lácio deviam desconhecer a ROLHA. De contrário não diriam aquelas verdades.

E' muito profundo e está certo.

O sr. César Augusto, de Setubal, ofereceu-nos uma definição muito folclórica:

ROLHA — tampa da pequena pipa portuguesa... cuja pinga tira o entendimento a alguns e dá razão a muitos.

A um milhão, não é verdade?

O sr. Ricardo Jorge, de Lisboa, chama a atenção dos leitores para a relatividade de todas as coisas. Em seu entender, com efeito,

ROLHA é um tampão imposto, mas que, mais tarde ou mais cedo, acaba por sair.

Já o dizia o Bocage.

O sr. Lino Ribeiro diz isso mesmo, mas de outra maneira muito diferente:

ROLHA é um acessório de uso obrigatório nalguns países, mas cuja flexibilidade deixa por vezes escapar a essência da oratória «garrafal».

Com o «champagne» é assim. Como diz a sr.ª D. Susana Barroso Lopes (Queluz):

SE OS SÁBIOS DESCOBRISSEM A FORÇA DA ROLHA DE UMA GARRAFA DE «CHAMPAGNE» CHAMAR-LHE-IAM «SPUTNIK» GASOSO.

Ainda á beira do gargalo, queco citar a definição do sr. Carlos Feteiro, das Caldas da Rainha:

ROLHA — pequeno objecto que separa a lucidez da bebedeira.

Claro que depende da natureza da bebedeira. Nem só o sumo da uva a produz. Há mesmo bebedeiras que não se podem evitar.

Mas continuando ainda no gargalo, afirma-nos o sr. Alvaro Machado que lhe é muito dificil dar-nos uma resposta. Eis as suas razões (devemos dizer que muito semelhantes ás do vencedor):

Que poderei eu dizer acerca da rolha se o gargalo está rolhado? Silêncio!

E silêncio que se vai cantar o fado.

Esta coisa das musicas faz-me sempre lembrar uma coisa que agora não me lembra. Enquanto não me recordo vou citar a definição do sr. José Cartaxo Vicente:

ROLHA é uma chupeta (geralmente feia) de uma garrafa (geralmente bonita).

O nosso leitor é, claro, muito optimista. Essa das garrafas quase sempre bonitas faz-me lembrar aquela tal coisa que agora não me lembro.

A sr.ª D. Cristina de Oliveira, de Lisboa, é da opinião que

A ROLHA é uma chucha que tapa bocas desde os primeiros dias de vida até aos 33 anos.

Então é porque a rolha era fraca. Há garrafas que ficam fechadas durante um século. No fim têm muita borra e um vinho de verdade!

Para fechar esta série de hoje, endereço á Camara Municipal de Lisboa a seguinte definição do nosso leitor sr. Joaquim Vieira da Silva, de Lisboa:

ROLHA — produto cujo exclusivo se deveria entregar á Camara Municipal de Lisboa para mandar tapar buracos.

Vários leitores me sugerem palavras para a próxima semana. Também tenho dificuldade em escolher uma. Parece-me, porém, que me inclino para esta

PROPAGANDA

As respostas devem estar em Magazine, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 30 de Maio.

disco da semana

Nat King Cole canta em espanhol

Cachito — Maria Elena — Mañanitas — Quizás
EAP1 — 1031

Arrivederci Roma — Adelita — El Bodeguero — Acercate Mas
EAP2 — 1031

Nat King Cole, numa excursão fascinante... cativado pelas melodias de Cuba, embriagado pelos ritmos do México e da América do Sul, canta em espanhol — a língua do coração — gravações realizadas na romantica e velha Havana.

Uma nova e sensacional faceta do talento multiplo do extraordinário Nat King Cole.

Discos publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Ld.ª,—Rua Nova do Almada, 97.

Veja o que sabe esta semana

OS DEZ GRANDES NOS MARES

A seguir publica-se a lista dos dez primeiros países quanto á tonelagem da marinha mercante. Veja se os sabe pôr por ordem, fazendo-lhe corresponder o respectivo numero de navios e a respectiva tonelagem:

	Navios	Toneladas
1 — U. R. S. S. ...	1.073	1.904.974
2 — Grécia	984	2.700.923
3 — Itália	4.017	22.101.258
4 — Noruega	1.816	2.363.317
5 — Est. Unidos ...	7.343	17.610.165
6 — Suécia	1.903	3.076.456
7 — Holanda	1.567	2.991.953
8 — França	1.584	2.802.305
9 — Alemanha ...	1.091	2.770.923
10 — Japão	1.089	2.294.863

Deve ainda acrescentar-se que os navios e as toneladas estão exactos.

QUEM DESCOBRIU?

Nós que pertencemos a um país de descobridores saberemos acaso o que os outros povos descobriram e o que descobriram os nossos navegadores? Façamos um teste:

1 — Quem descobriu as cataratas de Vitória (em Africa)?
2 — Quem descobriu o Pólo Norte?
3 — Quem descobriu a embocadura do rio Congo?
4 — Quem «escobriu» o pico do Monte Everest?
5 — Quem descobriu o Cabo das Tormentas?
6 — Quem descobriu o Pólo Sul?

Se acertou em 4 perguntas, é barra; daí para cima, nem se pergunta.

OS INVENTORES

Será possível que o leitor não conheça quem inventou... O quê? Vamos lá a ver:

O cinema. Foi Mildred Rebstock?

A aureomicina. Foi Edison e Lumière?

A penicilina. Foi F. Zeidler?

O D. D. T. Foi Alexandre Fleming?

A Cloromicetina. Foi J. Nippre e Louis Daguerre?

A fotografia. Foi Benjamin Duggar?

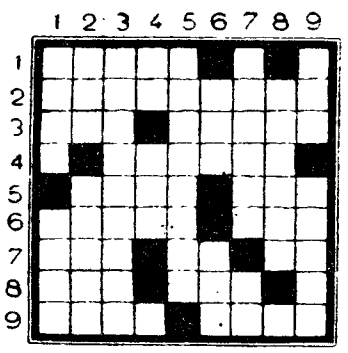
Se acertou em 4 perguntas, pode considerar-se capaz de também inventar qualquer coisa.

OS MAIS ALTOS

O leitor pode agora verificar os seus conhecimentos no que respeita a altura de monumentos e edifícios. Vamos publicar a lista dos mais altos edifícios ou monumentos do Mundo e em frente umas cifras. Faça corresponder estas cifras com os monumentos:

	Mts.
1—*Pirâmide Quecops (Egipto)*	*283*
2—*Edifício Chysler (U. S. A.)*	*319*
3—*Empire State (U. S. A.)* ...	*318*
4—*Torre Eiffel (França)*	*448*
5—*Banco Manhattan (U. S. A.)*	*153*
6—*Catedral de Ulm (Alem.)*	*290*
7—*Sixty Wall Tower (U. S. A)*	*156*

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Ara. 2 — Doce de marmelo. 3 — Reza. Nome de homem. 4 — Desenhador de Magazine. 5 — Castro. Contracção da preposição e artigo (pl.). 6 — Escritor francês. Juntei. 7 — Irmã do pai (inv.). Interjeição. Atmosfera. 8 — Madre. Cloreto de sódio: 9 — Torra. Metal nobre.

VERTICAIS: 1 — Grande afecto. Copa. 2 — Casa. Jantas. 3 — Marotos. 4 — Malvada (inv.). Veste religiosa. 5 — Resfolgas a dormir. 6 — Flor heráldica. Nega. 7 — Demão. Vi. 8 — Perdida. 9 — Trigo. Povo asiático.

PALAVRAS DANADAS

Que querem dizer estas palavras?

MISOGAMIA — aversão mórbida ás mulheres?

MISONEISMO — aversão mórbida ás inovações?

MISOGINIA — aversão mórbida ás crianças?

MISOPEDIA — aversão mórbida ao casamento?

Procure para cada palavra o seu significado correcto que, na lista acima, apenas vem trocado.

MANIAS...

E já que estamos a tratar de palavras: vejamos a que manias correspondem as palavras seguintes:

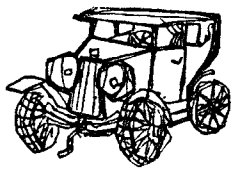
CLEPTOMANIA — será a mania de provocar incêndios?

MITOMANIA — será a mania de coleccionar livros?

DEMONOMANIA — será a mania de roubar?

BIBLIOMANIA — será a mania de supor que se é possuído pelo diabo?

PIROMANIA — será a mania de mentir ou de viver em sonhos?



A QUEM PERTENCEM ?

Hoje já não existem ilhas que não tenham dono. Saberá o leitor dizer a que país pertencem as ilhas seguintes? Para facilitar fazemos dois grupos — um com as ilhas, o outro com os países a que elas pertencem. Basta só acasalar uma ilha com um país.

ILHAS: 1 — Gronelandia. 2 — Bali. 3 — Ceilão. 4 — Espanhola. 5 — Terra Nova. 6 — Samatra. 7— Creta. 8 — Jamaica. 9 — Maio. 10 — Córsega. 11 — Canárias. 12 — Sardenha.

PAISES: 1 — Espanha. 2 — Itália. 3 — França. 4 — Portugal. 5 — Inglaterra. 6 — Grécia. 7 — Indonésia. 8 — Canadá. 9 — Haiti-Republica Dominicana. 10 — Ceilão. 11 — Indonésia. 12 — Dinamarca.

(Ver soluções na página VI)

O PREÇO DA CHUVA

por DOMINGOS CARVALHO

Acabaram os varejos na margem esquerda do Guadiana. Os homens deambulam, taciturnos, pelas ruas da aldeia fronteiriça, agrupada por enfiadas de casario disforme, assinalando ainda o primitivo risco arquitectónico. Três metros de pé direito em louvor da taipa do sítio. As portas, inteiriças até ao postigo cimeiro, ladeadas de cinco palmos de reboco, denunciam a existência de moradores cuidadosos.

A chuva não cessa de cair, derramada do Céu em goladas diluvianas e as águas galgam os campos melancólicos, saturados de tanto molho. Cresce a ribeira no córrego sinuoso, entulhado de moitas de junquilho e de alandroeiros centenários. De madrugada, a cheia estrabucha no leito apertado e vai roendo, roendo, as faces do aterro, até que, irreverente e destemida, vem beijar as várzeas barracentas onde despontam raquíticas searas. Pelas frinchas das paredes nuas escorre a humidade liquefeita e, cada vez mais penetrante e danosa, arrasta na descida pachorrenta a argamassma tenrinha da superficie grosseira.

— Desgraça!!... — vocifera a Brites Parreira assomando ao postigo.

E' um mar sem ondas a turvar-lhe os olhos negros, sempre chorando. Os moços foram á falca lá para os lados de Pias. Jogam ao pau com os rafeiros das herdades. Se saem ilesos da refrega, chegam aos montes e pedem: — «lavradora, a sua esmola; o tempo está que nem um alarve! Se pudesse ser alguma coisinha...».

Vem de lá uma terrina coalhada de farinha-milha para as papas ou um taçalho de carne rançosa, quando adrega a morrinha nas ovelhas, á despedida das pastagens.

—«Seja p'la sua sorte, lavradora. A gente pede porque não há ganhos práqui...».

A noite escurece-lhe no caminho tortuoso do «corta-mato». Cruzam-se nos descampados com outros peregrinos da falca. Taleigos aos ombros; peliças de sacas velhas, escorridas, nos costados esqueléticos, somem-se debaixo dos feixes de estevas verduengas ou de quaisquer gravetos safados á vigilancia dos coiteiros, acolhidos ás moitas.

— Eh, pazes!... Onde foram vocês roubar os tanganhos? — sauda o mais velho da Brites. Os outros esfregam os olhitos enfarruscados, obliquando a carga mal empastada. Um qualquer responde, cauteloso na confissão do segredo: — No montado do Lampreia, ao contra-giro do couteiro.. .

— E á pida, tiveram sorte?

— Levamos uns cantinhos de pão durázio e três punhados de farinha, p'ra logo á ceia.

— Atão até amanhã, moços, que a gente inda vai ao pinhal a ver das cavacas.

Serafim Baluga não aguenta o peso da vida. A chuva desaba sobre a aldeia como uma maldição dos deuses, os ranchos escolhem as vendas para lenitivo das suas desditas.

«Venha um copo ó mestre Entrudo, que alguém há-de pagar». O vendeiro recua, torce-se, resmunga; esboça uma nega, mas a chuva inclemente afoga-o ali mesmo, das portas para dentro. Chia a torneira e o vinho espadanado, cor-de-sangue, esguicha nos copos lapidados. No fogareiro crepitam bagos de carvão miudinho, e o fogo morrinhento tosta as delgadas peles de bacalhau. Um cheiro caracteristico filtra-se por entre as pipas e espalha-se na rua solitária. Passam pastores desgarrados, de regresso ás malhadas. Estacam na claridade frouxa que vem do lampeão suspenso do tecto da taberna e não resistem ao cheiro aliciante:

—«Ora vá lá um copo dos grandes co'a tampa de pele assadda...».

Mais um copo, mais uma tampa de bacalhau salgado e as modas sobem á garganta de qualquer fulano.

As vozes confundem-se num balbuciar de notas desconjuntadas. De mole-mole, acercam-se os baixos, mais decididamente aderem os contraltos; o coro vai ganhando jeito ao centro da venda. Agora falta só um solista. Chapeu desabado sobre a testa morena, traz um cravo murcho na fita desbotada. E' o mais teso dos cantadores que entra na roda. Rompe uma «saude» no meio do ajuntamento e a locanda transborda de vivacidade.

—«Eh, Chico Bailão, maltez duma cana!... — enrega tu-á moda, que é real o teu estilo». O Rosa seareiro, arruinado na ultima debulha, fica de fora, embevecido no descante. Sente um baque no coração adormecido e esquece a desgraça que lhe ronda a porta. Ontem, senhor de parelha engatada, hoje, farroupilho como os mais. Mas ainda goza a quentura de uns cobres no bolso da jaqueta. Avança para o balcão e exibe-se numa «fineza» de pé cochinho. «Venha mais meia-latinha para atestar a golgança». Ao grupo vão chegando moços de outras piaras que respeitam os velhos em todas as extravagancias. Já o Chico Bailão dobra a cantiga com desenvoltura de mestre:

Só o rico vai comendo,
o pobre já pouco come...
C'a chuva que tá chovendo
é d'água nã mata a fome!

Na boca do vendedeiro baila um sorriso discreto e, lá no fundo das suas congeminações pessimistas, uma pálida esperança o incita a boa convivência.

As moedas do Rosa enfeitam o tampo sujo do balcão. Caramba! nem tudo está perdido na maré baixa. Um dia virá o Sol criador, mensageiro de farta colheita para os lavradores e de trabalhos para os pobres. Hão-de pagar-lhe com juros as amarguras dos dias de chuva. Os copos fornecidos a precário têm de compensar-lhe as noites mal dormidas. Jornas maiores! Jornas valentes e searas altas como as casas da aldeia. Um ano que vale por dez ruins!

Rente ás paredes ouvem-se passos cautelosos: «chape, chape» na lama escorregadia. A serrazina dos guardas devolve-o ás suas responsabilidades cívicas:

—«Moços, tenho de fechar a venda! A patrulha anda aí derramada; o cabo já me leu o missal, sei lá quantas vezes».

Os homens levantam os rostos avinhados com esgares de reprovação. Obedecem e saiem em fila pela porta larga. O ramo de pinho seco fica adejando na ombreira fria, rebocada cinco palmos em cada banda.

Serafim Baluga pára á esquina do muro crivado de vidrinhos na lomba mai amanhada e descarrega a bexiga, cheia como um odre. Os outros dividem-se nas travessas escusas. Agentes da ordem espreitam de largo, por dever de oficio, junto ao pelourinho de tenebrosa memória. O cabo Jorge adianta-se no terreno encharcado: — «Eh, Baluga, homem dum raio!... Tem lá mão nas crianças, que andam por i a roubar cavacas. Se os apanho no gamanço, és tu quem paga o patau». Baluga endireita-se e expede uma praga baldia, gaguejando no vento rasteiro que sopra de Espanha. Os guardas riem-se do dichote inofensivo e caminham, lestos, para a venda sórdida, onde a garrafa da medronheira neutraliza a força da lei.

Mais um domingo sem Sol benigno a aquecer a testa da terra ensregelada.

Na venda repicam as malhas do chinquilho menor. Uma disputa desenxabida a «leite-lebre», faz de entretenga enquanto os moços não chegam com a colheita da falca. Pára um cavalo pigarço á porta da locanda; um homem vestido de bombazina, castelhana, apeia-se do corço e entra:

— Ora então boas tardes, senhores... Vocemecês querem ajustar-se p'rás queimas do carvão?

Os jogadores suspendem a vez, estupefactos, e, paulatinamente, acercam-se do contratante, desconfiados de tanta fartura. Mas o manageiro justifica as suas razões em alto e bom som. As palavras enrolam-se nas bocas, fechadas por momentos.

— Trabalho, moços, trabalho! — entoa Serafim Baluga. O dono da venda esperniga-se no escadote e bate as palmas frenéticamente:

— Eh, rapaziada!... Vamos a isto que agora pago eu o vinho p'ra todos!

Uma enfiada de copinhos perfila-se diante da freguesia tomada de alegre expectativa e o corpo do vendedeiro bamboleia-se no espaço acanhado.

— Ná, nã bebo nada, mestre. O dr. cortou-me as bebidas faz um ano prestes, — escusa-se o manageiro de Santa Vitória — não levem a mal, mas tenho duas léguas a palmilhar...

— E a jorna? — perguntam uns tantos, da soleira da porta.

— A jorna é ao preço da chuva — remata o cavaleiro afagando a montada.

DOMINGOS CARVALHO

Era isto mesmo que ela queria para a filha...

... e conseguiu-o em poucas horas, utilizando a

BUSCH

máquina de tricotar simples ou super-automática

De grande facilidade de manejo e executando rápidamente todos os trabalhos de «tricot»

BUSCH

tem ainda a grande vantagem económica de se poder transformar em duas máquinas

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

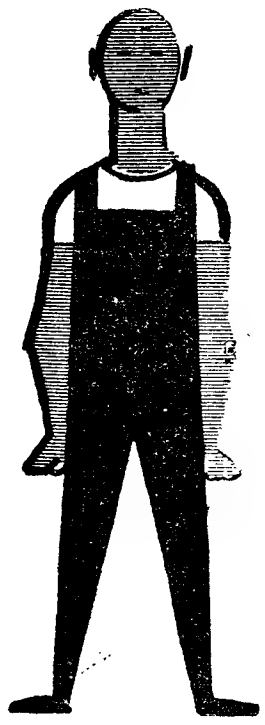
Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

A vida dos que trabalham

por AFONSO CAUTELA

Cooperação necessária

O trabalho de tipografia e daqueles que todos olham e ninguém vê. Habituámo-nos a ter na frente o livro ou o jornal e não avaliamos os trabalhos que vão da palavra manuscrita á palavra impressa. Jornalista e tipógrafo, numa intima e necessária colaboração, concorrem para o resultado final de que o leitor quase nunca se apercebe. Ha uma única sombra a macular esse trabalho de grupo: a gralha, o temivel bicho que, entre outros temíveis bicharocos, faz a vida negra a quem escreve vendo, impresso, uma amostra roída e desfigurada do que escreveu. Mau grado esse motivo de conflito, que opõe jornalistas e tipógrafos, a indústria gráfica portuguesa atravessa uma tão difícil, penosa e complexa situação que só a boa vontade conjugada de artistas e artífices, de jornalistas e operários, poderá ajudar a resolver.



Homens: 5.474

Círculo quase vicioso

Por outro lado, indústria e arte gráfica têm de colaborar também entre si. Nada são uma sem a outra e numa época em que as máquinas de compor e imprimir atingiram um grau inaudito de perfeição, o tipógrafo tem de ser ao mesmo tempo um técnico competente e um artista culto e sensível, que saiba tirar dos progressos da técnica os requeridos efeitos estéticos. A melhor imprensa estrangeira sob o aspecto gráfico, expandiu-se por toda a parte e estabeleceu uma concorrência que os jornais e revistas portugueses não poderão suportar sem que melhorem e actualizem os seus processos de trabalho. Para que a indústria progrida, a arte não pode estacionar. E para que a arte não estiole, a indústria não pode ficar-se por métodos ultrapassados e rotineiros. Neste círculo quase vicioso gira o problema das Artes Gráficas em Portugal.

A primeira pergunta

Para que a indústria progrida, basta haver máquinas. E as máquinas mandam-se vir, assim como se manda vir um automóvel do último modelo. Mas para que a arte as acompanhe, é necessário aquilo que não se importa nem improvisa, e necessário material humano, são necessários operários habilitados. — Onde e como recebem preparação os operários tipógrafos? — eis a primeira pergunta a fazer. Como resposta, sabe-se que, hoje como ontem, quase tudo está entregue á improvisação. As próprias oficinas funcionam de escolas, dando entrada aos aprendizes cuja idade mínima estava absurdamente fixada nos 14 anos, idade esta que parece ter sido agora recuada para os 12. Bem haja o bom senso!

Algumas escolas técnicas instalaram já cursos para tipógrafos referentes a várias especialidades e é de crer que outras o façam, obedecendo aos imperativos de reorganização das artes gráficas que o Ministério da Educação promove desde 1942. O amadorismo será, a pouco e pouco, substituido por uma preparação sólida, com o que todos terão a lucrar.

«Linotipistas, precisam-se !»

Sabe-se que um operário tipógrafo competente consegue sempre trabalho. Ao lado, portanto, das vocações que logo na escola primária podem ser descobertas, quanto maior número de cursos da especialidade forem criados maiores possibilidades deixarão abertas áqueles que os quiserem seguir, certos de enveredarem por uma profissão que lhes dá garantias de estabilidade e melhoria social. O que rareia é sempre valorizado pela própria raridade. A pouca afluência de profissionais neste ramo poderá, pois, ser um factor de dignificação do trabalho tipográfico que não pode nem deve esquecer-se na campanha de radical revalorização da indústria.

Em todas as tipografias que visitámos nos informaram da falta de compositores e impressores. Procurando a razão ou razões que levam á escassez de primeiros oficiais, conclui-se que, necessitando eles de uma preparação morosa, poucos podem e querem ascender — depois de 1 ano em iniciados, 5 anos em aprendizes, 3 anos em auxiliares ou meios-oficiais (num total de 9 anos, quase uma vida!...) — á categoria profissional de compositores e impressores, ou seja de primeiros-oficiais. Se compararmos o salário de um aprendiz com o de um compositor de 1.ª ou linotipista, vê-se que não chega a haver, na escala de promoção um aumento de 10$00 por ano.

Os que existem fazem, por consequência, pagar-se com salários que excedem o tabelado no ultimo Contrato Colectivo de Trabalho, onerando as despesas do empresário que, para os ter e manter ao serviço, se vê constrangido a servir as suas exigências, não sabemos se abusivas. Que se aumentem os salários do pessoal, é necessário e absolutamente justo. Mas sem substancial prejuízo para os encargos dos empresários, que também, neste ramo da industria, não são pequenos. Na harmonia dos interesses e prerrogativas cremos que está um dos caminhos da justiça e da paz social.

Mulheres: 458

Um aumento catastrófico

Não será a classe dos tipógrafos, em absoluto, uma classe vasta. Mas excede em muito as necessidades do País e cria agudos problemas de concorrência.

Supunhamos em 1946 um livro que se fazia por 15$00. Cada tipografia que entrava no baralho, para fazer concorrência ás existentes, diminuia esse preço. Sabendo-se que o total de tipografias em Portugal subiu de 502 em 1938 para 736 em 1956, — «numeros estes que traduzem uma evolução catastrófica» no dizer de Armando de Figueiredo, — temos como resultado: 12 anos decorridos, o livro que se fazia por 15$00 imprime-se hoje por 10$00!...

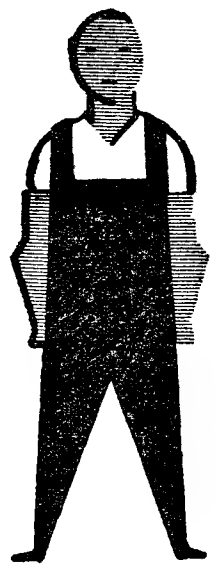
Ora, ao mesmo tempo, o custo de vida aumentou, como aumentou o preço do papel de 20%, como aumentou a mão-de-obra, como aumentaram as contribuições (só um exemplo: de 1951 para 1952 — de 900$00!...), o preço das máquinas, etc. Tudo aumentou: só o preço unitário do livro impresso diminuiu (e nós sabemos, mesmo assim, como o livro, pelo seu alto custo, continua a ser considerado mercadoria de luxo). E' caso para os industriais de tipografia levarem as mãos á cabeça e clamarem, com certa razão: — E' preciso que não abram mais tipografias, regulamente-se a industria. Ou, pelo menos, condicione-se.

Sabemos que há uma comissão nomeada pelo Governo para tratar, com os grémios, do condicionamento da industria gráfica; mas a situação prolonga-se, sem resultados para ninguém. Nunca existiu regulamentação da industria e o próprio condicionamento existente foi abolido em 1947, sem qualquer fundamento aceitável.

Mais dias de férias

Ao lado dos interesses do industrial, e tão importantes como estes, há os interesses do pessoal que trabalha. E é, felizmente, um empresário que o reconhece e nos diz: — — Um operário só ao fim de 3 anos na mesma empresa tem direito a 4 dias de férias. E a 7, depois de 6 anos. E a 10, depois de 10. E' injusto e mal feito. Após 10 anos de trabalho será compensador um descanso anual de 10 dias?

Concordamos e também nisto nos parece que há muito a ver e a rever. Lamenta-se que no próximo Contrato Colectivo de Trabalho, a entrar em vigor a 16 deste mês, nada venha rectificado sobre o assunto.



Raparigas 211
Rapazes 1.267

A VIDA QUOTIDIANA NO T

UM CAVA
FALA DE CRU

Já nos tempos de D. João I a vida corria mal para a nobreza. Se quisessemos esmiuçar as coisas, concerteza que veriamos revelar-se tais dificuldades nos reinados anteriores; e a razão era simples: a nobreza medieval formara-se numa época em que o dinheiro mal corria; os pagamentos dos servos eram feitos em géneros — frutos da terra ou criação; e o senhor não os vendia, comia-os. Entretanto os tempos modificaram-se: a circulação da moeda activou-se, já se tornava necessária para comprar coisas indispensáveis á vida. Que faz, então, o senhor? Exige o pagamento em dinheiro, pelo menos uma parte em dinheiro, aos servos. Em que base? Na das antigas rendas, velhas de séculos e que já não estavam ao nível do custo de vida naquela época.

Nestas circunstancias, os nobres poderiam pensar em dedicar-se a qualquer actividade util; mas isso não era com eles: devendo a fortuna á espada, á espada pensavam continuar a devê-la, ou explorando pela força os que deles dependiam ou lançando-se na guerra contra estranhos.

A nobreza do nosso País acabara por encontrar na guerra contra Castela, no tempo de D. João I, uma fonte de rendimentos. Sobrevindo a paz, enquanto o povo e burguezia a recebiam de braços abertos, os nobres, a parte da nobreza mais a braços com a crise económica, queixa-se amargamente do termo das hostilidades.

No reinado seguinte, quando o timoneiro do Estado era D. Duarte, os nobres voltaram ás suas queixas. Mas o caso agora tinha mais gravidade: entre os reclamantes contavam-se membros da família real, um irmão do soberano — o infante D. Fernando — que era firmemente apoiado por outro irmão, o infante D. Henrique.

Estando a corte em Almeirim, D. Fernando dirigiu-se ao rei mais ou menos nos seguintes termos (os registados pelo cronista):

«E como quer, senhor, que vosso reino foi assaz grande para berço em que nos criássemos de pequenos, agora é mui pequeno para nos criar em grandes, como a nós cumpre; e por isto e porque, por graça de Deus vos crescem cada dia filhos a que é necessário que provejais; e tendo vossos reinos em sossego, e com os reis vizinhos e distantes paz segura, e eu sou mancebo que ainda não fiz por mim cousa por que ouse chamar-me eu filho de tal pai ou irmão de tais irmãos: eu, senhor, vos peço por mercê que me queirais dar vossa benção e licença para me ir fora destes reinos, onde Deus e minha ventura me guiarem. E prazendo a Ele meu propósito

Reportagem no país dos Astecas

A ALMA DOS MORTOS

Vimos no nosso ultimo numero como as tropas de Cortês esmagaram o povo asteca, utilizando armas de combate infinitamente mais aperfeiçoadas.

Aos soldados castelhanos não lhes repugnam nem as destruições sistemáticas nem os massacres em grande escala. E' a guerra... E em 1921, as contas estão saldadas, a casa está em ordem...

Os templos foram arrasados. As cidades também. Não haverá jamais Estado Asteca. Outras civilizações sobreviventes ainda não tardarão a ser esmagadas; a do noroeste, que nos deixou cerâmicas inimitáveis; a dos Zapotecas, cuja capital, Monte Alban, era construida sobre terraços artificiais, nas montanhas próximas da costa do Pacífico; as dos Mixteca-Puebla, de quem os modeladores actuais se esforçam em vão por copiar os trabalhos mimosos de oiro, prata, cristal ou jade...

Quanto aos Mayas, estes gregos da América Central não tardarão a sucumbir na sua península do Iucatão, onde o primeiro bispo de Mérida, Diego de Landa, mandou queimar, em 1531, a biblioteca riquíssima. Grandes arquitectos, os Mayas possuiam uma linguagem bastante subtil, apta a exprimir as «nuances» do pensamento. Matemáticos, conheciam o emprego do zero e o da aritmética vigesimal, em todos os pontos comparável á aritmética decimal que só viriamos a adoptar depois da revolução francesa de 1789.

A arte dos Astecas tem

Escultores, filósofos, pintores, miniaturistas, matemáticos e, não raras vezes, letrados, estas tribos, estes aglomerados ou estes povos, eram constituidos por homens dos tipos mais diferentes que se pode imaginar: nariz arrebitado ou

O TELESCÓPIO SI

(Continuação da 1.ª página)

analisar a radiação. O telescópio com televisão constitui um deles.

Três regiões diferentes

Actualmente os astrónomos conhecem três regiões importantes: uma, de enorme significado astrofísico, é a banda de novecentos a mil e trezentos «angstroms». A linha fundamental ou básica de hidrogénio situa-se nesta região e os astrónomos têm a certeza de que nela existe uma enorme quantidade de energia, lançada por tempestades de hidrogénos provenientes do Sol. Nestes ultimos anos descobriram-se importantes fenómenos terrestres ligados a estas tempestades. Elas emitem um volume tremendo de radiações ultravioletas que, actuando na atmosfera, provocam, por seu turno, perturbações nas camadas de ozono, as quais, por sua vez, perturbam as ondas de rádio.

Com todas as probabilidades a região ozónica da atmosfera é altamente sensivel a este influxo e presume-se que as camadas de ozono afectam as condições meteorológicas terrestres.

A segunda região é a do hélio, de duzentos e cinquenta e trezentos e cinquenta angstroms, a terceira é a dos raios equis-curtos de dez a cem angstroms. A actividade principal, que regista temperaturas superiores a um milhão de graus Fahrenheit, concentra-se na dita parte do espectro.

Tal tipo de radiações não pode ser descoberto ao redor de outras estrelas. Se os astrónomos desejam relacionar esta actividade com as condições físicas das estrelas, torna-se fundamental que bem compreendam a actividade do Sol.

Tal propósito é daqueles que fas-

Crónica da Rua Humilde

(Continuação da 1.ª página)

— E o pai dela?

— O pai dela é colega do Marcos, um cangalho, Deus me perdoe, que anda nos cinquenta e parece ter oitenta. Diz que tem muita pena que a filha não aceite, que era um alivio para ele e para todos lá em casa, mas se a rapariga não quer ele não há-de á força metê-la na cama do «Brasileiro»!

A curiosidade começa também em mim a fazer sentir os seus efeitos. Gostava de conhecer essa tal Rita, que prefere ser operária na fábrica do calçado, a ser milionária, a mulher do «Brasileiro» que não sabe o que tem de seu.

— Ah, gostava? — continua a Ernestina — Pois se não me engano é ela quem está além, encostada á parede, acolá á esquina.

Aproximo-me. Uma rapariga magra, de feições inteligentes e finas. As saias, um pouco abaixo do joelho, deixam ver uma pernas bem modeladas. Os seios miudos reportam na blusa encarnada. Cheira uma flor, um cravo, parece estar muito longe, a milhas das palavras da conversa das companheiras que a cercam.

O coração começa a bater-me descompassadamente. De onde a conheço eu? Onde já vi eu esta cara muito séria, o rosto magro que os olhos grandes enchem de uma luz que se reflecte em todos os sentidos como se desse num espelho?

Já sei. Foi na Academia, durante a palestra que lá tive sobre temas poéticos. Rita estava na primeira fila e não despegou os olhos de mim. Por isso, talvez, tive tempo de os aprender tão bem...

Começo a simpatizar com esta moça que se recusa a ser milionária.

MARIO CASTRIM

A NO TEMPO DE D. DUARTE

AVALEIRO E CRUZADA (1)

POR

AUGUSTO DA COSTA DIAS

clamantes a família ano — o que era outro ir- ue. neirim, D. i mais ou rmos (os

nhor, que rande pa- riássemos **mui pe- em gran- ore; e por a de Deus filhos a provejais; em sosse- hos e dis- sou man- por mim hamar-me irmão de , vos peço eirais dar para me nde Deus guiarem. propósito**

é ir ao Santo Padre, ou para o Imperador (da Alemanha), ou para França, onde conquistando maior largueza de terras terei maior esperança, ainda que seja com meu trabalho».

D. Fernando aprestava-se desta forma para servir na guerra um soberano estrangeiro visto seu irmão estar em segura paz com vizinhos e não vizinhos; assim ganharia terras, riqueza, poderio — coisa que lhe faltava na pátria.

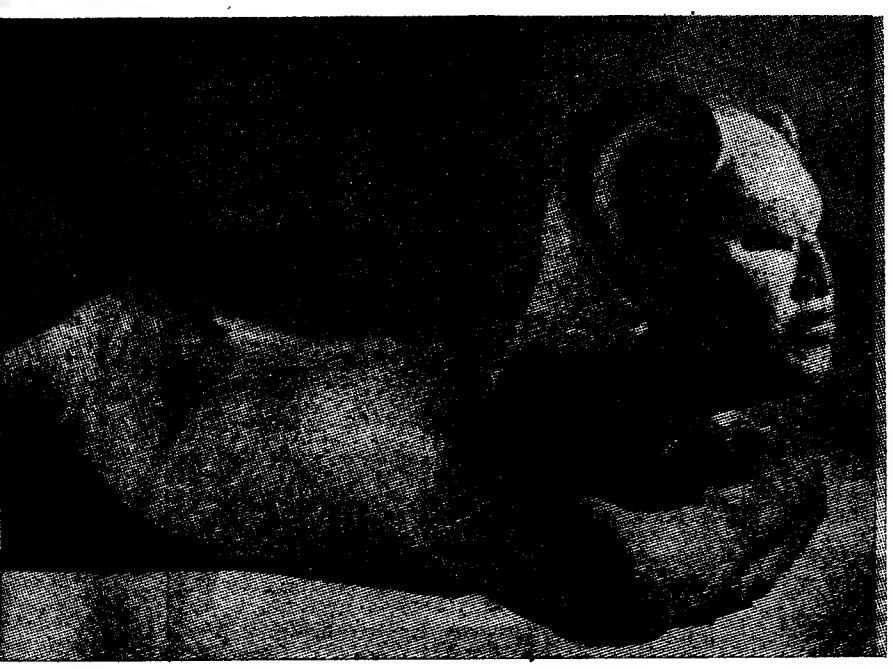
D. Duarte, porém, não sancionou a partida do reino ao irmão; e como era seu hábito exortou-o com palavras bondosas a ficar entre os seus:

«Deveis antes contentar-vos com o pouco nestes reinos do que com o muito no dos estranhos».

Depois, falando com o outro irmão, o infante D. Henrique, rogou-lhe que o ajudasse a acalmar a ansia do mais novo. Teria D. Henrique satisfeito tal pedido? O certo é que D. Fernando continuava a falar no assunto, não ao soberano, mas a pessoas que não deixavam de vir contar o facto ao sensível monarca. D. Duarte sentia grande tristeza com a atitude do irmão, mas calava. Foi então que D. Henrique lançou uma ideia que lhe era muito querida: e se em vez de ir servir monarcas estrangeiros o irmão fosse guerrear as ricas terras de Mouros no Norte de África, por conta da coroa de Portugal? Porque não organizar-se uma expedição contra Tanger? A nobreza teria ali ensejo de arrecadar despojos de guerra; a Coroa anexaria novos territórios á sua jurisdição...

Esta proposta viria a ter consequências ainda mais dramáticas do que a ideia de Fernando em partir para o estrangeiro: lançaria a funda semente da desunião na família de Avis: traçaria nítidas fronteiras entre interesses divergentes: e essa oposição de interesses tomava forma ideológica inconciliável: os que defendiam a guerra como processo de relações entre povos e os que, pelo contrário, consideravam a paz um bem acima de todo o preço.

A questão da ida a Tanger provocou assim uma áspera polémica em que se envolveram todos os príncipes da «Inclita geração; e fechou com os memoráveis discursos dos infantes D. João e D. Pedro. O do primeiro não é apenas memorável: pode e deve considerar-se um dos mais extraordinários documentos da cultura portuguesa e cristã e revelu uma mentalidade que dificilmente encontraria par na Europa. A ele dedicaremos o nosso próximo artigo.



arte dos Astecas tem estranhas semelhanças com a dos Egípcios

O SIDERAL

as ondas

ilidades a era é alta- uxo e pre- de ozono eteorológi-

do hélio, e trezen- ms, a ter- -curtos de actividade mperaturas de graus na dita

não pode de outras s desejam le com as relas, tor- bem com- o Sol. s que fas-

cinam os astrónomos. O dr. Whipple indica que um dos estudos mais interessantes e prometedores que poderia fazer-se com o telescópio sideral seria o das radiações emitidas pelas estrelas de alta temperatura, até 50 mil graus Fahrenheit. As estrelas chamadas «novas» possuem temperaturas ainda maiores. Ora a maior parte da energia delas proveniente concentra-se na região ultravioleta de que falámos.

As observações com o telescópio instalado num satélite permitirão provàvelmente penetrar no mistério da criação da energia nas estrelas, a forma por meio da qual se espalha do centro para a superfície, e a distribuição de tal energia nas diferentes partes do espectro electromagnético.

Mais do que tudo, o astrónomo deseja observar a região do universo que este telescópio porá ao seu alcance.

POR

JEAN-FRANÇOIS CHABRUN

linguagem xprimir as to. Mate- mprego do vigesimal, parável á viriamos revolução

pintores, os e, não as tribos, tes povos, omens dos e se pode itado ou

achatado, olhos de amêndoa ou redondos... Teriam eles vindo da Ásia, através do Estreito de Behring? E' provável. Mas a prova está por fazer...

Embora tão dissemelhantes no aspecto físico como em outros tantos aspectos (como, por exemplo, o de não adorarem os mesmos deuses...), a sua arte apresenta um carácter comum que não pertence a qualquer outra civilização.

Evidentemente que, aqui e ali, esta figura nos sugere o escriba egípcio, esta máscara nos evoca a de Bénin, este baixo relevo nos traz á ideia pormenores do templo hindu.

Isto apenas significa que em certos graus de evolução de um povo, correspondem quase automàticamente formas comparáveis de expressão num outro povo, num momento semelhante da sua própria evolução.

Este ar de família não exclui, no entanto, a existência de diferenciações fundamentais. Enquanto os negros africanos se distinguem por um extraordinário poder de estilização, os Precolombianos são realistas meticulosos, «realistas sociais», digamos, um realismo de tese.

Existe neles a obsessão da doença, do sofrimento, da morte. Tudo se passa como se estes povos, apesar do seu culto pelo Deus-Sol, vivessem na perpétua apreensão da sua destruição futura.

Os seus templos, que a selva defendeu da furia castelhana, sobem ainda para o Céu em pirâmides massibas, tal como subia — sem esperança — o canto do poeta asteca:

«Eu, o poeta, senhor do canto,
Eu, o cantor, faço vibrar o meu [tambor.
Possa este apelo ir acordar
as almas dos meus companheiros [mortos!»

As almas dos companheiros mortos acordaram, finalmente, na arte dos Astecas, Mayas e Zapotecas que chegou até aos nossos dias.

O OURO...

Uma mina é um mundo a parte do mundo em que vivemos. Tudo aí ganha uma cor triste, um aspecto cansado. Olhe Maria José uma galeria humida, ouça o gritar das rodas das vagonetas nos carris, fixe aquela edificação monstruosa com a torre alta e deselegante de um elevador ao lado. Suponha agora mil homens a viverem isolados dos outros homens no fundo das galerias, nas oficinas de tratamento de minérios. Pense no trabalho que foi necessário até que esta máquina estivesse totalmente montada, nas pesquisas, nas canseiras dos técnicos em sondagens, em cálculos de demarcação do filão.

— Haverá ouro em Portugal? Para quê essa pergunta de menina ignorante. Por que não, se ele se encontra em todo o Mundo! Junto dos afluentes do Zêzere, poderá encontrar homens, que lavam areias incansávelmente. Mas andemos um pouco, atravessemos as Beiras, frias e majestosas, entremos no Douro, subamos a Trás-os-Montes pelo vale do Corgo. No alto de um cerro, vamos encontrar o casario avantajado e cinzento de uma exploração mineira de ouro.

Descansemos agora á sombra de velhos castanheiros.

— Que horas são?

- Quase cinco.

— Não tema o que vai ouvir. A terra tremerá, mas não se trata de uma batalha de artilharia de montanha.

Desagregam-se, no fundo das galerias, as massas do filão. Cada um destes tiros é o rebentar das suas entranhas.

Veja neste bloco negro. Em nada se parece com o ouro.

Entremos agora na oficina de tratamento. O minério... Por aqui. Sobe das galerias pelo elevador, cuja carcaça vimos lá fora, e entra naquele sem-fim. Depois este mastigar seco. As mandíbulas dos trituradores desfá-lo-ão. Essas bisarmas são os moinhos de bolas. Aí se reduz, depois de triturado, o minério, a pó fino. Andemos uns passos. Este tanque cheio de engrenagens, estas pás? As substancias estéreis vão escapando pela borda do tanque. Uma operação que aproveita de uma propriedade física dos corpos — a densidade. seguem-se as camaras de concentração. O mesmo veículo de transporte dos resíduos — a água, a mesma propriedade física a servir o efeito desejado — a densidade.

Visitemos um forno de secagem. Não paremos muito tempo. Estes fornos brancos de sabor aleáceo estão carregados de arsénio. Não me fite com esses olhos de menina insatisfeita, pode perguntar o que lhe apetecer. Vai perguntar talvez.

— E o ouro? Só vejo pó negro...

— Esperemos um pouco. Os concentrados de minério, este pó negro vão seguir viagem. Longe de Portugal se procederá á separação e á fundição. Mas, como disse que queria ver ouro, vê-lo-á. Entremos no laboratório de análise e tomemos uma pequena amostra desse pó negro. Vamos levá-la ao forno dentro de um cadinho, depois de misturada com um fundente. Mais algum tempo o espera...

Veja. O técnico mandou tirar os cadinhos do forno, vazá-los numa pequena lingoteira. Deixemo-los esfriar. Agora este vidro verde como o das garrafas... Partamo-lo. Repare neste botão cor de chumbo que saiu do vidro.

Nele se encontra o ouro misturado com outros metais. E então? Aproveitemos uma propriedade de certos corpos. Os pequenos vasos de paredes grossas, que um dos operários retira de uma caixa, são feitos de cinzas de ossos. Tal como uma esponja, estas cinzas absorvem os metais á excepção do ouro e da prata. Novamente um forno... Este mais pequeno e construído de forma a manter constante a temperatura. O homem vai pôr em cada copela um botão, vai colocá-los em linha, como soldados perfilados na soleira ardente.

Voltemos ao souto. Este calor é insuportável. Enchamos os pulmões com um pouco de ar puro.

As copelas estão frias. Desapareceu o botão cinzento e em seu lugar está uma esfera, brilhante e pequena. Branca de prata! Que brilho! E o ouro? Tratemos numa cápsula o pequeno botão, pelo ácido azótico, aqueçamo-la brandamente a um bico de Bunsen. Repare que a cor brilhante vai desaparecendo. A esfera enegrece, diminui de tamanho. Uma reacção. Está a formar-se um composto químico, o nitrato de prata. O botão vai novamente brilhar. Amarelo... Veja o amarelo luminoso do ouro.

DEMOS LUGAR AO ENGENHO DO HOMEM — Não julgue que na prática as coisas se passam assim. Analisámos um caso especial de minério. Os processos de extracção em pouco variam. A desagregação das massas metalíferas, a condução e trituração fazem-se sempre dentro dos princípios que já mencionámos. Desde a lavagem dos aluviões auríferos, do peneiro rectangular e oscilante, aos processos de tratamento actuais, o caminho percorrido foi longo. A' amalgamação, dissolução do ouro no mercurio seguida de destilação, ao tratamento dos minérios pelo cloro, segue-se o processo mais económico, usado actualmente no Rand e noutros grandes centros auríferos.

Aqui o minério, depois de triturado, é metido numa solução de cianeto de potássio. Em presença do oxigénio, este cianeto apodera-se do ouro transformando-se num sal duplo A adição de poalha de chumbo a este sal duplo precipitará o metal.

Daqui á fundição, á lingoteira... um passo. E agora? Uma unica operação de limpeza — refinação. Tal qual como quem se lava para tornar o seu aspecto mais atraente, assim se funde o ouro outra vez para perder as impurezas que não foram eliminadas no decorrer das operações de transformação.

Ei-lo pronto a seguir para os bancos, a entrar nas ourivesarias, a construir o sonho de muitas Evas deste Mundo, pronto ás combinações mais engenhosas dos economistas, ás lutas em que muitas vezes aparece tinto do vermelho de sangue.

MANUEL DO NASCIMENTO

QUANDO A TERRA TREME

"Luzes da Cidade"

Encontros desencontrados

A Primavera parece ter a sua influência sobre a conduta humana, pois os que se impõem a si próprios toda uma vida pautada pela razão, sem uma fuga para o sentimento, vêem-se penetrar por qualquer transformação que faz vacilar a rigidez dos seus propósitos.

A onda de perfumes que paira no ar, a promessa de dias mais tépidos, com manhãs lavadas e frescas, tardes de brisa leve a acariciar as acácias do jardim, tocam as almas fechadas, de anseios recalcados por uma existência impiedosa e monótona, que se desdobram ao sol da esperança procurando uma plenitude jamais sentida.

Os troncos das árvores floresceram, a relva matizou-se de florinhas multicores, os pomares encheram-se de florações brancas e rosadas de odor capitoso. O eterno e sempre novo renascer da Natureza actua benéficamente no coração humano, sarando feridas abertas, levando ao esquecimento de mágoas e desgostos de um passado repentinamente distante. As tristezas choradas em silêncio, os sonhos amassados dia a dia e logo desfeitos são trocados por um desejo intenso de viver, de comunicação com os outros, de confidências íntimas, compartilhadas.

Surgem os primeiros projectos: um pique-nique á beira do lago, pequenas excursões aos arredores da cidade nos fins de semana, um banho de Sol a bronzear a pele junto ao azul maravilhoso do mar. Todo este programa excitante, para o prazer honesto de cada um, só terá o seu verdadeiro sabor vivido em companhia. Mesmo os que vivem isolados, mercê das circunstancias ou por gosto, sentem que chegou o fim da hibernação e que é necessária a presença de outrem O seu caracter acidulado privou-os talvez da companhia desejada, mas agora, ao calor do Sol primaveril, o azedume acumulado nos dias silenciosos vai-se diluindo a pouco e pouco, e o caminho que leva á aproximação do semelhante é já menos rugoso.

O movimento das ruas, os empurrões dos outros, a trepidação de uma grande cidade, prova da vida intensa em que participam milhares de seres, são um cenário constante, mas diverso para aquele que o vê como se fosse a primeira vez. Com o declinar do dia, a atmosfera impregna-se de um suave aroma que vem dos plátanos, das magnólias, e ouve-se nitido o gorjeio alvoroçado dos pardais.

Que poderá acontecer hoje?! Amanhã?! Pergunta-se o lisboeta solitário que sente dentro de si uma nova viva, quem sabe se um anseio ainda inconfessado de uma felicidade diferente e mais duradoura. E os seus olhos prendem-se nos tons mais claros que vestem as raparigas, nas saias xadrezadas que lhes emprestam um ar agarotado, no ligeiro sorriso que lhes aflora ao rosto, emoldurado pela boina do estilo francês.

No picadeiro das elegantes, ali ao Chiado, o lisboeta vê passar a multidão jovem ou menos jovem, bastante ataviada, numa confusão de cores e essências caras. Em breve notará, porém, que toda esta exuberancia alacre é mais para ser apreciada como espectáculo do que como realidade penetrável. Há uma fina parede a interpor-se entre o desejo de convivência e o respeito pelas convenções.

A rapariga que toma chá na mesa do canto e acende o cigarro á chama do isqueiro num grande á-vontade (houve tempo em que fumava ás escondidas, encerrada nos lavabos) será incapaz de trocar uma palavra com o vizinho da mesa do lado, receosa de estragar a sua reputação, de «andar na boca de toda a gente». O cavalheiro que, num restaurante, fita o rosto curvado sobre o prato, na mesa em frente, não ousa mostrar a sua simpatia, entabular conversa, para não ser apodado de atrevido. Com uma estrangeira o seu gesto seria considerado natural, e por isso conhecem sempre mais raparigas estrangeiras que portuguesas.

Outras vezes, talvez pela falta de hábito, são eles os primeiros a admirarem-se da desenvoltura de algumas senhoras que, passada a chamada idade para casar em que a longa expectativa nada lhes trouxe de bom, resolvem revolucionar os nossos costumes, conversando nos eléctricos, nos comboios, nos «cafés, em todos os lugares, enfim, onde possam encontrar alguém que lhes quebre o isolamento.

Não é considerado decente que uma senhora fale de um assunto ligeiro, ou sério, com o companheiro de ocasião no autocarro. Por outro lado, pela força do costume, ela receia corresponder ás tentativas de convívio da parte masculina, pois não se lhe afigura possível que um sujeito rompa as densas malhas do preconceito existente, só para ter o prazer de conversar algum tempo e nada mais.

Círculo vicioso, novelo emaranhado em que custa acertar as pontas, porque a desconfiança e o medo da maledicência impedem a sinceridade das relações humanas. Portanto, meu velho, pode cantar-te a Primavera no coração, que as alegrias de uma agradável reviravolta na tua vida pacata não serão devidas aos encontros do acaso. E como o acaso ainda é o mestre de muitas prometedoras descobertas, estarás privado de uma das melhores fontes do conhecimento da personalidade humana. Quanto a ti, alma inconformada, sabes que o grito sufocado na tua garganta nunca se poderá soltar, se aceitas viver resignadamente dentro dos quadros estreitos de um mundo em que o individuo abafa. Mais tarde consi-

(Continua na 6.ª página)

VAI BA COMER

Vem aí o calor!

Defendam-se...

Vem aí o calor, não é bem a frase; está aí o calor, sim.

Com o calor, vem a necessidade de beber líquidos (falámos disso no numero anterior). Mas nem todos os líquidos nos sabem bem, a água anda choca, mal saborosa, ou temos visitas e o chá não sabe bem agora... que fazer?

Muito simplesmente, leitora amiga, prepare limonadas, sejam elas de limão... ou não.

Preparar uma limonada também tem seu preceito, embora muita gente pense que basta espremer o limão dentro da água.

Uma boa limonada prepara-se da seguinte maneira:

Dois a três limões bem maduros para um litro de água. Esfregá-los bem com o açucar, de modo a tirar-lhes o liquido aromático; cortá-los em fatias grossas ou em metades, com o vidrado e pôr a macerar em água fria, adicionada de xarope ou açucar em suficiente quantidade. Esta limonada pode preparar-se com água espumante para fazer macerar os limões. Servir fria.

E' uma bebida refrescante e que além disso contém as vitaminas dos frutos de que se preparam; nas clássicas de limão — donde lhe vem o nome — a vitamina C não é para desprezar.

Estamos na época dos gelados... que bom!

Pode fazer gelados em sua casa, se tem um frigorifico, utilizando as próprias cuvetes com a condição de seguir estes simples conselhos:

1.º — Utilizar, de preferência, o açucar glace.

2.º — Pôr o termostato do frigorifico no grau mais baixo.

3.º — Meter o creme, o leite condensado ou o leite que irá empregar, durante uma hora, no frigorifico, antes de bater.

4.º — Manter frios todos os ingredientes que entrem na preparação.

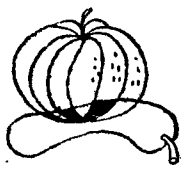
5.º — Mexer, pelo menos uma vez, a mistura durante a congelação.

E verá que deliciosos gelados pode preparar, económicamente!

Gelados de frutas (6 a 8 pessoas)

1 kg. de frutas frescas, 6 colheres de sopa de açucar, 1/4 de litro de creme, 1 copo de leite e sumo de um limão.

Descascar os frutos e reduzi-los a puré que se mistura com o açucar

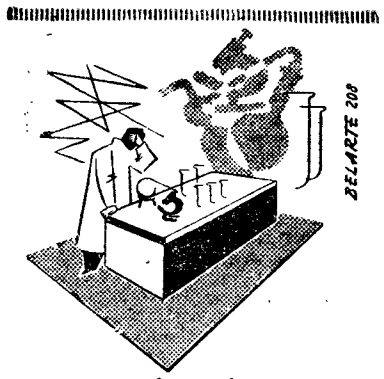


e o sumo do limão. Bater vigorosamente o creme e o leite. Misturar com o resto e meter no frigorifico, pelo menos durante três horas.

Gelado de café (4 a 6 pessoas)

1 lata de leite condensado não açucarado, 150 gr. de açucar glace e 1 colher de extracto de café.

Misturar o leite, o açucar e o café em po, batendo enèrgicamente (de preferência com um batedor). Depressa se forma uma espuma abundante. Deitar nas cuvetes e meter no frigorifico durante 5 horas.



Assim...
NÃO PODE TRABALHAR

OVOMALTINE
DAR-LHE-Á FORÇAS

PRODUTO VENDIDO EM PORTUGAL PELA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PRODUTOS WANDER, LDA.
AV. SIDÓNIO PAIS, 24 - LISBOA

E' bom não esquecer o leite!

Agora que o calor chegou e as bebidas quentes começam a perder pé em favor dos refrescos — é bom não esquecer o leite.

Com ou sem café, com ou sem chocolate, com ou sem ovomaltine, com ou sem qualquer outra mistura, não esqueça que o leite dá óptimas bebidas frescas ou geladas.

O leite, como temos feito notar, engloba, qualquer que seja a sua origem, matérias azotadas (proteinas), lactose (açucar do leite), sais minerais e organicos, vitaminas e diastases. Com todos estes elementos, o leite é um alimento completo.

Mas o calor dificulta o uso desta preciosa bebida, para quem não possui refrigerador. O leite, no Verão, estraga-se mais fàcilmente do que na estação fria. E' preciso manter o leite a uma temperatura a menos de 20 graus. Mas como?

Metendo o fervedor em água fria corrente, até arrefecer completamente. E depois, mantê-lo em água fria que se renova muitas vezes. Ou envolver o fervedor num pano com frequência molhado em água fria. E colocá-lo na parte mais fresca da casa.

Com o leite pode preparar diversas bebidas açucaradas e guardar em garrafas, no frigorífico. Em vez de outra bebida qualquer, beba leite. Sobretudo as crianças. Se não pode exagerar o uso do leite, faça uma mistura de leite e água, com que preparará as bebidas que quiser.

Soluções da página III

A quem pertencem?

Gronelandia, á Dinamarca; Bali, á Indonésia; Ceilão, a Ceilão; Espanhola, a Haiti — Republica Dominicana; Terra Nova, ao Canadá; Sumatra, á Indonésia; Creta, á Grécia; Jamaica, á Inglaterra; Maio (Cabo Verde), a Portugal; Córsega, á França; Canárias, á Espanha; Sardenha, á Itália.

Os dez grandes:

1 — Est. Unidos...	4.017	22.101.258
2 — Inglaterra ...	7.343	17.610.165
3 — Noruega	1.903	3.076.456
4 — Japão	1.567	2.991.953
5 — Holanda	1.584	2.802.305
6 — França	1.091	2.770.059
7 — Itália	984	2.700.923
8 — Alemanha ...	1.816	2.363.317
9 — U. R. S. S. ...	1.089	2.294.863
10 — Suécia	1.073	1.904.974

Quem descobriu

1 — Livingstone; 2 — Robert Peary; 3 — Diogo Cão; 4 — Sir Edmund Hilary; 5 — Bartolomeu Dias; 6 — Amundsen.

Os mais altos

1 — Empire State, 448 metros; 2 — Chrysler, 318 metros; 3 — Torre Eiffel, 310 metros; 4 — Sixty Wall Tower, 290 metros; 5 — Banco Manhattan, 283 metros; 6 — Catedral de Ulm, 156 metros; 7 — Pirâmide de Queops, 153 metros.

PALAVRAS DANADAS

Misogamia — aversão ao casamento; Misoneismo — aversão ás inovações; Misoginia — aversão ás mulheres; misopedia — aversão ás crianças.

Manias

Cleptomania — *mania de roubar.* Mitomania — *mania de mentir e de viver em sonhos.* Demonomania — *mania de que se é possesso do demónio.* Bibliomania — *mania de coleccionar livros.* Piromania — *mania de provocar incêndios.*

Os inventores

O Cinema: *Edison e Lumière.* Aureomicina: *Benjamim Duggar.* Penicilina: *A. Fleming.* D. D. T.: *F. Zeidler.* Cloromicetina: *Mildred Rebstock.* Fotografia: *J. Nippre e Luís Daguerre.*

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Altar. 2 — Marmelada. 3 — Ora. Simão. 4 — Tossan. 5 — Capo, das; 6 — Renan, adi. 7 — Ait (inv.). An. Ar. 8 — Mãe. Sal. 9 — Assa. Oiro.

VERTICAIS: 1 — Amor. Yama. 2 — Lar, Ceias. 3 — Tratantes; 4 — Am (inv.), Opa. 5 — Ressonas. 6 — Lis. Não. 7 — Camada. Li. 8 — Pomada. 9 — Pão, sírio.

"Luzes da Cidade"

(Continuação da página central)

derarás o amor irrisório, e o constante mau humor irá prejudicar os tuas realizações, por mais sublimes e extraordinárias que sejam.

Há dias num eléctrico da carreira Benfica-Restauradores, uma senhora ainda jovem sentara-se num banco, junto da janela. Para preencher o tempo da viagem abrira um livro que lia interessada. As páginas do livro eram ilustradas com mapas que ela observava atentamente, de vez em quando Pouco depois, num desses momentos de atenção concentrada, um individuo sentado ao seu lado, curvara-se também sobre os mapas e perguntara-lhe algo que lhe despertara a curiosidade. A senhora acedeu a elucidá-lo, e em breve, fechado o livro, conversavam e riam como dois bons amigos. Quantas vezes um primeiro contacto não traz a certeza de uma boa amizade a cultivar?

Tudo corria no melhor entendimento. Falavam sem constrangimento, com simplicidade e alegria. Mas eis que o carro pára no fim da linha e tudo termina abruptamente: não houve troca de cartões, nem de nomes, nem um simples aperto de mão. Um «boa-tarde» seco, uma grande tristeza, nos olhos dela, uma expressão desiludida no rosto dele. O desconhecido ainda ensaiou uns passos, a mão estendida na direcção dela, mas não teve coragem de chamá-la e ficou-se, assim, a vê-la atravessar a rua. Cada um partiu para o seu destino, de novo dois estranhos, com o encanto breve de um encontro frustrado.

Não poderiam cair em desuso conceitos anacrónicos que limitam a apreensão total da vida?

Até lá, os doces e fugazes encontros, que não se podem repetir indefinidamente, serão apenas uma perspectiva das possibilidades que um mundo mais rico e humano, mais concorde com o progresso, pode oferecer á sociedade onde os homens não se criaram para viver sós.

DULCE REBELO

RECEITAS DE URGÊNCIA

PUDIM DE MÃO DE VACA

Duas mãos de vaca, 50 gramas de gordura de rim de vaca, duas colheres de chá de farinha, duas gemas, duas claras em castelo, 20 gramas de manteiga, sal e pimenta q. b., noz moscada, molho de tomate ou molho branco com anchovas.

Cozer as mãos e desossar, cortar finamente a carne e a gordura do rim. Misturar com a manteiga, a farinha e as gemas. Juntar o sal, a pimenta e a noz moscada; as claras em castelo, bem firmes.

Barrar bem uma forma, deitar a mistura e deixar cozer em banho-maria, durante três quartos de hora. Desenformar e servir com qualquer dos molhos indicados. Acompanhar com salada verde variada.

SOPA DE PEIXE À MODA DA PROVENÇA

(Para 6 pessoas)

125 gramas de macarronete, 500 gramas de peixe (qualquer peixe ou mesmo marisco), duas colheres de sopa de azeite, 1 alho, 1 ramo de salsa, louro; 3 tomates frescos bem maduros e 5 gramas de açafrão.

Picar finalmente o alho, a cebola, os tomates e refogar em azeite. Deitar numa caçarola grande e ferver com cerca de 2 litros de água fria, juntar o louro, a salsa e o açafrão. Salgar, ferver com fogo bem forte. Logo que a fervura começa, deitar o peixe e deixar ferver durante 20 minutos. Deitar tudo sobre um passador, fazer pressão para passar o peixe sem as escamas.

Escaldar o macarronete á parte e misturar a sopa passada. Deixar junto ao fogo durante 20 minutos, bem tapado antes de servir.

Se for de marisco a sopa, deite bocados de marisco ou camarões descascados.

BOLO DE ARROZ COM CAFÉ

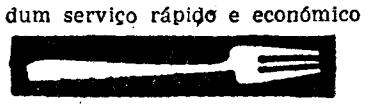
(Para 6 pessoas)

Seis colheres de sopa de arroz cozido em litro e meio de leite muito açucarado e baunilhado, seis colheres de sopa de café bem forte, quatro gemas de ovos e quatro claras em castelo bem firme.

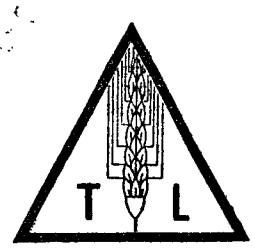
Misturar tudo, segundo a ordem com que se apresentam os elementos. Barrar com margarina uma forma e meter esta preparação que não deve chegar até cima, pois sobe e pode entornar. Meter em forno brando durante meia hora (até que uma faca enterrada no bolo saia enxuta).

Servir frio, coberto com creme de baunilha. Se quer tornar mais fácil o bolo, faça um pudim de baunilha de boa marca e cubra, quando o creme está já semi-frio, de forma a não escorregar demasiado.

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER
nos restaurantes
BELO HORIZONTE
Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30412
SOLAR BOEMIO
R. dos Correeiros, 125-129—T. 28277
A GAIVOTA
L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21588
FLOR DE SÃO PAULO
Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 28017
TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA
e dum serviço rápido e económico



Uma representação



PARA A COMODIDADE E A ECONOMIA DO LAR MODERNO
EM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS STANDS DE
Frigaz

À MESA DO CAFÉ

O HOMEM DOS ESPECTROS

POR
CORREIA DA FONSECA

O que o torna perigoso, o que antecipadamente me inibe de toda e qualquer defesa contra ele, é a insuportável ingenuidade que lhe inunda o rosto, o indestrutível e obstinado fogacho de boa-fé que lhe arde no fundo dos olhos miúdos. Impossível reunir a coragem que me permitiria esmagar as suas queixas entre os dedos grossos de uma indiferença brutal: nele se pressente qualquer coisa de precioso e frágil como uma delicadíssima coluna de cristal que é preciso não estilhaçar.

Capitulo, deixo-o falar, submeto-me á tortura. Não sei o que fiz para merecer a dura pena das suas confidências de franco-atirador da Caridade. Pois este homem, que é inteligente e bondoso, não entenderá de uma vez para sempre que as suas histórias são um atentado contra a torrada que saboreio enquanto o ouço, contra a revista cara que folheio, contra o macio travesseiro em que á noite hei-de afundar a cabeça a transbordar de reminiscências tristonhas? Pois não entenderá que me está a dirigir uma censura pessoal que eu não sei repelir e não estou disposto a aceitar? Fala! fala, fala, como se tudo o que me vem contar se passasse num outro mundo, reino de sombras distantes com o qual eu nada tivesse a ver.

Hoje, narra-me um episódio de pobreza envergonhada. Não consigo subtrair-me á silhueta de uma velha senhora de chapéu amassado, desbotada «écharpe» violeta, a cortar timidamente o passo a um outro cavalheiro apressado, os olhos deixando escapar as lágrimas amaríssimas da primeira humilhação. Ao referir-me os detalhes mais constrangedores, ele inclina-se mais sobre a mesa, fura-me as pupilas com o seu olhar consternado. A custo reprimo um berro de dor e de protesto. E, contudo, quase lhe estou grato por não me ter voltado a falar daquela criancita de cinco meses, morta sei eu muito bem de que, que durante muitas noites sobreviveu ainda nos meus sonhos, povoando-os com os seus olhos de espanto e de fome.

Miro-o com desespero, um polvo de cólera a revolver-me o estomago. O Deus da misericórdia e da justiça — ou talvez antes qualquer demónio subalterno particularmente encarniçado contra mim — dotou o meu algoz com singulares dotes de narrador. Não são apenas as suas palavras que diante de nós reconstroem o universo doloroso de que é íntimo. São os olhos, aqueles olhos insignificantes mas duramente marcados pelo que viram e conhecem, que dão vida e poder a cada palavra estafada, a cada lugar-comum poído pelo uso. Enfurece-me, intimamente, saber que ele está tomando a minha passividade impotente como uma atitude de solidariedade e estímulo. E é incorrupto: não o posso fazer calar com um donativo, uma esmola reforçada para os miseráveis que arrasta consigo até á minha mesa. Sei que o que o anima, infelizmente para mim, não é uma simpática intenção de «chantage» dirigida á sensibilidade, mas a sede de um confidente com quem repartir emoções.

Furtivamente, sem abandonar a aparência atenta, vou preparando uma secreta evasão á tirania insuportável. O meu olhar tenta surtidas cada vez mais demoradas até ao passeio fronteiro, onde desfila a Lisboa elegante, civilizada, concreta. Belas mulheres, «toilettes» primaveris, encanto supremo da Baixa lisboeta nesta quadra do ano. Sigo por muito tempo um rosto de anjo, um porte de princesa, que acabam por sumir-se na multidão.

A porta da Confeitaria, uma mulher vende cautelas. E' pobre, mas perdoo-lhe por ser típica, figura bem integrada no folclore da cidade. Mas, de subito, julgo descobrir-lhe um ar vagamente familiar, uma sugestão maternal que se lhe desprende da feminilidade cinquentona, de uma indefinida doçura que vislumbro a assomar-lhe ao rosto. Fujo assustado, pressinto que ela se vai metamorfosear ali mesmo num ser humano autentico, tão vivo e natural como a minha própria mãe. Basta de disparates! A culpa é desta voz quente que me massacra os ouvidos com as suas histórias incriveis produtos de uma sensibilidade piegas. Agora volta a falar-me do seu musico paralitico, desequilibrado e orgulhoso, que teima em retribuir cada esmola com uma composição sua, desvaliosa e imprestável. Que fauna meu Deus!

Mas eu encaro-o de frente, por inadvertência. Leio-lhe nos olhos magoados que lheestou a ser util apenas pelo acto de ouvir. Suspendo no ultimo instante o assomo de raiva que ia rasgar-me os lábios e levo o heroismo ao ponto de me dominar em silêncio, de cara fechada, até que o meu carrasco decide ser tempo de partir. Levanta-se, despede-se com um sorriso grato, retoma a sua estrada de bom samaritano, rodeado pelo bando invisivel dos seus pobres. Agora, que se foi, não posso deixar de lhe dirigir um rápido olhar de admiração, um unico relance ainda medroso.

Um só relance rápido, pois é preciso esquecer. A torrada, a minha torrada já fria, a revista cara, as mulheres soberbas que iluminam os passeios desta cidade maravilhosa! (No fundo de mim mesmo, alguém adivinha um travesseiro macio e gelado onde esconderei a cabeça ardente; a penumbra do quarto na próxima noite de insónia: a tortura que é preciso evitar a qualquer preço).

VERSO E REVERSO DA SEMANA

I

Aprende-me este nome: Matubara.
Afinal, Matubara o que é, em suma?
O nome, é isso?, de um vulcão que fuma?
Alguma actriz? Alguma jóia rara?

Não. Matubara é um nipão — repara! —
que se exprime em — esquecerei alguma? —
dezoito línguas fortes — e nenhuma
fala o pobre do mudo Matubara...

Ouve-se a história e fica-se a pensar,
Grande que seja a pena, maior que ela
outra se topa neste mundo afoito,

Porque, leitor, bem pode imaginar
quem fala uma só lingua e é mudo nela
quanto custa ser mudo — e em dezoito...

II

Encontram-se em Genebra reunidos
os quatro Grandes, postos frente a frente.
«Falem, Senhores, falem!» — diz a gente
fitando neles olhos comovidos.

Três idiomas são os escolhidos
(sem falar no alemão). Súbitamente
penso em como era bom se, de repente,
só um idioma servisse os entendidos.

Que a lingua dos interesses amainasse.
Que a do prestigio ali cobrisse a face
a luz da nova esperança que ali faz.

Que os perigosos gestos acabassem,
e os quatro grandes afinal falassem
um idioma apenas — o da Paz.

ALPA

inquilino mais novo, que andava numas obras em companhia de um primo construtor.

De facto, os operários ali pagavam cem escudos por mês. Se saissem, alguns deles com cinco e seis filhos, teriam de alugar quartos, cujas rendas davam logo um pulo para o dobro ou o triplo das actuais.

Mas a maioria, passado o pasmo, ficou satisfeita com as atenções do senhor de dentes de oiro que sabia falar bem e sem espalhafato e não se importariam de ir viver para «quartos», nos bairros novos da cidade. Dez contos, não eram dez tostões!...

Que o Pátio, diga-se em abono da verdade, já fora um sítio bom para viver, nos tempos em que o sol o alagava, amigo e protector. Agora... bah!, o Pátio era uma fábrica de doenças, um ninho de tristeza.

Só António Moreno ficara pensativo. Não gostava da cidade. Os dez contos que lhe ofereciam, caíam do céu, talvez o fizessem voltar á vila...

Terra mãe

Por
ANTUNES DA SILVA

Variações sobre velhos temas

POR
ALFREDO BRAZ

Foram bem longos e difíceis os caminhos da libertação da arte e da dignificação do artista. Serva da teologia durante toda a Idade Média, dependente dos caprichos dos mecenas no período Renascentista, só nos princípios do século passado a arte atingiu a completa liberdade de que hoje ainda desfruta nos países mais livres e cultos.

É certo que os caminhos da secularização da arte não estão, como sucede com os da ciência e da filosofia, assinalados com sangue e fogueiras, a não ser as de Savonarola, mas também sofrimentos e heroísmos ilustram a épica luta pela afirmação da individualidade privilegiada do artista numa civilização que unicamente sabia reconhecer os privilégios de sangue e de fortuna.

Já na segunda metade do «quattrocento» se assiste á gradual ascensão do artista-individualidade e Leonardo da Vinci demonstra a sua independência mudando de protector ao sabor dos seus interesses ou dos seus caprichos. Assim o grande artista florentino tornou-se pintor da corte de Ludovico, o Moro, passou depois a primeiro engenheiro militar de Cesar Bórgia e terminou a vida como favorito e amigo íntimo do rei da França. A mudança fundamental na situação do artista dá-se, porém, no início do «cinquecento», quando os famosos mestres passaram da situação de protegidos dos grandes senhores da época a grandes senhores deles próprios. Rafael passou então a residir num seu palácio, em Roma, e esteve para casar-se com a sobrinha de um cardeal. Ticiano foi elevado á categoria de conde e membro da corte imperial pelo imperador Carlos V. Greco, o pintor dos místicos êxtases, viveu rodeado de luxo e chegou a ter uma orquestra privativa para dar aos seus repastos um acompanhamento musical.

Mas tudo isto ainda parecia bem pouco aos artistas que tinham atingido plena consciência da sua excepcionalidade e do seu poder criador. Não bastava que o mecenas homenageasse a arte na pessoa do artista e Carlos V tivesse chegado a baixar-se para apanhar o pincel caído da mão de Ticiano; era preciso que o artista fosse considerado igual ou superior aos Príncipes, aos Imperadores e aos Papas. Aparecera de subito no Mundo o conceito do génio artistico, essa misteriosa e super-humana força que todos, sem nenhuma excepção, deveriam venerar.

Foi Miguel Angelo o primeiro a erguer-se a essas culminancias para daí lançar um desafio sem precedentes aos seus poderosos patronos. É bem conhecida a titanica luta do genial pintor do tecto da Sistina com o Papa Julio II e a resposta por ele dada a um oficial a quem o seu antagonista ordenara que não deixasse o artista sair de Roma e o levasse á sua presença a bem ou a mal. «Hás-de dizer-lhe, disse o violento Miguel Angelo, que quando tiver necessidade de mim, terá de me procurar onde eu estiver».

Nunca o orgulho de um artista, a profunda consciência da sua dignidade, pairara tão alto e será necessário esperar ainda mais dois séculos para que outro génio manifeste tão grande ou ainda maior altivez diante de um poderoso mecenas. Desta vez, porém, as expressões usadas pelo artista serão ainda mais contundentes e ficarão na história como a proclamação dos legitimos privilégios do génio em face das ilegítimas prerrogativas do nascimento e do dinheiro.

Foi o caso que o principe Lichnowsky, protector de Beethoven, quis forçar o genial musico a tocar para os seus convidados. Perante a recusa formal do artista, motivada por simples capricho, o aristocrata enfureceu-se e ameaçou-o com a prisão. Beethoven manteve firmemente a recusa e, após ter-se posto a salvo, respondeu ás ameaças do principe com uma carta violentissima onde, entre outras coisas, lhe dizia o seguinte:

«Principe, aquilo que sois é puro acaso, o que sou, consegui-o eu. Houve no Mundo, até hoje, e haverá, milhares de principes, mas não há mais do que um Beethoven».

Que espantosa manifestação de auto-respeito do artista pelo seu próprio génio e que grande lição de dignidade!

Pensarmos nós que, poucos anos antes, o grande Mozart comia com os criados do imperador!

*

Acabei há pouco de reler «Educação e Vida Perfeita». (Education and Good Life) e verifiquei que esta velha obra de Bertrand Russel se mantém tão actual como se ainda ontem tivesse sido escrita.

Desejaria ardentemente que este óptimo livro constituisse leitura obrigatória para os pais e objecto de constante meditação para todos os educadores, porque com isso muito teriam a lucrar as crianças. Mas a preguiça mental, a fuga ás responsabilidades, o medo áquela margem de imprevisto sempre existente nos caminhos inexplorados, tudo isto determina que a educação da infancia continue a fazer-se nos moldes tradicionais, isto é, da maneira mais inadquada e com os piores resultados possíveis.

Afirma Bertand Russell no seu livro que «a boa disciplina consiste, não em compulsões externas, mas em hábitos mentais que nos conduzam espontaneamente a actividades desejáveis, de preferências ás indesejáveis». E muito embora isto seja de uma evidência que raia pelo truismo, quantos pais serão realmente capazes de dispensar os métodos compulsivos na educação dos seus filhos?

Porque não tentarão os reponsáveis, após a verificação do total fracasso dos métodos educativos tradicionais, orientar abertamente a educação num novo sentido? Não seria interessante que, por exemplo, tentassemos a experiência de cultivar os instintos da criança, em vez de reprimi-los?

E porque se não pensa em desenvolver a destreza manual da criança, em lugar de a treinar para provas de competição? Pois não será verdade que, como escreve Lord Russell, «onde há um inimigo a vencer, é preferivel que ese inimigo seja uma força da natureza, um obstáculo físico, e não uma criatura humana»?

Muitas mais interrogações do mesmo génio poderiam ser feitas, mas a interrogação prévia que devemos pôr a nós próprios e cuja resposta condiciona todas as outras é se realmente queremos educar os nossos filhos no sentido de fazermos deles homens de carácter, sejam quais forem as consequências, ou se preferimos que eles «vençam na vida», embora á custa de desvios incompativeis com a dignidade e a honra.

A tal pergunta respondeu Bertrand Russel no seu livro desta maneira sincera e inequivoca: «Desejamos que nossos filhos sejam direitos, leais, francos, respeitadores de si próprios; da minha parte prefiro que falhem na vida com estas qualidades do que vençam com os artifícios e transigências dos escravizados.

Quantos pais conseguirão, com a mesma sinceridade, dar idêntica resposta?

Uma simples rodela de plástico colocada no prato de uma maquineta eléctrica pode provocar um estranho sortilégio. Particularmente se, como é o caso, nessa simples rodela se oculta, como que por estranho feitiço, uma voz sugestiva e cálida, a dizer poemas de inexcedivel beleza. A voz é de Germaine Montero e os poemas são de Federico Garcia Lorca. Este disco é uma bela homenagem ao grande poeta espanhol.

Todo um lado da gravação está ocupado com o «Llanto por Ignacio Sanchez Mejias». Escuto a primeira parte do poema — «La Cogida y la Muerte» — espécie de marcha funebre onde o poeta invoca com obsessão a hora terrivel em que o famoso toureiro foi mortalmente colhido na Praça de Madrid:

«A las cinco de la tarde.
Ay que terribles cinco de la tarde!
Eran las cinco em todos os pelojes!
Eran las cinco en sombra de la tarde!

E depois, num grito lancinante, o protesto contra «la sangre derramado»:

No.
Yo no quiero verla!!

Escuto e a mim mesmo pergunto se teria sido possível que o fatalismo do sangue andaluz desse ao poeta um pressentimento do seu próprio fim.

Numa noite luarenta do Verão de 1936, o sangue de Garcia Lorca, tal como o de Ignacio, derramava-se no solo de «Su Granada» e a voz do maior poeta hispanico de este século calava-se para sempre.

No.
Yo no quiero verla!!

Não é possivel que assim se tenha derramado o sangue generoso de um poeta tão grande e ainda tão jovem, um poeta tão cheio de luz e de alegria, tão íntimo da vida do seu povo. Nunca um crime foi de tal modo horrendo, porque nunca uma natureza tão rica, uma tal plenitude de forças sensiveis e pensantes, foi tão injustificadamente suprimida.

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL
GUARANI por JOSÉ DE ALENCAR
leia (não pode deixar de ler)
UM CLÁSSICO DA LITERATURA BRASILEIRA

I

ROUBARAM a lindeza do sol ao Pátio do Juncal. Pela manhã, os passarinhos já não vêm comer ao lado das galinhas. Nem as crianças correm atrás das borboletas. Subiram os andares opulentos de um prédio verde ao redor da terra antigamente livre. O prédio faz gaveto, tem a altura de um eucalipto em frente da estrada salpicada de covas e agora, o Pátio, cercado, sem a luz magnífica do bom sol, parece uma prisão. As galinhas já não andam á solta pelos campos do outro lado da rua. Os operários fizeram capoeiras apertadas, com tábuas de caixotes. A galinha pedrez deixou de pôr ovos com abundancia e o galo tem um canto menos cristalino e refilão. E' certo que ainda se ouve a uma grande distancia o seu grito de rei criquiriqui (é mesmo um grito de rei!), mas está inquieto, o pacholas, assim a modos que perplexo, na sua cela maldita. Perdeu o seu garbo admirável, as suas lindas penas, já não reluzem ao cherinho da manhã.

Nas casinhas onde vivem famílias de operários, as gaiolas penduradas cá fora, nas paredes humidas e frias, dão um aspecto soturno ao Pátio do Juncal, onde o sol antigamente penetrava todos os dias. As próprias crianças já não têm a cor saudável que as tornava tão bonitas e felizes.

Ontem, veio um senhor vestido de preto, de dentes de oiro, com uma mala debaixo do braço. O sujeito devia ter cinquenta, sessenta anos. Era calvo, tinha uma linda gravata de seda. Desceu, apressado, do seu «Morris» azul e mandou chamar os inquilinos do Pátio, dizendo-lhes, logo que os viu reunidos:

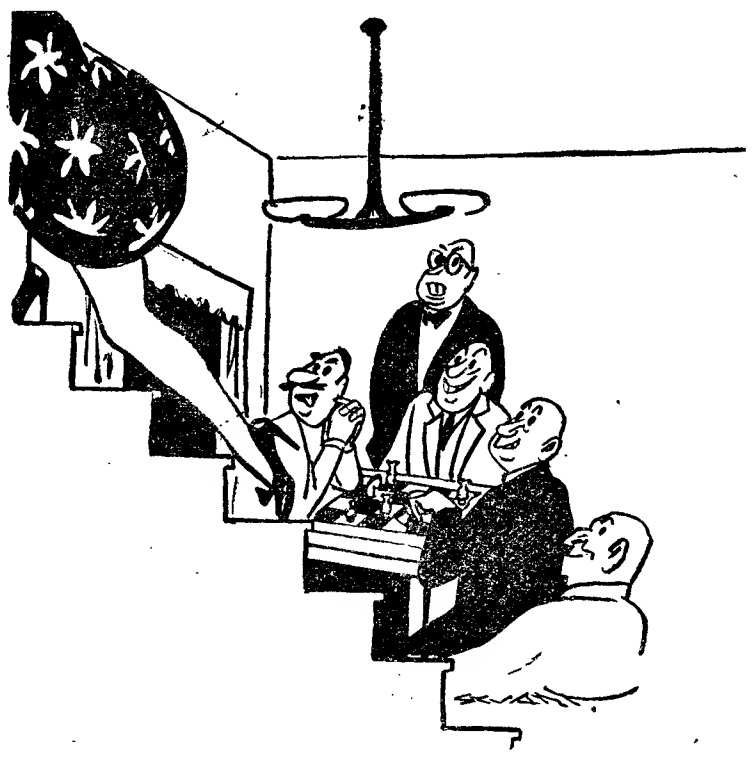
—Vai construir-se um novo prédio neste lugar. Todos os locatários têm de sair para o mês que vem. Mas estejam descansados, disse o homem, com o braço levantado, cada um receberá uma indemnização de 10 contos de réis!

Ninguém respondeu ao senhor muito bem posto que sabia dizer as palavras de um modo singular e que se retirou imediatamente, proferindo um «obrigado» de circunstancia, sério e importante.

Quem ficou um pouco atónito com a notícia, foi António Moreno, o

O RISO DA SEMANA

Coisas do nosso tempo



— Não estejas a pensar nos foguetões. O que se quer é atenção ao jogo.

Perguntar por perguntar

Um automóvel «em rodagem» pode estar parado?

*

De que cor era o cavalo branco de Napoleão?

*

Quando uma pessoa se desfaz em amabilidades fica sem conserto?

*

Se quem se pica cardos come, para que é que os come?

*

Um sujeito com complexo de inferioridade pode morar num 6.º andar?

*

Porque barafustaria aquela senhora com o padeiro dizendo que o pão alvo era muito escuro?

LEITE

Agora já há leite pasteurizado, mas como é mais caro do que o panterizado (isto é, com todos) nós continuaremos com o leite antigo.

De resto «pasteurizar» é uma palavra e a gente o que quer é leite.

O que não mata engorda.

Até quando!...

— O doutor disse que precisavas de repouso, mas isso foi há mais de seis meses!

ELOGIO DA MENTIRA

A Mentira resolve muito problema que a Verdade nunca seria capaz de resolver. Se não fosse a Mentira das chancelarias a Paz do Mundo estaria sèriamente ameaçada e as conferências internacionais, sem ela, seriam verdadeiros ringues de boxe. Mente-se porque a Mentira é superior á Verdade. Se assim não fosse ninguém preferiria a Mentira á Verdade.

A Mentira apresenta-se coberta de ouropeis, encanta, seduz, alicia. A Verdade nua e crua é um monstro. Se não sentes, se não vês a diferença entre as duas, leitor amigo, amanhã, logo de manhã, observa a tua cara-metade, antes da lavagem e da «maquillage», e estarás em frente da Verdade. Dali por meia hora estarás em frente da Mentira e tu preferes com certeza a segunda. Não pode haver uma beleza despenteada e com as unhas a fazer concorrência ás favas maduras.

Sem a Mentira o boato não existiria e, sem o boato, esta vida seria tão chata, como a própria Verdade, que é uma coisa insipida e sem inventiva nenhuma.

A Verdade é a realidade estereotipada, a realidade escrita e escarrada, uma porcaria.

A Verdade dispensa a inteligência, é o que é, é o pão, pão, queijo, queijo, de todos os dias. A Mentira tem outro encanto, outra fantasia verdadeiramente atómica e interplanetária.

Com Verdade, não podes muitas vezes dizer que vais a Cacilhas. Com a Mentira até já falas em ir á Lua, a Marte e a Vénus e podes marcar um piquenique para o Anel de Saturno.

É tão grande o prestigio da Mentira que quando em épocas de crises políticas se quer saber alguma coisa de novo nos mentideros, já é costume interpelar assim os amigos:

— Conta lá alguma coisa de novo, ainda que seja Verdade.

Sem a Mentira como é que o patrão, com a dactilógrafa sentada sobre os joelhos, há-de telefonar á cara-metade para dizer que não pode ir jantar a casa por estar sob o peso de uma coisa muito complicada e grave que exige os maiores cuidados e solução imediata?!...

Até aqui o aspecto picaresco da questão, mas ela também tem o seu lado sentimental e humano. Quando o médico diz ao moribundo que o acha «melhorzinho», não lhe dá a saúde, não lhe evita a morte, mas consegue que ele tenha a deliciosa impressão de que dali a dois dias já pode ir ver a sua espanhola. E, afinal, os Prazeres são outros... É o enterro de primeira classe.

Se não fosse a Mentira o cigano não venderia um cavalo cego por um cavalo com vista.

Se não fosse a Mentira que valor teria a Verdade?

O automobilista que mata um peão na estrada e se põe em fuga, se fosse a dizer a Verdade já não ia ao piquenique. Mente-se para ter sossego, porque a Verdade é inimiga da tranquilidade.

O homem que se apresentasse tal como é, sacrificando a sua reputação em holocausto á Verdade, ninguém o gramaria. A Mentira é como o pára-raios que não evita que caia a faísca, mas que a conduz por outro caminho, a fim de evitar prejuízos maiores.

Se cada um de nós dissesse sinceramente e com Verdade ao seu semelhante o que dele pensa, já não havia neste Mundo duas pessoas que se estimassem.

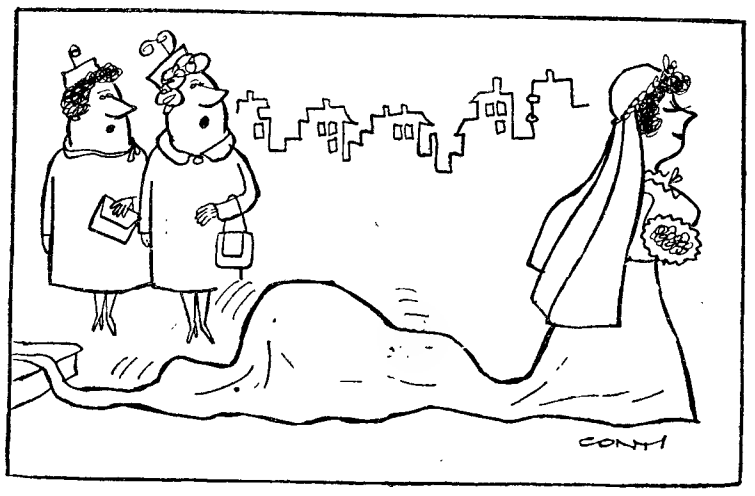
Quando Napoleão, frente as pirâmides do Egipto, clamou para os seus soldados «Quarenta séculos vos contemplam», sabia perfeitamente que estava a mentir; bem sabia ele que eram os soldados que contemplavam as pirâmides de quarenta séculos, mas se dissesse a verdade, não tiraria porventura o mesmo efeito.

A Mentira é como a sacarina. Não tem valor nutritivo, mas adoça muita coisa na vida.

Falemos, pois, Verdade só quando não houver outro remédio.

ALFREDO FRANÇA

O GRANDE TIMIDO



— Não compreendo como ela pôde casar com um homem tão envergonhado...

Conversa americana

— E' o que eu te digo. Se eles não chegarem a acordo em Genebra e a guerra estalar, eu passo-me logo para o lado russo.

— O quê! Tu do lado russo? Tu que eras o maior anticomunista que eu conhecia?

— Claro. Era e continuo a ser, mas é que é muito melhor ser prisioneiro de guerra nos Estados Unidos que na Russia.

A fava do Entroncamento

No Entroncamento o último fenómeno é uma fava com 35 centímetros.

(Dos jornais)

É uma fava gigantesca,
É uma fava-monumento.
Essa fava picaresca
Que surgiu muito fresca
Num quintal do Entroncamento...

Terra entre todas bendita
Terra santa, abençoada,
Dá tanta coisa esquisita
Que a gente só acredita
Por vê-la fotografada.

É uma coisa muito bela
Que não dá qualquer quizilia
Ter assim uma courela
Que dá favas como aquela
Que sustenta uma família.

Aquilo, sim, e um encanto
Que dignifica a lavoura:
Ver a gente com espanto
Uma fava a pesar tanto
Como uma grande cenoura.

Com lavoura assim tão brava
E de tão bom rendimento
Se me mandarem á fava
Já coisa alguma me entrava
Vou mas é ao Entroncamento...

A. F.

SEM PALAVRAS

O pepino

Está quase a chegar o tempo dos pepinos e toda a gente sabe aquela velha receita de descascar o pepino, cortá-lo em rodelas bastante finas, temperá-lo com sal, pimenta, azeite e vinagre, mexê-lo muito bem mexido e depois... metê-lo no buraco de uma parede. Mas isto não basta. E' preciso matar o lavrador que o semeou. Não vá ele repetir a sementeira no ano que vem. No caso do lavrador ter desaparecido é conveniente recorrer a uma dessas organizações internacionais muito entendidas nestas pepineiras.

E podemos ficar descansados porque enquanto elas estudam a questão, não acontece nada de importante.

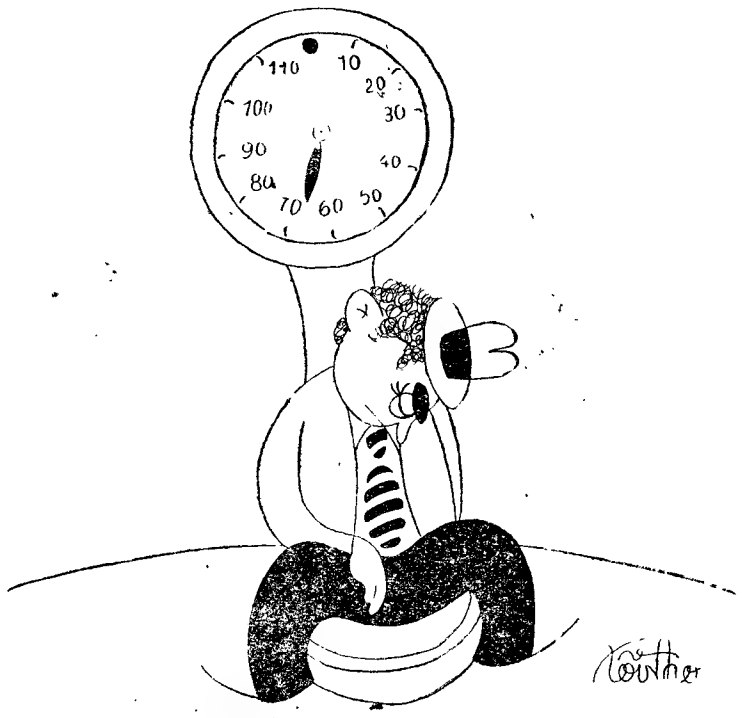
O divórcio

O divórcio é como a lotaria — um bilhete que saiu branco. E é preciso habilitar-se uma pessoa novamente

FILOSOFANDO

As mulheres formosas que no último século tiveram uma vida aventurosa e provocaram por vezes grandes escandalos, se já houvesse cinema não teriam sido só aquilo...

SONO PESADO



A FIGURA DA SEMANA

Montgomery

É legítimo a um cabo de guerra intromcter-se na política? Os militares costumam ridicularizar os políticos que lhes pagam na mesma moeda. Clemenceau dizia que a guerra é uma coisa séria demais para ser confiada aos generais. A ultima conflagração viu estes dominados pela vontade dos homens de Estado. Churchill, Roosevelt, Estaline, Hitler eram paisanos que revelaram excepcionais qualidades para dirigir operações, deslocar exércitos, preparar vitórias e antecipar derrotas.

O marechal Montgomery foi a Moscovo, o que já é uma proeza digna de registo, e veio de lá convencido de que é capaz de levar Kruchtchev a fazer concessões que os mais arteiros diplomatas consideravam impossíveis. Embora nunca tenha brilhado pelo modéstia, a sua pretensão é encarada com certo cepticismo que se justifica sabendo-se a tenacidade que o chefe do governo russo põe na realização dos seus propósitos. Montgomery admira-o nas suas qualidades e defeitos o que é uma forma amável de dizer que é preciso cuidado com ele.

Não é natural que os factos confirmem as suas pretensões. Isso não o impedirá de continuar a dizer mal dos Americanos, de quem é amigo, e a chamar as atenções do Mundo para as suas atitudes bizarras e desconcertantes. Aos setenta anos, liberto de funções oficiais, com uma tendência acentuada para a má língua, Montgomery não pensa em abdicar do direito de criticar divremente e apreciar, sem restrições de linguagem. Por muito que algumas das suas iniciativas sejam censuráveis, é difícil esquecer que se trata do vencedor de Alamein que, digam o que disserem os seus censores, foi uma proeza dfícil de igualar.

Hélice gigante

Foi agora construída no Havre, num arsenal que paradoxalmente se chama «Forjas do Mediterraneo», a maior hélice do Mundo, destinada a equipar um super-petroleiro americano de 72.000 toneladas. Essa hélice mede 7 metros e meio de diametro e pesa 70 toneladas.

De uma semana para a outra

DIA 16

EM PORTUGAL — Em Lisboa houve uma imponente procissão, da Alameda para o Terreiro do Paço ✻ O dr. Gois Mota foi nomeado presidente da Junta de Crédito Publico ✻ Começou o Concurso Hipico Internacional de Lisboa ✻ Foi instituido o prémio literário Pedro Moura e Sá.

NO ESTRANGEIRO — Herter disse em Genébra que não haverá conferência de alto nivel, se a Russia não se mostrar colaborante ✻ O secretário de Estado americano esteve em Roma e conferenciou com Pella e Segui ✻ Diz-se que haverá alteração no Governo francês ✻ Em Genebra, a Suiça venceu Portugal, por 4-3, em futebol.

DIA 17

EM PORTUGAL — Em Almada, foi inaugurado o monumento a Cristo-Rei ✻ Aníbal David é o novo vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa ✻ Em Esmoriz, o ministro das Corporações presidiu á homologação do contracto colectivo de trabalho da industria de tanoaria de Aveiro, Coimbra, Guarda, Viseu.

NO ESTRANGEIRO — Ao largo da China recomeçou o bardeamento das ilhas de Matsu ✻ Foi revelada uma carta de Eisenhower a Kruchtchev sugerindo a proibição de experiências nucleares até á altura de 48.000 metros ✻ Em Valladolid morreu da queda de um cavalo o cavalo o cavaleiro espanhol tenente-coronel Goyoaga.

DIA 18

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica almoçou com os cardeais, arcebispos e alguns bispos portugueses ✻ Foi condecorado o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro ✻ O congresso dos municipios aprovou as conclusões em que se defende a competência legislativa dos municipios ✻ Concluiu o doutoramento em medicina veterinária o dr. Abreu Lopes ✻ Entrou em vigor o novo convénio postal luso-espanhol ✻ Começou na Figueira da Foz a reunião da Associação Internacional de Segurança Social.

NO ESTRANGEIRO — Em Genebra acentuam-se as divergências entre os ministros dos Estrangeiros ✻ Os jornais belgas dizem haver uma crise entre o rei Balduino e o Governo ✻ Na Africa do Sul, as cheias causaram enormes estragos e dezenas de mortos.

DIA 19

EM PORTUGAL — Partiram de Lisboa os concorrentes á prova hipica Lisboa-Madrid ✻ O embaixador do Japão entregou as suas credenciais ao Presidente da Republica ✻ Foi encerrado o Congresso dos Municipios ✻ Em Coimbra decorreu com brilho o cortejo de carros, da Queima das Fitas ✻ Anuncia-se a descoberta de uma rede de venda de carne de burro.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que a Terra foi filmada a 480 quilómetros de altitude ✻ De Gaulle disse que não irá á conferência de alto nivel, fora da Europa ✻ O Papa João XXIII saiu do Vaticano e foi visitar um amigo doente ✻ Os reis da Grécia chegaram a Roma, em visita oficial.

DIA 20

EM PORTUGAL — Anuncia-se que o papel selado terá novo formato ✻ Tomou posse o novo presidente da Junta de Crédito Publico ✻ O ministro do Ultramar ofereceu um almoço ao episcopado do Ultramar que está em Lisboa ✻ Morreu em Alcanena, Francisco Xavier Madeira, um dos raros sobreviventes que foram soldados de Mouzinho.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que Kruchtchev visitará a Albania ✻ Eisenhower condecorou Dulles com a medalha da liberdade ✻ Naufragou uma barca da carreira Rio-Niteroi ✻ Na Republica da Guatemala foi declarado o estado de alarme.

DIA 21

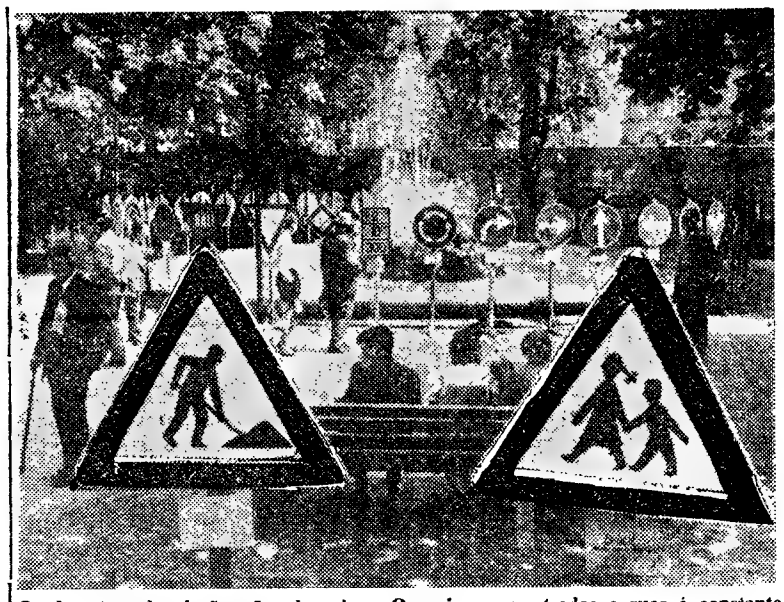
EM PORTUGAL—O Presidente da Republica visitou a Junta de Investigação do Ultramar ✻ A Assembleia Nacional iniciou o debate de alterações constitucionais ✻ Iniciaram-se os trabalhos do Congresso da Obra de Protecção ás Raparigas ✻ Os componentes do Congresso dos Municipios visitaram o Porto ✻ Entrou em funcionamento o banco psiquiátrico do Hospital Julio de Matos ✻ Em São Carlos apresentou-se o «ballet» do marquês de las Cuevas.

NO ESTRANGEIRO — O «Times» insere uma entrevista com o dr. Oliveira Salazar ✻ Em Gotemburgo a Suécia venceu Portugal por 2-0, em desafio de futebol ✻ Os 4 «Grandes» ministros dos Estrangeiros, em Genebra, jantaram na residência de Herter ✻ Há 22 mortos nas inundações do Rio de Janeiro.

DIA 22

EM PORTUGAL — Partiu para Moçambique o embaixador dos Estados Unidos em Portugal ✻ Foi instituido o prémio literário Fernando Pessoa ✻ O Presidente da Republica ofereceu um almoço ao ministro das Finanças e funcionários superiores do Ministério.

NO ESTRANGEIRO — Apresentou a sua demissão o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Amaral Peixoto ✻ A polícia argentina afectuou 100 prisões, por motivo da greve e das manifestações ✻ A Rainha Isabel foi oficialmente convidada a visitar o Brasil ✻ Os reis da Grécia visitaram o Papa ✻ Em Genebra, Gromyko visitou Couve de Murville.



Os desastres de viação não abrandam. O perigo nas estradas e ruas é constante e enfrentá-lo exige um conhecimento mínimo da sinalização não só por parte dos automibilistas (que devem ter o «Código» de cor) mas também por parte dos peões que não são apenas vítimas. Assim, em Augsburgo (Alemanha), no «Dia do Cuidado nas Ruas», a Polícia de Transito resolveu tornar mais viva na memória do peão os sinais de transito. Em volta de uma fonte pacata foram colocados os sinais que são numerosos mas de fácil leitura. Eis aqui uma ideia que podia ser aplicada entre nós. E porque também por cá temos jardins, cada vez mais cercados pela cidade, seria interessante colocar os sinais de transito entre a verdura

Curiosidades

Telefone luminoso

Uma fábrica de Liverpool lançou há pouco no mercado um telefone luminoso a que chamou o «telefone do médico», e que foi concebido especialmente para aqueles que recebem chamadas nocturnas. Trata-se de um aparelho que, quando soa a campainha, acende uma lampada de «néon» com intermitências, até que se levante o auscultador. Nessa altura, acende-se uma pequena lampada que permanece acesa até terminar a conversa. Deste modo podem tomar-se notas sem necessidade de abrir as luzes do quarto.

Peles de «astrakan»

Em Teerão, na Pérsia, verificou-se uma vertiginosa subida dos preços das peles de «astrakan» e de «breitschwantz». Explicação: o governo iraniano proibiu, por um ano, a exportação, a fim de reconstituir a sua riqueza ovina, um dos maiores valores económicos da Pérsia.

Os gigantes dos mares

Os Ingleses anunciam que vão ser construídos navios de luxo e que possam substituir os dois maiores paquetes que presentemente sulcam os mares. E' que os monstros de tamanho e capacidade de transporte já não são para os endinheirados o supra-sumo da comodidade. E essa clientela não se pode perder, porque é ela que mantém as empresas.

Construidos antes da guerra, servira durante o conflito para o transporte de tropas. Traziam dos Estados Unidos para a Europa, ou para qualquer teatro de guerra, uma divisão inteira com o respectivo armamento. Acabada a guerra, voltaram á sua função de cruzar os mares, bem iluminados e com o conforto de qualquer dos grandes hoteis de luxo.

Quais são os grandes paquetes dos nossos dias? A tonelagem de um navio mercante não se mede pelo seu peso. E' pelo espaço cubico. O «Queen Elizabeth», tem 83.673 toneladas. E' o maior do Mundo; e é também o mais comprido, pois mede 301 metros. A sua largura é de 36 metros.

O segundo-gigante, também britanico, é o «Queen Mary», que tem 81.237 toneladas, 297,20 de comprimento e 36 metros de largura.

O terceiro maior paquete do mundo é «United States», norte-americano, de 53.329 toneladas, 279,50 metros de comprimento e 31 de largura.

Em quarto e quinto lugares vêm dois paquetes franceses: o «Liberté», de 51.840 toneladas, 271,30 metros de comprimento e 31,10 de largura; e o «Ile de France», de 44.356 toneladas, 232,40 metros de comprimento e 28 de largura.

O navio holandês «Nieuw Amsterdam», de 36.667 toneladas, 217,40 metros de comprimento e 26,90 de largura, ocupa o 6.º lugar.

O sétimo e oitavo lugares entre os grandalhões são o «Mauritania», de 35.674 toneladas, 225,30 metros de comprimento e 27,20 de largura; e o «Caronia» de 34.183 toneladas, 179 metros de comprimento e 27,80 metros de largura. Ambos eles são ingleses.

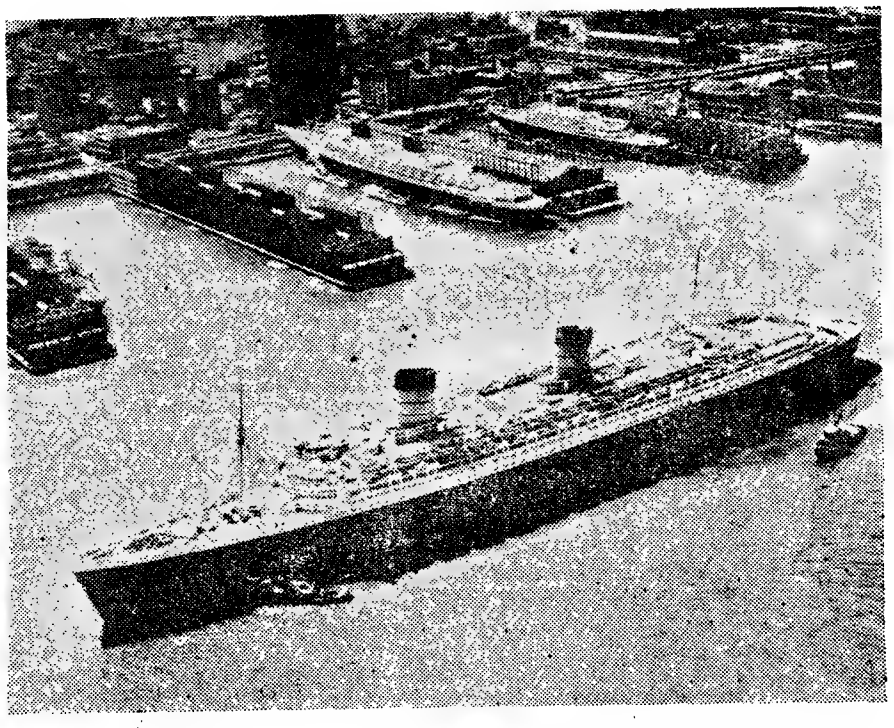
Com mais de 30 mil toneladas, há apenas o paquete francês «Pasteur», de 30.447 toneladas, 204,40 metros de comprimento e 26,80 metros de largura.

O décimo gigante dos mares que é o maior dos de menos de 30 mil toneladas, é o navio britanico «Arcadia», de 29.734 toneladas, 209.31 metros de comprimento e 27,65 metros de largura.

O maior navio italiano é o «Cristoforo Colombo», de 29.191 toneladas, o 13.º entre os grandes.

O primeiro grande paquete soviético é o «Iuri Dolgoruky», de 22,117 toneladas. E' o 50.º na ordem dos grandes do Mundo.

Dos portugueses o «Vera Cruz», de 21.765 toneladas vem em 55.º lugar entre os grandes, junto com o seu irmão gémeo o «Santa Maria».



O «Queen Elizabeth», ao sair do porto de Nova York, passando em frente do «United States»

LINHAGENS E SACARIA
José Cesário Seita
FÁBRICAS NO PORTO E EM PORTIMÃO
Escritório: Parada do Alto de S. João AAG
LISBOA

CADERNO DE UM REPORTER

William Somerset Maugham

gigante das letras britânicas

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

A antiquissima divisão das ilhas britanicas em condados, abrange os da Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales. Os condes, os *companheiros*, entre outras qualidades negativas têm, apesar de tudo, a qualidade superior de peneirar e apresentar ante o publico, uma aristocracia aberta, ampla e democrática, com estas qualidades todas e algumas mais — a de trazer ante o publico, filtrada e peneirada, num estranho e providencialissimo conceito, num contrato social poderosamente mais amplo e mais intimo que é o critério moderno de baronia, o «lord» par dos seus pares, como outrora, no antigo conceito de fraternidade de classes, o proprietário-irmão dos outros artesãos, numa estranha mas não menos singular confusão que a oferecida pela benemerência de hoje sempre que haja um conceito mais elevado de fraternidade nas classes e de comunhão nos artífices, e não a confusão sinistra e nunca sincera das demagogias superficiais destes outros extractos. Somerset Maugham apresenta, pois, um conceito mais elevado, mais depurado, do velho conceito de classes, em que também se lutava, mas com muito mais garantias de êxito que agora, em que tudo é confusão, e o êxito mais do que nunca reduzido. Assim, o velho e conceituoso carácter de aventura e empresa, verifica-se como outro autonomismo, com maior independência que outrora. E, mais do que nunca, liberto de outras influências que não sejam as de cada classe, cada extracto, cada sociedade e o que ele tenha de melhor.

O novo trabalhador

Em cada época histórica, em cada geração, tudo se renova e o que era antigo ontem — em especial, o teatro, a moda, os companheiros de cada «eléctrico», multiplicam assim as oportunidades e dão a todos novas e melhores possibilidades. A Grande Cidade desdobra-se e aumenta o poder dos seus tentáculos, ensaia de novo a sua força criadora, mas é sempre preciso mais e mais, num esforço excepcional, e ao principiar-se ainda se precisa de muito mais.

Regulamentai o esforço de maneira a impedir a injustiça dos novos esforços agravados, mas nunca os que são devidos a cada um dos elementos novos, genuinamente novos, da sociedade. E assim, tereis conseguido o máximo possível, quanto a justiça social, que a sociedade vos pode apresentar. Esse novo companheirismo tem a sua ética e já agora a sua estética próprias, quantas vezes um preclaro sentido de justiça e de companheirismo. Tem de se esconder atrás de uma cara dura de autoridade, a supesar responsabilidades, e a sortear dificuldades.

A obra de Somerset consiste principalmente em novela e teatro.

Tarefa ingente

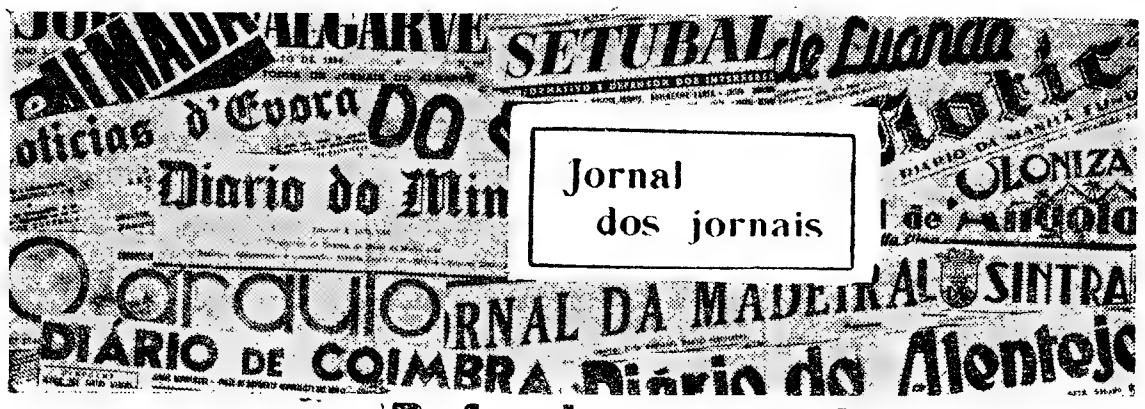
Enfim, com 86 anos feitos, William Somerset pôs de lado a caneta e deu a sua faina por concluida. Durante esse tempo fez teatro, pequenos contos, de fácil adaptação, distinguindo-se neste género onde muitas vezes o mais dificil é reduzir a umas quantas sóbrias páginas, a sumula de muitos volumes, tornando-o de transporte fácil e de propagação comum. Também se fez a disseminação de grandes zonas culturais, para próximas e futuras faltas. Porque já começamos a falhar onde os nossos maiores ainda, frescos e pujantes, se consideram, apenas, simples aprendizes. Enfim, há muito, em tudo isto, de autobiografia. E esta, reconheçamo-lo, é apenas autobiografia e apenas isto, sem nenhum *ismo* a mais. W. S. Maugham, nesta nova fase é apenas da epoca da Rainha Victória. A verdade, porém, é ter ela criado uma idade sua, a própria idade victoriana, o que nenhuma outra conseguiu. O que parecia, a princípio, apenas uma aventura á Cecil Rhodes, ainda não terminou, apesar de a Grã-Bretanha ter criado a Federação das Rodesias para lhe servir de quebra-costas. O tempo da criação de William Somerset Maugham pode medir-se, bem á vontade, por um século, por todo este século, do principio ao fim. O que sobra, pouco é e um pouco tão pequenino que mal chega para a página de apreciações crónicas de um simples quinzenário, sem menosprezar de modo algum estas publicações quando não estudantis de carácter ainda mais ingénuamente jovens.

Muito... de autobiografia

Por muito que os nossos actores e, também, os nossos autores tenham espremido o género, força é reconhecer que autobiografia não é teatro. Nem tem a sua pequena extensão de capítulos, nem a sua maneira de ser sucinta da pequena novela. E nunca ninguém se lembrou de apadrinhar a pequena novela... de pequena novela teatral.

São géneros completamente diferentes. A um certo numero de coisas, o género não se pode furtar. E' assim mesmo. Cada coisa em seu pé. O que seja deslocar é, quer queiram quer não, falsificar as coisas. Dar a uma coisa, como soe dizer-se, ainda hoje, arcas encoiradas.

Tudo o que não seja isto, é fazer em jeito de comédia larga á *antigua*, teatro de agora. Basta ás vezes uma pequena coisa para determinar o triunfo. Ainda há pouco de um modo escandaloso, pode dizer-se isso hoje, triunfou — uma comédia americana. Pois é verdade. O nosso teatro de pequena comédia, tendo em cena a *Rainha do Ferro-Velho*, lembrou-se ser esse o seu unico original de importancia para a temporada. E deu-se então o inexplicável. Tudo o que passara, passou a viver, exclusivamente, numa apoteose unica e bem palmeada todas as noites, desse original unico e devidamente reclamado.



Parabéns

ao Lobito!

A poucos dias da comemoração do «Dia da Cidade» de Benguela, a Camara Municipal do Lobito tomou uma deliberação que tem tanto de inédita como de interessante e significativa: propôs-se oferecer á capital do seu distrito, como prenda de anos, todas as flores existentes nos jardins publicos para serem utilizadas na espectacular «Batalha de Flores», que ali se vai realizar, integrada no programa consagratório do aniversário do velho burgo de S. Filipe.

Tão pouco habituados estamos a apreciar requintes de cavalheirismo como este com que a edilidade lobitense acaba de brindar a cidade sua vizinha, que nos sentimos na obrigação de dar ao facto o merecido relevo, apontando-o como exemplo de solidariedade e da mais salutar politica de boa vizinhança. Que esse exemplo frutifique em Angola, por forma a que todas as nossas cidades, vilas e aldeias coloquem sempre acima dos seus anseios bairristas o dever da cortesia devida ás terras e ás gentes da mesma comunidade, são os votos que sinceramente formulamos, ao saudarmos Benguela pelo aniversário que em breve vai festejar e ao felicitarmos o Município do Lobito pelo seu delicado gesto.

(«Sul», do Lobito).

Um desmaio

na Cinecittá

Nos estudios da Cinecittá, em Roma, durante as filmagens de Cartago em chamas», película de um extraordinário realismo, a formosa e sensível actriz Ilaria Occhini desmaiou, assombrada por um raio, um raio deveras, que lhe caiu a poucos passos de distancia. A aflição dos seus camaradas e espectadores da cena revela bem quão perigoso é, efectivamente, a vida diária de um artista de cinema...

Defendamos a dignidade

de quem trabalha

Sob um sol escaldante que a segunda metade deste mês de Maio nos trouxe já começam a lourejar as searas lindas deste nosso Alentejo.

Os canteiros verdes dos arrozais mimosos oferecem panorama diferente mas igualmente belo.

Num e noutro lugar grupos vivos de homens, e mulheres, e rapazes e raparigas dão aspecto humano á paisagem tornando-a ainda mais encantadora Enleva-nos a alma.

Por outro lado cantigas e ditos no meio da azáfama de um trabalho duro tornam este mais leve e até menos quente o sol que tudo abraza.

Esses ranchos, curvados sobre as searas, encharcados de suor, lembram tantos problemas...

. . . . . .

Há lavradores e seareiros (Deus seja louvado!) que em suas casas agrícolas há muito começaram a olhar com dedicação e muito carinho para os problemas que se relacionam com os ranchos e as ceifas e as mondas. Por outro lado, é triste reconhecer que casas agrícolas há, onde é porventura melhor tratado o boi ou o rebanho, que o rancho.

Todos não somos de mais para insistir no sentido de que os assentos de lavoura tenham o mínimo de dignidade no aspecto moral e no aspecto higiénico para albergar nas horas de lazer e á noite os ranchos de trabalho.

Aos molhos, num casão qualquer, machos e fêmeas, dormem as bestas e sentem-se bem. Ranchos de homens e mulheres, não.

Lavradores, seareiros, rendeiros, manajeiros e feitores colaborem todos para que os ranchos de trabalhadores sejam tratados com a maior dignidade possível a bem de um Alentejo rico, digno e belo.

(«A Defesa», de Evora)

Nova e proveitosa

actividade piscatória

de quem trabalha

Desde há meses alguns pescadores de Vila Real de Santo António começaram a dedicar-se á pesca do tresmalho, utilizando para o efeito pequenos barcos a motor e redes de «nylon». Os resultados têm sido dos mais animadores, obtendo todos eles apreciável margem de compensação do seu esforço. O abastecimento local de bom peixe melhorou extraordinariamente e já não é preciso estar a receber pescado de Lisboa, na maioria mau e nem sempre em aceitáveis condições de salubridade. E não só não se recebe com se faz larga exportação de azevias, salmonetes, linguados e outras variedades caras que obtêm bons preços na lota.

Nos estaleiros locais estão a ser construídos ou adaptados vários barcos que se destinam a essa pesca, alguns deles aparelhados de modo a poderem estender o seu raio de acção até ao Norte de África.

Embora isto ainda não satisfaça nem de longe as legítimas ambições e necessidades do importante porto piscatório, não podemos deixar de fazer referências á iniciativa dos nossos homens do mar e dos armadores, com votos de que não lhes arrefeça o animo de prosseguirem no caminho tão auspiciosamente encetado.

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António).

Monumento

a Norton de Matos

Está aberto concurso para apresentação do projecto do monumento a Norton de Matos, a erigir em Nova Lisboa, com o produto da subscrição aberta na província logo após a sua morte, e que se eleva a cerca de um milhar de contos, conquanto se admita, a possibilidade de a obra ultrapassar este montante, pelo que se conta com a comparticipação do Governo na diferença que se registar.

O jornal «Voz do Planalto» diz que em face do prazo concedido aos concorrentes, e se a Comissão dos Monumentos Nacionais se pronunciar rapidamente sobre a escolha a fazer pela Camara em relação ao projecto a adoptar, talvez o próximo dia 21 de Setembro, 47.° aniversário da inauguração da cidade, pudesse ser também o do lançamento da primeira pedra para a construção do memorial consagrando os méritos do fundador da cidade e incontestavelmente um dos maiores administradores ultramarinos que a nossa História regista.

(«O Apostolado», de Luanda)

A carreira marítima

da Madeira

A proximidade do Verão, torna agudo o problema das ligações este caso agora que não temos hidroaviões. Há em todos os anos na época estival um aumento apreciável de tráfego de passageiros entre Lisboa e Funchal, como entre os Açores e Lisboa.

É o tempo de férias. Há centenas de estudantes universitários, de professores de ensino secundário, gente de profissões liberais, que tem de deslocar-se sem perda de tempo.

É urgente assim uma solução provisória que não seja a das viagens extraordinárias do «Lima» e do «Carvalho Araujo», cordialmente abominados pela nossa população.

Deslocar para algumas viagens um dos mais pequenos navios da carreira de África? Procurar por todos os meios fretar ou adquirir um navio estrangeiro para a nova carreira da Madeira? Seja como for, interessa que se encontre uma solução imediata para este problema.

(«Voz da Madeira», do Funchal)

Aproximam-se

grandes cardumes

de Benguela

Uma boa notícia temos reservada para quantos á industria da pesca se dedicam e que nestas ultimas semanas têm vivido amargurados com a falta de pescado.

Notícias particulares e que reputamos fidedignas, permitem-nos informar quantos nos lêem de que se aproximam dos habituais pesqueiros utilizados pela frota de pesca de Benguela, grandes cardumes em que abundam, principalmente, a cavala e o carapau.

A avaliar pelas aparências, as próximas semanas serão verdadeiramente de fortuna.

(«O Intrangigente», de Benguela).

O homem é dos animais que mais vivem

Olhando-se para a vida média dos animais, verificamos que o homem ainda é daqueles que mais tempo vivem, embora morra com saudades do que cá fica.

Dos animais conhecidos, a tartaruga é o de maior longevidade, atingindo os 200 anos.

O homem tem uma vida média de 70 anos e conhecem-se casos de longevidade excepcional, alcançando-se 169 anos. O período de gestação humana é de 270 dias.

Depois do homem, temos o elefante, com uma vida média de 30 a 40 anos, havendo casos em que alcança 100 anos, sendo o seu período de incubação de 517 a 570 dias.

Ao elefante, segue-se o hipopótamo, com 30 anos de vida média, longevidade extraordinária de 50 anos e uma gestação de 220 a 225 dias.

O cavalo tem uma vida média de 20 a 25 anos, mas com casos de 50 anos e um período de gestação de 336 dias.

O burro vive 18 a 20 anos, havendo casos em que atingem 46 anos. Tem uma gestação de 340 a 385 dias.

O urso vive 15 a 20 anos, chegando aos 30 anos. A gestação é de 210 dias.

O toiro vive 9 a 12 anos, podendo chegar a 25. A gestação é de 280 dias.

O porco vive 10 anos, (mas o matadouro corta-lhes o chiadouro antes disso!) e pode ultrapassar os 20, sendo o seu período de gestação de 115 dias.

O leão vive igualmente uns 10 anos e pode alcançar os 30. A gestação é de 105 a 111 dias.

O cão vive 10 a 12 anos e pode ultrapassar os 20, sendo a gestação de 55 a 70 dias.

O gato vive 10 a 12 anos, ultrapassando por vezes os 20, sendo o seu período de gestação de 52 a 65 dias.

O coelho vive 6 a 8 anos (quando não acaba com um tiro de caçador...) atingindo os 15. A gestação é de 31 dias.

O galo, se lhe não torcerem o pescoço antes, vive 7 a 8 anos, e chega a 14 anos. O período de incubação é de 21 dias.

Os pombos vivem também 10 a 12 anos, se antes não forem comidos com ervilhas. Atingem os 30 e mais anos e o período de incubação é de 18 dias.

O macaco vive 12 a 15 anos e vai até os 25 e mais. A gestação é de 164 dias.

Os ratinhos vivem 1 a 3 anos e ás vezes menos porque as ratoeiras os caçam... Se atingirem os 4 anos é um rato-matusalém. A gestação do rato é de 19 a 31 dias.

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

No fundo da descida

Texto integral
do conto de
Sir Arthur Conan Doyle

Passou ontem o primeiro centenário do nascimento (em Edimburgo, (a 22 de Maio de 1959), de Arthur Conan Doyle, o famoso escritor inglês, de renome mundial, criador de Sherlock Holmes, tipo consagrado de «detective» amador, e de outras figuras inconfundiveis entre os protagonistas dos romances policiais. Morreu em 1930.

RECORDO-ME, com uma lembrança bem viva, nítida nos pormenores, de certas coisas que aconteceram naquela noite, enquanto outras se me embaralham no cérebro, de maneira muito confusa Assim, hão-de desculpar se a narrativa me sair um pouco incoerente.

Não consigo, por exemplo, lembrar-me do motivo que me levou, naquele dia, a Londres, nem encontro explicação para o facto de regressar tão tarde. Rebuscando na memória procuro reavivar esses pormenores capitais, mas tudo se confunde e se esfuma num vazio obscuro da minha mente. Sucede, porém, que, a partir do momento em que o comboio parou na pequena estação, tudo se aclara, acudindo-me ao cérebro, sem qualquer esforço de imaginação, a sucessão dos acontecimentos e posso recordar o que se passou, quase de minuto a minuto.

Lembro-me perfeitamente, com absoluta exactidão, de ter atravessado a «gare», de ponta a ponta, fixando a hora marcada no mostrador do relógio iluminado: onze e meia! Também me recordo de ter calculado que chegaria a casa por volta da meia-noite, como revejo o enorme automóvel que me esperava, fora da estação, com os potentes faróis acesos e os cromados a reluzirem. Era o meu novo «Rombur», que nesse mesmo dia me entregaram. Perguntei a Perkins, o meu motorista, que tal era o carro, respondendo-me que muito bom

—Vou eu a guiar — disse-lhe —, pois quero experimentá-lo!

Perkins observou que as mudanças de velocidade eram um tanto diferentes das do velho automóvel e acrescentou, previdentemente:

—Talvez fosse melhor ir eu ao volante De mais a mais é de noite!...

—Isso não tem importancia. Quero experimentá-lo!

Ele sentou-se ao meu lado e partimos. Tinhamos uns oito quilómetros a percorrer até á minha casa. Realmente, as mudanças de velocidade no carro velho faziam-se de maneira mais simples: bastava desembraiar e meter a mudança. Neste, porém, era preciso ainda impelir um dispositivo de travagem, quando se mudava para uma velocidade superior. Não eram coisas que constituissem, no entanto, uma dificuldade de maior; e pensei que dominaria o carro assim que tomei o volante. Era, evidentemente, uma estupida pretensão, essa de supor que poderia logo habituar-me a um mecanismo novo, para mais em plena escuridão da noite. Mas quantas asneiras semelhantes todos nós cometemos, sem ponderarmos, de momento, nas consequências trágicas que delas podem resultar?! Contudo, devo dizer que fui muito bem até entrar na rampa de Claytall, uma das piores e mais temíveis da Inglaterra, com quase três quilómetros de comprimento e outras tantas curvas perigosíssimas. Ao fim dessa rampa, depois da curva, junto da estrada que vai para Londres, fica o portão do meu jardim

*

As complicações começaram quando chegámos ao princípio da rampa, onde a inclinação é ainda bastante acentuada. Eu levava o automóvel engrenado em terceira e, ao querer desembraiar, a alavanca ficou presa no dispositivo de travagem, de modo que tive de meter, outra vez, a terceira. Como o carro ia em boa velocidade, esforcei-me por segurá-lo, mas em vão, pois os travões, um após outro, não obedeceram. Não me assustei muito, devo dizer, quando o pedal de travagem se me escapou de repente, debaixo do pé. Senti, porém, suores frios a escorrerem-me pelas costas, quando ao puxar, com toda a força, pelo travão manual, verifiquei que não funcionava. Já então o carro, ganhando mais embalagem, aumentara de velocidade. Os intensos feixes de luz dos faróis iluminavam bem a estrada, e consegui dobrar a primeira curva sem qualquer acidente. A segunda foi também vencida sem novidade de maior, ainda que as rodas tivessem passado mesmo rentes á beira do abismo que se abria do lado oposto àquele em que eu seguia. Faltava cobrir ainda uns dois quilómetros, em linha recta, antes de chegar á terceira curva. Logo depois ficava o portão do meu jardim. Se conseguisse atravessá-lo sem percalços, estariamos salvos, pois o acesso a casa era a subir e o carro travaria

Perkins mantinha uma atitude admirável—devo dizer. Conservando absoluto domínio sobre si próprio, parecia disposto a enfrentar tudo o que pudesse acontecer. No começo daquela terrivel descida, pensara em atirar o automóvel de encontro á escarpa. Ele, porém, adivinhando o propósito, interveio:

—Se eu fosse o patrão, não fazia uma coisa dessas!

Claro que tinha razão! Estendeu o braço e desligou o motor, prosseguindo o carro engrenado, mas a uma velocidade espantosa. A certa altura, Perkins exclamou:

—Se quer saltar, patrão, eu seguro o volante! Não poderemos dobrar a terceira curva. Salte, patrão, peço-lhe! E' a unica coisa que há a fazer!

—Salta tu, se queres. Eu fico ao volante!

—Então, fico com o patrão!

Se tivesse nas mãos o carro velho, teria tentado desembraiar e meter a marcha atrás. Naturalmente estoiraria com a caixa de velocidades e nem mesmo assim talvez parasse, mas era um ultimo recurso a tentar — se ele me restasse. Perkins estendeu uma perna, tentando passar por cima de mim, para se apoderar da direcção, o que não lhe foi possível devido á grande velocidade que levávamos. As rodas faziam um ruido terrivel e a carroçaria toda vibrava e gemia sob o tremendo esforço, parecendo que se ia desconjuntar. Como, porém, os potentes faróis iluminavam intensamente a estrada, ia mantendo, quase em absoluto o «contrôle» da direcção do carro.

Quando me preparava para entrar na curva, uma das rodas subiu literalmente pela escarpa. Pensei, então, que o automóvel se voltaria, assim acabando tudo. No entanto, o carro, após ter vacilado durante alguns segundos, endireitou-se e prosseguiu na louca correria pela estrada fora. Aquela era a terceira curva, a ultima; e o unico obstáculo ainda a vencer seria o portão do jardim, desviado da estrada nacional, a uns vinte metros para a esquerda. Normalmente, a manobra teria dado resultado, mas com certeza a direcção ficara avariada quando, ao fazer a curva, a roda galgara a escarpa; e, sem saber porquê, o volante já não girava com a mesma facilidade. Ainda pude ver, á minha esquerda, o portão aberto e ràpidamente torci o volante. Um estrondo terrível quase me estoirou os tímpanos; tive a impressão de que voava e depois... Depois...

*

Quando voltei a mim, estava junto dos espinheiros, no caminho que leva á casa do jardineiro, com alguém a meu lado. Ainda pensei que fosse Perkins, mas, fixando-o melhor, reconheci Stanley, um rapaz que conhecera, alguns anos antes, na Universidade. Tinha por ele grande amizade e orgulhava-me de que ma retribuisse. Fiquei surpreendido, de tal maneira que não sabia bem se estava acordado ou a sonhar.

—Foi um choque tremendo, santo Deus! — exclamei.

Ele confirmou, com um aceno na cabeça e, apesar da escuridão, vi-lhe nos lábios um sorriso doce e contemplativo.

Eu não podia fazer o menor movimento, mas também não tinha vontade nenhuma de me mexer. Estava, porém, no uso pleno das minhas faculdades e vi muitas pessoas á volta dos destroços do carro, empunhando lanternas que resplandeciam na escuridão, enquanto outras, em pequenos grupos, comentavam o acidente. Reparei, também, no jardineiro que, com a mulher e mais uns dois ou três criados, procurava levantar o automóvel, alheando-se completamente de mim. De súbito, ouvi um grito de dor, ao mesmo tempo que alguém dizia:

—Caiu-lhe em cheio nas costas. Tenham cuidado quando levantarem isso!

—E' apenas a minha perna! — respondeu uma voz que reconheci ser a de Perkins, o qual perguntava por mim:

—Onde está o patrão?

—Estou aqui Perkins! — gritei, mas ninguém pareceu ouvir-me, pois todos estavam debruçados sobre qualquer coisa que se encontrava na frente do carro.

Stanley pôs-me uma das suas mãos nas costas, e a esse contacto experimentei uma inefável sensação calmante, sentindo-me, de repente, aliviado e feliz, apesar de tudo o que acontecera.

—Não sentiste qualquer dor, pois não? — perguntou-me ele.

Imediatamente, porém, fiquei dominado pela surpresa e o pasmo... Stanley! Stanley!... Ora, vejamos: ele morreu de malária em Bloemfontein durante a guerra dos Boers!

—Stanley! — pus-me a gritar, e parecia que as palavras me sufocavam —. Mas tu estás morto?!

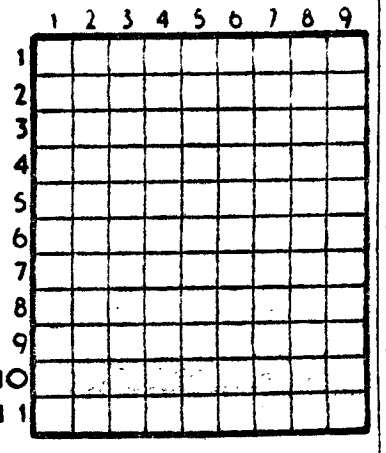
Olhando-me sempre, com o mesmo sorriso doce e sonhador a desprender-se-lhe dos lábios, ele respondeu-me:

—E também tu, meu velho!

Foi inaugurado, em Battersea, nas margens do Tamisa, pelo sr. John Hay, secretário do Parlamento britanico e ministro dos Transportes da Aviação Civil, um heliporto, com todas as condições de segurança para a aterragem e a descolagem de quaisquer helicópteros, alguns dos quais transportam 46 passageiros, podendo outros, como o que a nossa gravura representa, elevar um peso de seis toneladas

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 3662



HORIZONTAIS: 1—Estreito que liga o Mediterraneo com o Atlantico. 2 — Nome de homem. 3 — Nota musical. Chefe etiope. Prefixo de negação. 4 — Grande. Cidade de França. 5 — Metal precioso. Só. 6— Magrizela. 7 — Oxido de cálcio. Preposição e artigo (pl). 8 — Polvilhos. Consentimento. 9 — Parecença. Ovário dos peixes. Batráquio. 10 — Levantar. Inerte. 11 — Em partes iguais. Camareira. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Cães pernaltas e esguios usados na caça das lebres. Medida de capacidade em Damão. 2 — Sapo do Amazonas. Fêmea do gamo. 3 — Símbolo químico do bromo. Classes de tropas. 4 — Grande quantidade. Língua antigamente falada no N. da França. Agora. 5— Estimar. Quarto. 6 — Pelos de certos animais. Data célebre. Azáfama. 7 — Porco. Sementes de cereais. 8— Compareciam. O Arão da Bíblia. 9 Ladeiras. Cinco cadernos de papel (pl).

Solução do problema n.º 3661

HORIZONTAIS: 1 — Cardápios. 2 — Arão. Irun. 3 — Fim. Ler. 4 — Rezáramos. 5 — II. Rir. Só. 6 — Varal. 7 — Na. AC. 8 — Rã. Por. Os. 9 — Atar. Erma. 10 — Talo. Gaio. 11 — Alas. Asas.

VERTICAIS: 1 — Cã. Rim. Rata. 2 — Arfei. Natal. 3 — Raiz. Vã. Ala. 4 — Domara. Prós. 5 — Rir. 6 — Pilara. Rego. 7 — Irem. Lá. Rás. 8 — Ouros. Comia. 9 — Sn. Sor. Sãos.

A volta ao Mundo (2)

França

SUPERFICIE — 551.695 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO — 44 milhões de habitantes.

PRINCIPAIS CIDADES — Paris, capital da Republica conta 6.463.000 habitantes; Marselha (662.000); Lyon (475.000); Toulouse (270.000); Bordéus (260.000); Nice (244.000); Nantes (223.000); Estrasburgo (209.000); Lille (195.000); St. Etienne (182.000); Havre (140.000); Toulon (130.000); Rennes (120.000); Nancy (118.000); Rheims (115.000).

GOVERNO—A França é uma Republica, com um presidente da Republica que é o general Charles de Gaulle, um presidente do Conselho que é Michel Debré, e vários ministros. O poder legislativo é exercido pela Assembleia Nacional, de cerca de 500 deputados, e pelo Conselho da Republica, com uns 300 senadores. O poder judicial compete aos juizes da 1. instancia, tribunais de apelação e Tribunal da Cassação.

A França metropolitana está dividida em 90 departamentos, cada um deles com um Prefeito, e divididos em cantões. A autoridade local é o «maire»

CLIMA — O clima da França é, em geral, temperado, mas muito suave na costa, em particular no Mediterraneo. Para o interior o clima é de extremos.

ESCRITORES — E' dos paises de mais rica e variada literatura. Entre os grandes escritores franceses figuram: Froissart, cronista (1337-1410); La Fontaine, fabulista (1621-1695); Molière, dramaturgo (1622-1673); Racine, poeta dramático (1639-1699); Bossuet, orador sagrado (1627-1704); Voltaire, poeta, historiador, romancista (1694-1778); Rousseau, romancista, pedagogo (1712-1778); Victor Hugo, poeta, romancista (1802-1885); Anatole France, romancista (1844-1924).

ARTISTAS PLASTICOS — São muitos os artistas plásticos, destacando-se na pintura J. L. David (1748-1825), na escultura Houdon (1741-1828), e Augusto Rodin (1840-1917).

MUSEU PRINCIPAL — O Louvre, em Paris.

INDÚSTRIAS — As principais industrias francesas são as matérias químicas, os tecidos de algodão e seda, perfumes, vinhos e produtos de ferro e aço, nomeadamente o fabrico de automóveis.

CAMINHO DE FERRO — 43.300 quilómetros.

OROGRAFIA — Os pontos mais altos do território estão nos Alpes, na fronteira com a Suiça, em que vários picos sobem a 3.000 metros.

RIOS — O Loire (1.050 quilómetros), o Ródano (811 quilómetros), o Sena (772 quilómetros).

LINGUA — A língua falada é o francês.

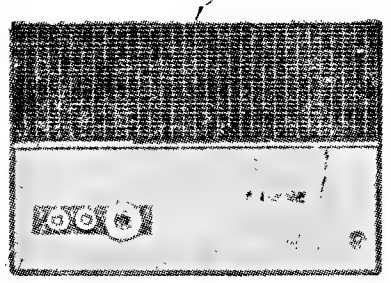
RELIGIÃO — O Estado é neutro, mas a religião mais praticada é a católica.

EDUCAÇÃO — Há em França 80.860 escolas primárias e 17 universidades.

MOEDA — A unidade monetária francesa é o franco.

HERÓI NACIONAL — Joana d'Arc.

AQUECIMENTO

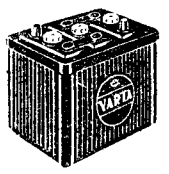


ARREFECIMENTO

Viva! Trabalhe! Durma! } Cómoda e higiènicamente

Com condicionadores de ar
Westinghouse
18 modelos á sua escolha
DISTRIBUIDORES:
NORA — Nova Organização de Rádio S. A. R. L.
Rua de Infantaria 16, 60-D — Telef. 688286
DELEGAÇÃO NO PORTO:
Rua Formosa, 86-88 — Telef. 33183

VARTA



BATERIAS DE QUALIDADE
C. SANTOS LDA.
LISBOA·PORTO·COIMBRA·BRAGA·OLHÃO

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se, em MOSCAVIDE, na Agência de Jornais de Jaime Santos, Rua Laureano de Oliveira, 40-A

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Este grande poeta e dramaturgo francês nasceu em 1810 e morreu em 1857. Neste curto espaço de tempo de 47 anos ele realizou uma obra que, mais de cem anos passados sobre a morte do autor, ainda se conserva fresca e pronta a desafiar os séculos. Foi um eterno jovem: e uma das mensagens mais belas da sua obra é a juventude e o amor que a animam generosamente. Foi um insubmisso, não se resignou a aceitar o ideal de vida prosaico e limitado que a sociedade lhe impunha; e a sua insubmissão traduziu-se na sua obra onde admiràvelmente retratou o Mundo em que vivia; príncipes enfatuados, velhos crueis, argentários ridículos, jogadores, peralvilhos — paredes meias com jovens ardentes, mocinhos caprichosos, etc.

Uma das suas obras mais conhecidas é a «Confession d'un enfant du siècle», obra-prima do Romantismo francês e que tanta influência exerceu em toda a parte. Dentre as suas poesias «Les Nuits» e «Rolla», são das mais citadas. Quanto ao teatro, «On ne badine pas avec l'amour» é, por exemplo, uma admirável pintura do tempo em que viveu.

O retrato que publicamos é da autoria do grande Daumier.

As respostas devem estar em JUVENIL até ao dia 30 de Maio, acompanhadas das habituais menções, ou seja: nome e morada bem legível dos concorrentes; sua data de nascimento; seu numero de ficheiro, no caso de já o conhecerem; e finalmente a indicação dos três artigos ou poesias que mais lhes agradaram no suplemento desta semana.

Além dos prémios habituais, será concedido um outro, especial, ao melhor trabalho sobre o gigante da Humanidade desta semana.

O HOMEM ISOLADO E O HOMEM SOCIAL

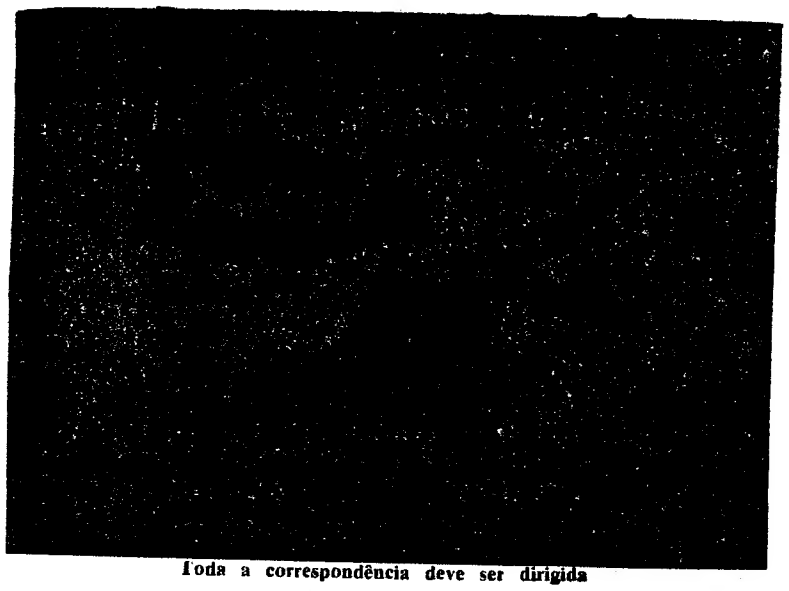
POR

JOSÉ CARLOS JUNÇA DE MORAIS (15 anos)

Disse Ibsen, o grande dramaturgo escandinavo, que «o homem mias forte é aquele que estiver mais só». O autor é um estilista consagrado, um verdadeiro artista na literatura, mas revela nesta sua frase um desacordo infundado e estulto com as mais modernas opiniões sobre o problema do homem isolado e do homem social. Também Nietzsche se revoltou contra a sociedade mas isso não nos impede de nos recusarmos a perfilhar uma ideia errada. Pela boca de Zaratustra diz o genial pensador alemão: «Foge, meu amigo, para a tua soledade! Vejo-te aturdido pelo ruido dos grandes homens e crivado pelos ferrões dos pequenos».

Será possivel o homem isolado? Será mais forte? Será mais livre? Não! Não! Não!

Uma sociedade não pode existir sem os elementos individuais que a constituem, assim como o indivíduo não pode viver senão integrado no seu meio e no seu grupo. O indivíduo criou a sociedade a partir do momento em que se agrupou, em que se reuniu com o seu semelhante. A sociedade, por seu lado e uma vez formada, criou ao homem necessidades, condições que lhe deram força e liberdade. O primitivo tinha uma vida simples, bárbara, animal, vivia quase solitário. O homem de hoje é necessariamente um produto da sociedade e só tem valor na medida em que faz parte e contribui para ela. Se o homem tivesse permanecido sempre isolado do seu semelhante, seria hoje um verdadeiro monstro, um selvagem, um irracional.



Toda a correspondência deve ser dirigida

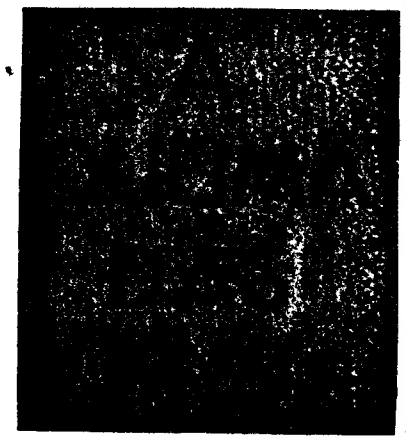
Poderá quem não estiver de acordo paresentar o exemplo de Robinson Crusoé, essa personagem saída da pena de Daniel Defoe. Esse indivíduo, completamente isolado, teria conseguido manter-se e satisfeito as necessidades mais prementes. O exemplo, em vez de nos deixar sem resposta, vem, pelo contrário, corroborar a nossa afirmação. Não devemos esquecer que se tratava dum homem social: um homem que nascera no seio duma sociedade, que fora educado, que herdara inumeros conhecimentos. Embora estivesse, pela força das circunstancias, momentaneamente separado da sociedade, esse homem vivia segundo o seu agrupamento social, fazendo para si o que ele lhe tinha ensinado. Um homem actual isolado durante toda a sua vida, pondo ainda de parte por insolubilidade as questões da hereditariedade e da inteligência já desenvolvida, sem a influência social e não podendo dispor de produtos sociais — instrumentos que Robinson Crusué teria utilizado—, nunca conseguiria manter-se, a não ser num estado tão bárbaro e tão primitivo que nos levaria a confundir o homem com o macaco.

Os nossos adversários poderão ainda opor mais um argumento: e a inteligência, o homem precisou da sociedade para ser racional? Aí também o factor social teve grande, quase total influência. Sim, sem a sociedade o homem nunca teria desenvolvido a sua inteligência. Ele tinha no fundo a qualidade, imutável, inalterável. Mas assim escondida, rudimentar e parada, era completamente inutil. Além disso a inteligência depende de muitos outros aspectos que não se limitam á acção da sociedade. Pensemos na influência que a linguagem — outro produto social — deve ter tido no desenvolvimento da racionalidade. E' assunto que nos levaria muito longe...

De tudo isto há alguma coisa que salta logo aos olhos, que é evidente: a importancia do factor social, a necessidade das sociedades e a impossibilidade do homem isolado. Podemos mesmo, pelo que ficou dito, chegar á conclusão de que foi a sociedade que criou o homem, no sentido mais elevado da palavra, e que sem ela os espécimes humanos teriam permanecido eternamente num estado primitivo.

Mas nós ainda não nos esquecemos da célebre frase de Ibsen — o homem mais forte é aquele que estiver só — e é já tempo de voltarmos a ela. Lembramo-nos também que a certa altura dissemos que a sociedade criara no homem necessidades e condições que lhe tinham dado força e liberdade. As duas afirmações são incompatíveis como facilmente se vê. Numa, pre-

(Continua na ultima página)



POR

CARLOS MANUEL ALMEIDA (20 anos)

A Queima das Fitas dos estudantes da Universidade de Coimbra é a maior festa académica que se realiza em Portugal, quiçá no estrangeiro.

É uma festa não só dos estudantes universitários, mas de todo o publico que a ela assiste. Pois os milhares de forasteiros que todos os anos, neste mês de Maio, se deslocam a Coimbra, a fim de assistir á «Queima», comparticipam na alegria manifestada pelos estudantes.

Embora seja uma festa de todos os estudantes, entre estes há, porém, alguns para quem a «Queima» tem um significado especial. São eles os «fitados», os «grelados» e os «caloiros».

Os «fitados», são os alunos do 5.º ano da Faculdade, que possuem uma pasta com oito fitas largas com a cor da Faculdade a que pertencem; os «grelados» são os alunos do 4.º ano e que na pasta possuem uma fita estreita, chamada «grelo», com a cor da respectiva Faculdade; e os «caloiros» são os alunos do 1.º ano.

Ora, na terça-feira, dia do cortejo, o maior dia dos festejos, os «fitados» abandonam para sempre as suas «fitas largas», e apresentam-se nesse dia de casaca e cartola sobre a cabeça, com a cor da sua Faculdade. Os «grelados», antes de iniciado o cortejo, queimam o «grelo» num penico, e recebem das mãos de suas madrinhas, geralmente mãe, noiva ou irmã, as «fitas largas», que no ano imedia-

(Continua na ultima página)

Os cinco mártires do liceu Buffon

Estes cinco jovens deram tudo à sua Pátria — amor, dedicação, saude, vida... Sua memória será eterna.

Foi posto em circulação, em França, um novo selo dos correios. Nesse pequenissimo réctangulo de papel, onde cinco jovens parecem ainda olhar confiadamente para a vida, conta-se uma das mais gloriosas histórias da França — a história de cinco estudantes que se levantaram em defesa da sua pátria e que em defesa da sua pátria tombaram...

Chamavam-se eles Jacques Baudry, Pierre Benoit, Jean Arthus, Pierre Grelot e Lucien Legros.

Todos eles alunos do Liceu Buffon, começaram em 11 de Novembro de 1940, quando a França — *La Douce France*... — se encontrava sob o domínio do invasor alemão, por se incorporarem numa formirável manifestação em Paris, para comemorar o armistício de 1918. Quando os Alemães atacam e o cortejo começou a debandar através das ruas — ouviu-se uma voz juvenil reagrupando as suas forças:

—À moi, Buffon!

E os jovens não dispersaram. Mantiveram-se firmes ao lado desse que era já seu capitão — Pierre Benoit — e de quatro amigos que o enquadravam.

Nos começos de 1942, o professor de História do Liceu Buffon foi preso. O dr. Burgard ensinava, nas suas aulas, a fidelidade á honra da França e ao seu povo. Teria podido entrar na clandestinidade, refugiar-se algures. Recusou. O seu posto era ali, no liceu, mostrando aos jovens o caminho da França.

Como represália por esta detenção, os estudantes parisienses, chefiados pelos do Liceu Buffon, organizam uma formidável manifestação antialemã. A 16, de Abril as aulas param ás 10 horas em ponto. E' a hora H... Todos os estudantes se concentram no pátio aos gritos de: «Libérez Burgard! Libérez Burgard! Libérez Burgard!». Delegações de outros liceus chegam. Depois as forças de repressão alemãs fecham os portões. Perante a magnitude da manifestação correm ao telefone, a pedir reforços. Em vão. Lucien Legros antecipara-se-lhes, cortando os fios...

Cinco estudantes falam aos seus companheiros, distribuem manifestos antialemães, onde a palavra *France* surge a cada passo, aureolada de um amor mais forte, mais puro do que nunca. Jean Arthur, de 17 anos, pacífico e sonhador; Pierre Grelot, de 19 anos, ardente e impulsivo, apaixonado de D. Quixote e de toda a literatura espanhola; Jacques Baudry, de 20 anos, que frequenta Ciências; Lucien Sagros, de 18 anos, de aspecto delicado, célebre lançador do disco; e finalmente, Pierre Benoit, de 16 anos que parecem vinte, grave, sensato, valente...

Depois dessa grandiosa manifestação, os jovens que mais se haviam salientado nem pensar em regressarem a casa. Seriam imediatamente «apanhados» pelos Alemães, o que nenhum quer, pois a França precisa deles... Assim, Pierre Benoit e Lucien Legros desaparecem, sempre ajudados, no entanto, pelos outros três amigos que permanecem em casa dos pais...

Mas os Alemães não esquecerão nunca mais a manifestação de 16 de Abril. Nem a perdoarão... A «caça» aos cinco não descansa um só momento. Nas mais trágicas circunstancias, os cinco amigos acabam por ser presos. E no dia 8 de Fevereiro de 1943, ás onze horas e dezassete minutos, diante de um pelotão da Luffwaffe, no campo de aviação de Issy-les-Moulinaux, os cinco heróis do Liceu Buffon despediam-se da sua curta existência. Morriam como tinham vivido: de pé e pela França...

As cartas por eles escritas aos pais nesse mesmo dia replectem não o medo da morte, mas a confiança na vida; não o desespero, mas a confiança; nem uma palavra de ódio, mas só palavras de amor e de ternura.

E' impossível que uma lágrima de pena e de orgulho não venha aos nossos olhos, lendo o princípio da carta que Jacques Baudry escreve poucas horas antes de ser levado pelos Alemães: «Vão-me arrancar a esta vida que vós me desteis e que eu amava tanto. E' infinitamente penoso para vós e para nós. Tive a sorte de saber, antes de morrer, que vós sois corajosos, é preciso que o continueis a ser, sobretudo a minha querida mãezinha que beijo de todo o meu pobre coração.

«Queridos pais, aceitei a luta, sabeis bem. Serei corajoso até ao fim. A guerra está a acabar; vós vivereis em paz, um pouco também graças a mim...»

Não é apenas a França que tem de ficar grata aos «cinco mártires do Liceu Buffon». É toda a Humanidade, somos nós todos. Aprender os seus nomes, trazê-los no coração — eis uma das formas de pagar a nossa divida.

MANUEL AGRA

Este é o selo posto agora em circulação em França, como preito de homenagem aos «cinco mártires do liceu Buffon»

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

por **Manuel Salgueiro**

O mistério da bengala de bambu (XXVI)

No rosto do detective e de seus jovens amigos estampou-se a maior ansiedade.

— E agora? — perguntou a Leonor.

— Agora? — respondeu Pararraios — Agora temos de reaver todos os dados e em lugar de um, destruirmos sete.

— Isso nunca! — tornou-lhe o jornalista. — Seis pertencem á minha colecção e por nada deste mundo me desfaria deles.

— O senhor está a pôr em perigo a Terra, a Humanidade e a própria vida... — ensinuou, calmamente, o detective. — Entregue-me os dados, por favor...

Apesar da voz serena, notava-se uma velada ameaça. Era evidente que, em caso de necessidade, o detective não hesitaria em servir-se da força para impedir a consumação da maior desgraça...

O ambiente começara a escaldar.

O SÉTIMO QUADRO

Foi então que o chefe da esquadra se aproximou do jornalista:

— Entregue-me os dados, meu caro senhor.

— Mas...

— E' melhor assim...

Com os pequenos cubos de marfim em seu poder, o chefe sentou-se e espalhou-os no tampo da mesa. Calmamente, ordenou que lhe trouxessem, do compartimento do lado, o formão e o martelo. Havia resolvido fazer justiça á sua maneira, apoiando-se no sólido bom senso de que era possuidor.

— O senhor — e voltou-se para o jornalista — afirma que seis destes dados lhe pertencem. Por outro lado, vossa excelência — e apontou discretamente Pararraios — garante que dentro de um destes berloques está fechado não sei o quê, não sei que maquinismo que faz parar os relógios!

— O tempo! E' o tempo que ele destdoi — e para sempre!

— Vem a dar no mesmo. Destriundo o tempo, destroi os relógios; destruindo os relógios, lá se vai o tempo...

— Perdão! — ia atalhar Pararraios. Mas o chefe voltou a impor a ordem, com um gesto.

— Não vale a pena entrarmos em controversia. O senhor deseja o dado com o tal maquinismo; pois então veremos qual é o tal...

Com uma pancada seca do martelo, no cabo do formão, abriu o primeiro dado. Saltaram minusculas falhas de osso... Pararraios quis precipitar-se em direcção á mesa, mas dois agentes seguraram-no, fizeram-no perder todas as esperanças de dar um passo sequer.

Seguiu-se outro dado. Nada tinha dentro.

— Como vê, este ainda não é o seu — comentou o agente.

— Espere um momento! — bradou Pararraios, em cujo rosto gotas de suor brilhavam. — Desisto do dado que me pertence. Sugiro que os restantes cinco sejam entregues a este senhor...

— Calma! — voltou o chefe. — Agora sou eu que tenho o maior interesse em ver o tal maquinismo de fazer parar as cebolas...

Partiu o terceiro dado. «Nicles!» — foi a exclamação do agente-mor.

E partiu o quarto, com um golpe seco e rápido. O detective sentia vertigens. Via-se impotente para evitar o pior dos males — mas não perdia o dominio de si próprio. Espreitava uma aberta, uma ideia salvadora — que tardava...

— Vamos ao quinto — anunciou o chefe — Palpita-me que está aqui o tal bruxedo...

E sacudia o cubo de marfim junto da orelha cabeluda, como para o ouvir chocalhar e ter assim a confirmação. Esse ainda era um dado, pura e simplesmente. E o sexto, depois de esventrado, mostrou também toda a sua inocência...

Restava o sétimo. O ultimo. O ultimo... Esse objecto minusculo, sózinho em cima da mesa, assumiu aos olhos de Pararraios uma grandeza desconforme. E a sua fragilidade como que mais realçava o seu poder. «Agora ou nunca!»—disse o detective para o seu funil. Este relampejou azul e roxo de fazer cegar. A vigilancia dos guardas afrouxou — e com um salto de tigre Pararraios caiu em cima da mesa e apoderou-se do dado no preciso instante em que a mão cabeluda e justiceira do chefe ia agarrá-lo — e mandar o nosso globo para o silêncio gélido do Nada...

(CONTINUA)

Gente nossa

Em grande pobreza
o povo canta
assim espanta
dor e incerteza

De Vila Real
até Miranda
por monte e vale
o povo anda
ao vir o dia
no horizonte
da romaria
no alto monte.

E brilha o Sol
e alegre soa
a canção boa
do homem do fole

que vai assim
de mão em mão
ora fole sim
ora fole não

E na alegria
correndo em fonte
na romaria
do alto monte

o homem do fole
tocando faz
mais brilho ao Sol
raiz á Paz.

Concurso da semana

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 30.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO JUVENIL N.º 105 (9 de Maio de 1959): I — GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: GAUGUIN. II — GENTE NOSSA: OVAR.

Vencedores

1. — Amigo 67 — Margarida Losa (Porto).
2. — Amigo 1610 — M.ª Lucília Fonseca de Sousa (Lisboa).
3. — Amigo 1547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra).
4. — Amigo 1578 — José António Cartaxo Vicente (Lisboa).
5. — Amigo 1571 — Maria Matilde Figueiredo (Lisboa).
6. — Amigo 1330 — M.ª Teresa S. Seixo (Moita do Ribatejo).
7. — Amigo 1515 — Augusto Carlos Mateus (Lisboa).
8. — Amigo 1002—Jacinto Domingos Silva Pereira (Algés).
9. — Amigo 1138 — Maria José Filipe (Lisboa).
10. — Amigo 1609 — José Francisco Pinheiro (Lisboa).
11. — Amigo 259 — Carlos José Vieira (Lisboa).
12. — Amigo 1210 — Adão Oscar Alvarenga da Costa (Mesão Frio).

Prémios

1. — «UM LUGAR AO SOL», por Erico Veríssimo, LIVROS DO BRASIL, LDA.
2. — «A CHUVA E OUTRAS NOVELAS», por Sommerset Maugham — LIVROS DO BRASIL, LDA.
3. — «DEUS LHE PAGUE», por Joracy Camargo, LIVROS DO BRASIL, LDA.
4. — «O VELHO E O MAR», colec. MINIATURA, LIVROS DO BRASIL, LDA.
5. — «O VELHO E O MAR», colc. MINIATURA, LIVROS DO BRASLI, LDA.
6. — «A ABADIA DE NORTHANGER», por Jane Austen, PORTUGÁLIA EDITORA, LDA.
7. — «A LEITEIRINHA VAIDOSA», por Noel de Arriaga, PORTUGÁLIA EDITORA, LDA.
8. — «PORTUGAL PARA OS PEQUENINOS», de M.ª Paula de Azevedo, PORTUGÁLIA EDITORA, L.ª
9 a 12 — «AVENTURAS DE TOM SAWYER», por Mark Twain, da PORTUGÁLIA EDITORA, LDA.
PRÉMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE GAUGUIN:
13. — Amigo 1420 — Célia de Matos Raposo (Barreiro).
13. — «TERRA BENDITA», de Pearl Buck; «CRIME DOS JUSTOS», da colec. MINIATURA, ambos de LIVROS DO BRASIL, LDA.

Crítica do João

Na véspera do encontro que marcara com o crítico João recebo um telefonema seu a comunicar-me

que a essa hora, afinal, não poderia comparecer.

— É pena. Os leitores apreciaram muito as tuas ultimas críticas e querem á viva força que continues...

— Óptimo! Mas podemos continuar, quem diz que não!!

— Vamos então conversar pelo telefone?

— Claro! Prepara lá a estenografia enquanto eu vou buscar os papeis. *(Pausa)*. Pronto, cá estão.

— Podes começar. Quem está hoje na berlinda?

— Agostinho de Brito Macedo, amigo muito dedicado do «Juvenil».

— Mas, amigos, amigos, negócios á parte...

— Evidentemente! Aos amigos só a verdade é devida. O Agostinho envia-nos um episódio «Exploradores no espaço». Dedica-se este amigo a um género de literatura hoje muito em voga — a da chamada «ficção científica» ou de antecipação.

— A ti que te parece essa literatura?

— Fatal, meu amigo, fatal! A ciência, tão impulsionada pela imaginação, acabou por desbravar caminhos á imaginação — que em muitos casos toma o freio nos dentes, se transforma numa imaginação desvairada, sem fé na realidade, semeadora de terrores e papões. Uma tal literatura proporciona aos homens uma nova frente de evasão, e os homens não resolvem os seus problemas — fugindo-lhes! As aventuras mais ou menos estrambólicas inventadas noutros planetas estão servindo para *fugir da Terra*...

— Condenas, pois, a literatura de antecipação...

— Não, valha-te Deus! A literatura de antecipação de Wells, de Julio Verne, de George Gamow, etc., entusiasmando os jovens pelos problemas científicos, merece todo o meu respeito. Digo-te que sou um leitor fervoroso de Julio Verne — que, segundo uma estatística da Unesco, continua a ser um dos autores favoritos da juventude. Mas distingue, meu caro, entre literatura de ficção científica — e leitura de ficção... comercial. Conheço autores que fazem desta literatura — a metro... É contra ela que devemos alertar os rapazes e raparigas para que eles não venham a comer gato por lebre... Se uma literatura (qualquer que seja o género dela) não contribui para um melhor conhecimento da alma humana, da sociedade humana, dos fenómenos que cercam o homem — então não é arte, não serve a arte nem o homem, adeus passe muito bem!

— Está certo, homem, não te exaltes! A propósito do Agostinho de Brito Macedo...

— Não percebeste que, no fundo, é a ele que me estou dirigindo? Já é ser burro!

— Desculpa...

— O Agostinho tem, é indubitável, uma qualidade: sabe narrar. Conhece os segredos do «suspense». A sua prosa é corredia, despreocupada, sem pretensões. Pode, se o quiser, fazer caminho pela literatura de antecipação — e eu peço-lhe só que não se esqueça nunca do que digo acima: desbravar caminho para um melhor conhecimento da alma humana é dever a que nenhum artista deve furtar-se.

— Mas o Avostinho quer ser artista? Não quer apenas fazer antecipação?

— Em todos os campos se pode servir o Homem.

Uma avaria no telefone fez que a conversa terminasse aqui. E terminou bem, com uma frase que vou fazer as possíveis por decorar.

MARIO CASTRIM

COLABORADORES

Criticaremos nesta secção todos os trabalhos originais enviados pelos nossos leitores de idade não superior a vinte anos.

A colaboração pode ser acompanhada de uma fotografia (de quaisquer dimensões) do autor, e deve ser dirigida a CRITICA DO JOÃO, «Diário de Lisboa Juvenil», Rua Luz Soriano, 44.

UM TESOURO DE CULTURA

Já algumas vezes aqui temos aludido á grande Colecção Clássicos Sá da Costa. Na realidade trata-se de um instrumento de cultura indispensável e que não tem outro que se lhe assemelhe em Portugal. Basta dizer que reune, nas suas dezenas de volumes, muitos dos nossos maiores clássicos e alguns da literatura universal como Descartes, Demóstenes, Homero e Dante.

Os escritores portugueses até hoje editados na Colecção Clássicos Sá da Costa são os seguintes:

Sá de Miranda, Francisco Manuel de Melo, João de Barros, Tomás A. Gonzaga, Diogo do Couto, Frei Luís de Sousa, António Ferreira, Frei Heitor Pinto, Francisco Rodrigues Lobo, Marquesa de Alorna, Filinto Elísio, Afonso de Albuquerque, Francisco Xavier de Oliveira, Gil Vicente, Bocage, Frei Amador Arrais, José da Cunha Brochado, Diogo Paiva de Andrade, Diogo Bernardes, Camões, Poetas do Cancioneiro da Ajuda, Luís António Verney, Bernardim Ribeiro, Padre António Vieira, Francisco de Holanda, António Correia Garção, António José da Silva (O Judeu) e Almeida Garrett.

Eis porque pensamos que nenhum jovem pode deixar de adquirir os volumes desta monumental colecção.

SCARAMOUCHE E OUTRAS COISAS

Num dos numeros passados do «Juvenil» dissemos que Scaramouche era um dos mais belos romances para a juventude publicados nos ultimos tempos no nosso País — romance cheio de interesse, cheio de intenções generosas, cheio de vigor literário e de verdade. E' uma leitura empolgante que nos absorve desde a primeira á ultima folha.

Na mesma colecção de SCARAMOUCHE — a «Biblioteca dos Rapazes» — vão sair dentro em breve dois grandes livros: «História de um marinheiro», de Marryat, e «Os Três Mosqueteiros», de Alexandre Dumas.

Atenção, portanto, ás próximas novidades da «Biblioteca dos Rapazes» e ao famoso Scaramouche, romance histórico passado nos tempos da Revolução Francesa.

A CULTURA é o nosso melhor bem

Devemos a Livros do Brasil, Ld.ª, a grande e meritória iniciativa de criar uma colecção cultural com obras das maiores autoridades mundiais nas respectivas especialidades. Os nossos jovens Amigos lembram-se de aqui lhes termos citado nomes como os de Alberto Einstein e Openheim, por exemplo. Agora acaba de sair uma obra da grande etnóloga Ruth Benedict — «Padrões de Cultura» — que os nossos leitores mais velhos (do terceiro ciclo do liceu ou universitários) terão grande vantagem em ler.

O assunto não interessa apenas aos que se destinam ás Faculdades de Letras e de Direito. Um homem é tanto mais util á sociedade e é tanto mais feliz quanto maior é a sua consciência dos fenómenos que o cercam; por outras palavras: é tanto mais util e mais feliz quanto mais culto.

O livro de Ruth Benedict é um estudo de fenómenos primitivos de cultura em sociedades muito simples — e eis aqui mais um atractivo de leitura: o exotismo, e inesperado. Pertence á Colecção «Enciclopédia L. B. L.».

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se aos sábados

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados

OS CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

POR

TROTE

A nossa Ragédia começou...

— Eu conto! — interrompeu a mãe — E' a mim que cabe contar. Sempre foi assim desde os avós dos meus avós: a dona de casa é a dona de casa: ela recebe os hóspedes e conta-lhes todas aquelas histórias e notícias que possam interessá-lo. Os novos, como tu, esses escutam, pois é a escutar que se aprende e virá um dia em que também tu farás o que eu faço e teus filhos farão o que tu fazes hoje: e escutarão. Ou supões que já não existe?

A rapariga teve uma expressão triste que logo dominou e, mostrando um sorriso, disse em mansa voz:

—Senhora, perdoai! Na verdade esqueci o amor e o respeito que vos devo.

Estavam os três sentados, a jovem, a mãe e Lançarote do Lago, sentados na sala grande do castelo — uma sala de pedra grossa, onde uns tapetes pendurados na parede conseguiam atenuar um pouquinho a severidade do ambiente. Jantavam. O lume doudejante da lareira parecia tornar vivos e inquietos todos os objectos que iluminava — ora deslocando-os para a esquerda, ora para a direita, ora para cima, ora para baixo. As faces dos convivas passavam rápidamente da luz para a sombra conforme as chamas dançavam.

— Está bem — concordou a senhora do castelo, abanando a cabeça — está bem. Tu és uma bela filha e uma filha tão corajosa como um cavaleiro. Tens sido tu a alma da nossa casa desde que a desgraça bateu á porta. Perguntáveis quando ela começou, não era? Foi numa tarde em que o cavalo em que meu senhor partira voltou sem ele... Da sela pendia-lhe um pergaminho em que se lia — como poderei, enquanto for viva, esquecer os seus dizeres? — esta ameaça terrivel:

NAS TERRAS QUE AVISTO DO MEU CASTELO SÓ PODE HAVER UM CASTELO — O MEU

Turquino Mão de Ferro

— Turquino Mão de Ferro! — exclamou Lançarote, erguendo-se de um salto e levando a mão aos punhos da espada.

— Conhecei-o?

— Não, senhora minha! Só conheço os seus crimes... Enquanto eu, ferido de umas feridas que ganhara em combates na Bretanha, não podia erguer a minha espada, um a um, dia a dia, foram desaparecendo os meus amigos da Távola Redonda. Quando parti á procura de Turquino já tinham desaparecido cinquenta! Corri depois montes e vales, bati a portas e portas, mas ninguém me sabia responder onde pousava Turquino Mão de Ferro. Só vossa filha me deu esperanças de o encontrar. Ah! mas amanhã, senhora, logo ao romper da alva, partirei! Vosso filho, vosso marido e os camponeses darão a sua vingança ou minha espada nunca mais se erguerá.

A senhora levantou-se lentamente da cadeira, sempre com os olhos fitos nele e murmurando:

— Foi assim que eu sonhei... aí onde vós estais... tal como vós... e dizia as mesmas palavras que vós... e era alto e nobre como vós... Sonhei muitas vezes assim e acabei até por sonhar de olhos acordados. Ouvia alguém que me garantia: descansa que há-de chegar quem vingará os que esperam ser vingados...

— Sim, senhora minha, por minha honra vos juro que só descansarei o braço quando se cumprir justiça... Mas dissesteis, senhora, que Turquino vos veio atacar o castelo, parece que tentando tomá-lo...

— Já por várias vezes surge por cá, diz coisas impróprias dum cavaleiro, desafia os meus homens de armas e pagens e depois parte. Só hoje é que deu mostras de querer senhorear-se do castelo. De pé nos estribos do cavalo, gritou:

— «Preciso de pedras para construir choças para porcos e venho buscar as do teu castelo, ó bruxa! E tens de me dar uma bruxazinha tenra que aí tendes».

Senti o coração apertar-se-me: minha filha tinha saído como todos os dias na esperança de encontrar um cavaleiro que pudesse auxiliar-nos. Cada dia sentíamos o perigo mais forte. Turquino vangloria-se por todo o lado que será rei de Inglaterra, que vencerá o rei Artur, que não terá quem se sente num trono mais alto do que o dele.

— Ele diz isso, senhora? Pois veremos... veremos...

*

Ao romper da aurora, no dia seguinte, aprestava-se Lançarote para a sua jornada quando, ao redor do castelo, se ergueu enorme grita. Do alto das ameias as sentinelas bradaram as armas. Turquino Mão de Ferro acompanhado dum verdadeiro exército, abraçava o castelo num anel de ferro.

Chegando a uma estreita janela, Lançarote não levou muito tempo a inteirar-se do que se passava. Sem perda dum instante calçou os guantes de ferro depois de ter ajustado o elmo e desceu a passos gigantescos a escada.

Toda a população válida do castelo — homens, mulheres e jovens — acorreu ás ameias com todas as armas que puderam reunir.

Aparecendo onde mais acesa era a luta, Lançarote mandou acender boas fogueiras onde se colocassem grandes caldeiros de pez ou de azeite; para todos encontrava a palavra justa de coragem; andava dum lado para o outro, dando um conselho, estudando os melhores meios de defesa e a sua gigantesca figura, correndo pelos adarves de espada nua, era como um bálsamo em todos os corações.

Num dos cubelos onde acabava de chegar surgiu um elmo no qual o rubro Sol nascente acendeu uma chispa de lume; os sitiadores haviam conseguido encostar uma escada e no cimo dela aparecia o primeiro invasor que, erguendo a pesada acha de armas, lançou um tremendo grito de guerra. Não esperava, porém, encontrar pela frente aquele estranho homem louro, enorme como um deus, e cuja espada de fogo desceu sobre ele, rápida como um relampago; o guerreiro barbudo nem teve tempo de dar um grito: na queda foi arrastando os companheiros que, na escada, se lhe seguiam.

Em redor de Lançarote crepitou um brado de alegria: um pagenzinho de 12 anos que, de arco tenso, estivera a tirar certeiras flexas sobre os atacantes, ergueu para o cavaleiro seus olhos admirados e sorriu. Lançarote sorriu-lhe também, acariciou-lhe os cabelos ruivos e debruçou-se nas ameias, no local onde se encostava a escada: novos atacantes subiam por ela, protegidos por enormes escudos; lá em baixo, montado num cavalo baio, um enorme guerreiro de barba quase cinzenta dava ordens. Devia ser Turquino Mão de Ferro! O coração de Lançarote palpitou.

— E' aquele o Turquino? — perguntou á jovem castelã, que entretanto se tinha aproximado dele.

— E' aquele, é...

Então Lançarote agarrou com mãos possantes nas pontas da escada, torceu a boca numa careta de esforço, cerrou os dentes, cerrou os olhos e, retesando todos os seus musculos, conseguiu empurrá-la aos poucos e poucos até que a fez tombar, carregada de atacantes, sobre o enxame de guerreiros que, lá em baixo, fervilhavam.

Depois, pondo os pés na abertura das ameias e oferecendo aos sitiadores o alvo da sua enorme estatura, gritou:

— Eh cavaleiro felão! E' contigo que falo, Turquino, a ti, que és a vergonha da cavalaria! Conheces-me? Sabes quem sou? Não tremes?

— Conheço-te, oh! se te conheço!... Basta seres assim tão valente a coberto das muralhas dum castelo para eu saber que és Lançarote, o rei dos poltrões!

(Continua).

O CERCO DO CASTELO

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

O nariz não é feição... mas é estratégia (2)

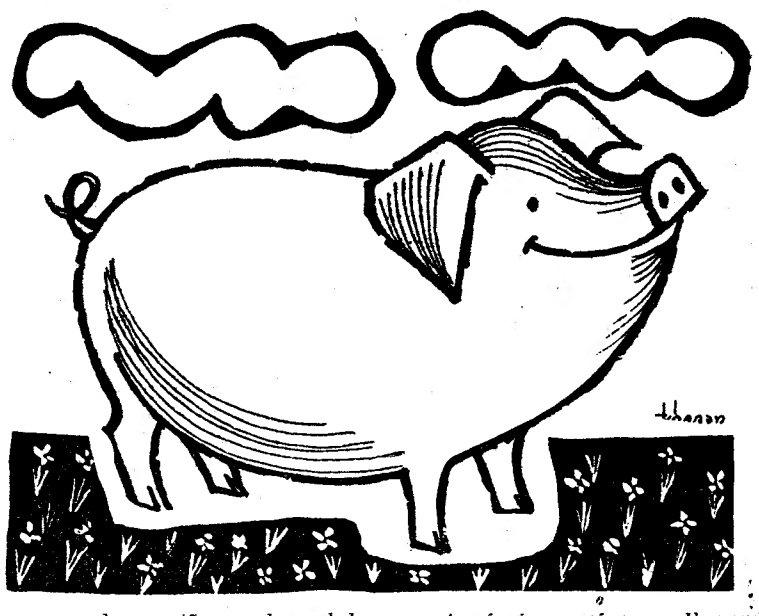
Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Já falámos dos narizes dos animais que vivem na água, embora a respiração seja aérea — a foca, o jacaré, o hipopótamo e outros chamados anfíbios (dupla vida).

O porco constitui uma excepção digna de registo. Não sendo um animal caçador, contudo tem o nariz bem na frente, como se o fosse. Este facto não traduz da parte deste caluniado e tão util animal; não, é que o pórco usa o nariz para outros fins, além do olfato e da respiração. O focinho é forte bastante, apoiado numa cabeça igualmente forte que entronca num poderoso pescoço bifurcando-se, por sua vez, nos ombros fortes.

Quem vir o porco á solta, numa horta, por exemplo, fica logo elucidado quanto á utilidade do focinho. Na ponta deste, observem a ponta cortante, terrivelmente cortante. O porco pode, com esse feio mas forte focinho desenterrar as raizes de que se alimenta, depois mesmo de já ter destruido toda a horta, com um apetite devorador que o tornou famoso. O nariz pontudo, serve-lhe também para farejar os alimentos que aprecia — bolotas, nozes, etc. E é tão eficiente, que os olhos de pouco lhe servem — por isso são muito pequeninos e ficam escondidos nas pregas de gordura.

De todos os animais que têm de precaver-se dos ataques traiçoeiros dos animais caçadores é, sem duvida, o veado aquele que tem um olfato mais fino. É preciso não esquecer que estes herbívoros vivem



nas grandes regiões onde pululam, os terriveis carnívoros. E para perpetuar a espécie, toda a cautela é pouca...

O veado tem, pois, as ventas laterais e podem farejar, com uma agudeza espantosa, o perigo, a distancias que até custa a crer.

E não é só o cheiro do caçador que ele percebe a distancia. Também de muito,muito longe ele percebe a companheira — a corça — ou outro macho de que tem de defender-se. Este facto é explicado assaz fácilmente: o cheiro do veado vem de uma substancia que se acumula numa pequena fenda localizada um pouco acima do caseo.

O veado caminha sempre de cabeça no ar, não por leviandade, mas pela necessidade de uma constante defesa — dos homens e de outros animais que muito apreciam a sua carne tenra.

Os peixes também respiram, como calculam; porém, não têm ventas. Poderá parecer descabido falar dos peixes num capítulo de narizes — mas vale a pena, pela sua curiosidade.

Os peixes vivem, inteiramente e sempre debaixo de água. Por isso não respiram como os outros animais, embora também precisem de oxigénio para viver.

Para o aproveitar, têm um dispositivo especial para o retirar da água onde vivem. Este dispositivo é composto por uma série de fendas, branqueas ou guelras, que ficam aos lados da cabeça, protegidas pelos opérculos (já viram se um peixe é fresco? Levantaram ou viram levantar, para isso uma parte móvel da cabeça? São essas partes móveis que defendem as guelras, que se chamam opérculos.

Retirado de água, já viram também que o peixe morre. É que as guelras estão criadas apenas para retirar o oxigénio da água e não do ar. Fora de água não funcionam.

DIÁRIO DE BORDO

1280 — Maria Lucília Fazenda. O teu numero é este e não o que há tempos vens usando.

1587 — 1588 — Waldemar Luís da Costa e Joaquim Feliciano Machado (Lisboa). Aqui têm os vossos numeros. Podem responder aos concursos, tendo o cuidado de indicar sempre o numero de Amigo, o que não quer dizer que, se o esquecerem, não possam concorrer. Só o que nos dão é um pouquinho de trabalho. Mas preferimos o trabalho a que vocês deixem de se habilitar aos prémios. Está entendido?

1505 — Carlos Joaquim Simões Mateus (Lisboa). Recebemos o teu conto. Pelo seu conteudo, ele terá de ir para o Juvenil. Quando puderes aparecer, conversaremos sobre a possibilidade da outra via; mas bem vês que, tratando-se de gente adulta, os assuntos têm de ter outros interesses.

856 — Francisco José Fernandes (Lisboa). Recebemos a entrevista. Vai seguir o n.º 65 que pedes. Contudo, quando quiseres jornais — como não podem seguir á cobrança — terás de mandar os selos na importancia do seu custo. Este segue por nossa conta. Certamente a falta do livro deve-se a qualquer demora do correio. Agradecemos digas logo que aí chegue.

1378 — Maria Manuela Cambom Arim (Lisboa). Sim, Amiguinha, recebemos os trabalhos a que te referes. Obrigado pelas tuas simpáticas palavras.

610 — Marília Mendes (Lisboa). O teu trabalho sobre El Greco chegou atrasado. Vê se te é possível responder mais cedo, sim?

1282 — Agostinho Brito Macedo (Lisboa). Não temos duvida em mandar-te os jornais, com a condição de indicares os numeros em que colaboraste. Como sabes, são alguns e a nós é difícil procurá-los, com brevidade. Ao indicar os numeros, deverás mandar a sua importancia em selos do correio, pois não podem seguir á cobrança. Se tens dificuldade em procurar esses jornais, aparece e procurarás na nossa Colecção. A morada é a mesma onde recebem os prémios.

593 — Louise Russel (Estoril). Dada a dificuldade que tens de mandar buscar os livros, vamos mandá-los pelo correio, está bem? A tua ideia é muito engraçada e oxalá vá para diante e não suceda o que sucedeu ao coro. Bem vês, os nossos jovens são um pouco preguiçosos; é preciso espevitá-los. Mas a tua boa vontade fará milagres, estamos certos. Pena é morares tão longe. Dar-te-iamos uma ajudinha.

266 — José Cotrim (Lisboa). Os houve engano na numeração do Jornal.

1468 — Maria Elisa Fonseca Bacelar (Moura). Não recebeste aí um postal da Portugália? Não sabíamos se a tua morada — apenas Moura — era suficiente para aí chegarem os livros. Esperamos nos digas qualquer voisa. Vejamos, pela tua pergunta, que não leste o Juvenil em que foste premiada.

1271 — António Ponce (Lisboa). Não é preciso indicar sempre a data do nascimento. Mas não te dá muito trabalho, escrever a idade, e facilita-nos a tarefa de procurar no ficheiro. Como vocês são já muitos, isso dá-nos uma boa ajuda.

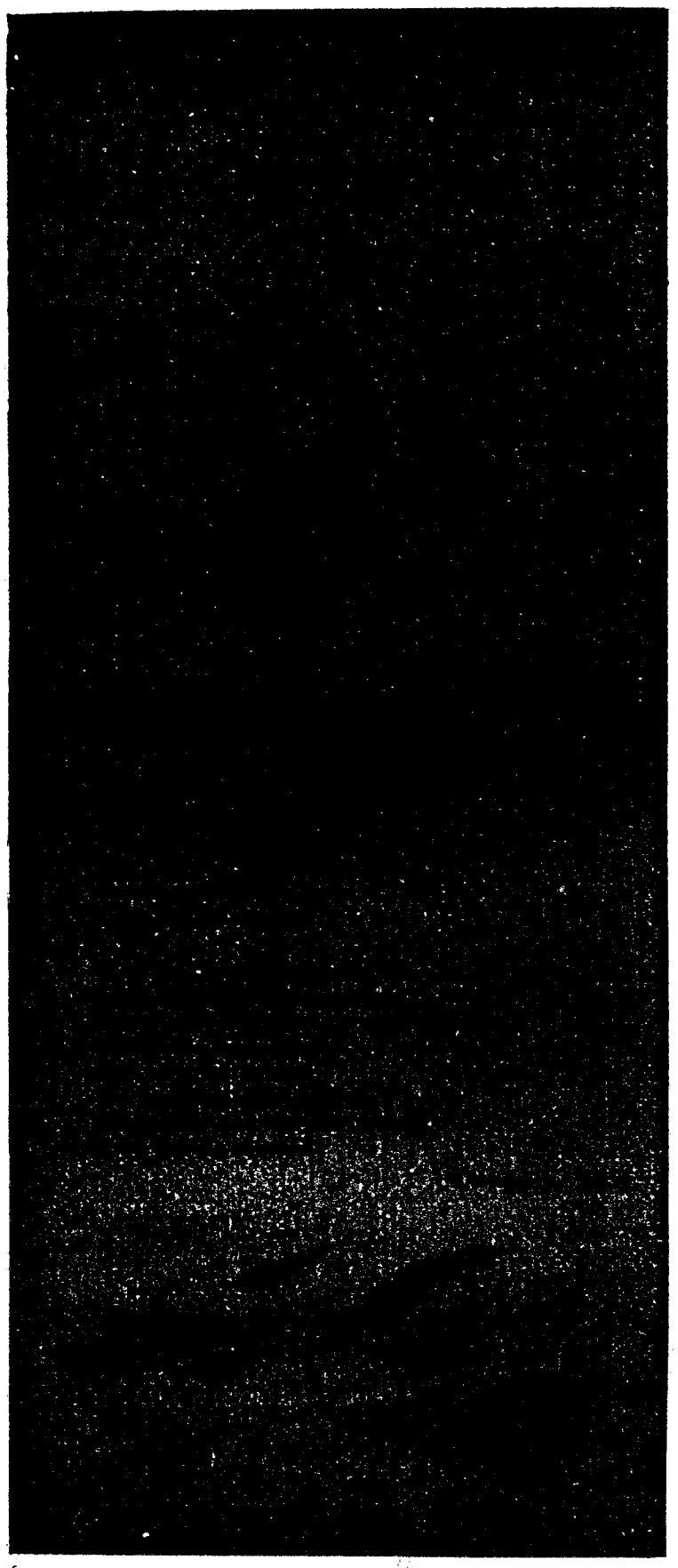
6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa). Gostariamos que aparecesses, mas na verdade, estamos fechados aos sábados de tarde e Domingos. Mas nos outros dias estamos presentes até ás 20 horas. Não servem estas horas?

1494 — António Degois Pereira (Lisboa). Os livros que recebeste são ambos teus. Se procurares bem, encontrarás os concursos em que foste premiado. Nós, de cor, é que tos não podemos dizer.

Atenção! Pedimos ao autor da Poesia que começa assim: O grande mar revoltado, onde os fenícios navegaram... *que se identifique.*

Amigos novos entrados esta semana:

1607 — Hugo Santos; 1608 — José Eduardo Mimoso Serra (Cascais); 1609 — João Francisco Cesário Pinheiro (Lisboa); 1610 — Maria Lucília Fonseca de Sousa: 1611 — José Augusto Pombinho (Evora).



QUEIMA DAS FITAS

(Continuação da 1.ª página)

to hão-de trazer na pasta. E os «caloiros», recebem nesse dia a «carta de alforria», que os livra do «corte do cabelo» e das «mobilizações».

Estes são, principalmente aqueles, para quem a «Queima» se realiza. No entanto, todos os outros estudantes a ela estão ligados. Senão, vejamos:

Os alunos do 3.º ano, no dia do cortejo, recebem, também das mãos de suas madrinhas, o «grelo» que no próximo ano passarão a usar; e os alunos do 2.º ano passam a ter a regalia de poderem dobrar a pasta universitária e de nela gravarem o nome e colocarem o emblema da sua Faculdade.

Estando assim resumido o significado das festas da Queima das Fitas, vejamos agora qual a sua origem. Para isso voltemo-nos para o período que vai de 1880 a 1899.

Durante estes 19 anos, variadíssimos centenários se celebraram em Portugal, com caracter festivo: cortejos alegóricos, fogos de artifício, iluminações, touradas, saraus, etc.

Recordemos alguns centenários comemorados nessa altura: em 1880, o centenário de Camões; em 1882, o centenário de Pombal; em 1894, o centenário do Infante D. Henrique; em 1895, o centenário de Santo António; em 1898, o centenário da India, e em 1899, o centenário de Garrett.

Tantos centenários festivos não podiam passar despercebidos á irreverente Academia Coimbrã de 1899. E eis que surge a luminosa ideia de em Coimbra se celebrar também um centenário, imitando ridiculamente, todos os efectuados até então; pois que a seu ver, estavam estes centenários, desviando-se do seu verdadeiro significado, desprestigiando-se as próprias figuras que se pretendiam evocar.

E foi a partir desta ideia que em Coimbra se realizou de 28 a 30 de Abril desse ano de 1899 o Centenário da Sebenta, do qual fizeram parte um sarau, inauguração de um monumento á Sebenta, danças populares, ceias e um cortejo alegórico, composto por 20 carros, que se realizou no ultimo dia dos festejos.

Foi, pois, o centenário humorístico e ridículo ao que se estava então passando no País.

Passados seis anos, ou seja em 1905, voltou-se a realizar em Coimbra, outros grandes festejos — o Enterro do Grau.

Mas, é sómente em 1920, que por iniciativa dos «quartanistas» de Direito, aos quais se seguiram os de Medicina, se realizou um cortejo alegórico, que em 1933, se havia de continuar, mas no qual participaram os «quartanistas» de todas as Faculdades. Tiveram neste ano a duração de 3 dias.

Depois, foram-se introduzindo numeros novos no prográma, e a «Queima» passou a tomar maior vulto, e é hoje uma das principais festas da cidade, sendo indispensável a sua realização.

Presentemente têm a duração de 6 dias, não variando muito, de ano para ano, os numeros do programa, o que não afecta absolutamente nada o seu brilhantismo e a sua projecção internacional.

(Amigo n.º 1547)

O HOMEM ISOLADO

(Continuação da 1.ª página)

tende-se que seja o homem isolado o mais forte; na outra, diz-se, pelo contrário, que foi a sociedade que deu força ao homem. Qual das duas tem razão? A resposta não será dificil, parece-nos. Se da sociabilidade resulta o progresso, e a consequência do isolamento é a estagnação; e se o homem isolado pode apenas contar com as suas próprias forças, enquanto o homem integrado na sociedade tem á sua disposição as possibilidades de todos os indivíduos que a compõem, conclui-se daqui que o homem social desfruta de um poder imensamente superior. Ibsen foi portanto infeliz ao proferir tal ideia. A força das massas, do conjunto dos indivíduos é enorme, e houve alturas na História em que rebentaram campanhas violentas tendentes a «libertar» o indivíduo. Temos um testemunho eloquente desta afirmação na renomeada obra de Spencer, «O Indivíduo contra o Estado». Afirma-se aí que o estado procura asfixiar o indivíduo, subtraí-lo, reduzi-lo, cerceando-lhe as iniciativas. Mas o problema está posto noutros termos e não nos interessa por ora. Fala-se do indivíduo perante o Estado, e nós falamos do indivíduo perante a sociedade, ou melhor, dentro da sociedade. Ora o Estado é apenas a fórmula política do grupo e a sua absorção estende-se tanto ao indivíduo como á própria sociedade.

O problema que nos toca de perto refere-se á maior ou menor liberdade de que desfrutam o homem isolado e o homem social. Aquele tem como limites de acção a sua própria força, quer isto dizer que as suas possibilidades se vêem imediatamente reduzidas. A acção comum está substituindo a pouco e pouco a acção pessoal. Isto porque ela é mais profícua, com mais possibilidades, e, portanto, com limites mais afastados. O homem é um esplêndido auxiliar do homem, necessário mesmo. Para se tornarem assim cada vez mais fortes, os homens solidarizaram-se no trabalho e na acção. O direito a trabalhar isoladamente se não fosse impossível por questões de ordem económica seria um retrocesso e portanto uma diminuição de força.

Já devemos ter compreendido como a força quase se identifica com a liberdade. Apresentamos um exemplo esclarecedor: suponhamos um paralítico; esse indivíduo não tem forças e nem pode dar um passo; se lhe dermos licença para andar ele ficará no mesmo sítio. A liberdade está assim em íntima relação com a força, que a determina. Com o homem isolado e com o homem social sucede o mesmo. Como já vimos, o indivíduo que vive integrado num conjunto de seres semelhantes dispõe de mais força, e por conseguinte de mais liberdade.

Em conclusão: o homem isolado é impossível nos tempos actuais, e a dar-se seria fraco e viveria fechado como numa cela. O homem social é a realidade indubitável e necessária, é forte e livre.

(AMIGO N.º 338)

NEBELINA

por VICTOR RODRIGUES

Tinha uma flor murcha entre os lábios. Deambulava, prisioneiro na neblina que penetrava pelas paredes estagnadas da cidade, por ele. Em cada muro uma acusação muda, constante.

Era novo, os cabelos cinzentos caiam-lhe para a cara e os ombros dobravam-se num desejo incompleto de fuga ou de se esconder. Procurava evadir uma acusação muda, que se repercutia de aresta em aresta, uniformemente fora-dentro de si.

Ama as flores, as árvores e a própria esperança. Tem uma flor murcha entre os lábios. O amor não pode sair dele próprio: cada amor constrói os seus alicerces noutro, como uma cidade subterranea se acumula dentro de si. Há um amálgama turbilhonante, uma mistura de vida que nasce com vida que morre.

Desejava dar todo o amor, mas este quebra-se sempre diante de um impossível, exterior. Fica incompleto, desfeito. E uma máquina humana a construir, a construir sempre, é menos que um corpo sozinho a boiar num vácuo hostil, numa espécie de vazio elástico que repele tudo como uma membrana.

Foge, pretende distanciar-se de uma outra parte que também é sua e o acusa, que também o agrilhoa na mesma impossibilidade.

Colaboração dos leitores

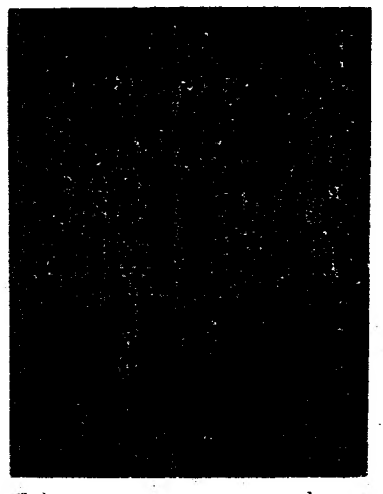
O Suplemento Juvenil, do Diário de Lisboa, publica-se para todos os jovens portugueses

Não apenas para ser lido por eles, mas também para ser colaborado por eles. Como podem ver neste numero, apresentamos sempre trabalhos dos nossos jovens amigos.

Fazemo-lo com satisfação e — porque não dizê-lo? — com orgulho... Eles provam que a mocidade continua amando a poesia, a cultura, a arte.

Ficamos, pois aguardando a colaboração dos nossos leitores — poesias, contos, reportagens, entrevistas, curiosidades e passatempos para **Dois Minutos de Intervalo,** etc., etc.

Pedimos, no entanto, que a colaboração não ultrapasse as 700 palavras.



A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

Tal como as pessoas, as palavras nascem, vivem e morrem.

E também como as pessoas, as palavras viajam, percorrem o Mundo. Foi isto que vimos já com muitas palavras, entre as quais as da nossa penultima lição, quando tratámos de *bombordo* e *estibordo*, que andaram algumas centenas de léguas antes de entrarem na nossa língua.

Com elas também sucede como ás pessoas quando imigram. Orientam a sua vida por outras terras, vão criando outros hábitos, outras relações. A pouco e pouco, quase sem darem por isso, desnacionalizam-se, perdem os costumes, a linguagem das terras onde nasceram. Até mudam de maneiras de vestir. Aparecem na aldeia de casaco branco e chapeu de palha e o povo, então, já não diz: «Aquele é dos nossos!». Diz antes: «Aquele é o Brasileiro!».

Mas acontece isso com as palavras?

Acontece, sim senhor. E não sómente em português, mas também noutras línguas. As palavras saem de uma maneira, regressam de outra muito diferente e por vezes é esta a forma que prevalece, mesmo nos países onde elas nasceram.

Vejamos um exemplo.

Os Ingleses foram á língua francesa e tiraram para a sua culinária a palavra *boeuf*. Andaram com ela em bolandas, de trás para diante e de tanta mastigação nasceu *beef* que deu *beefteck*. E tanto os Franceses apreciaram o pitéu que entre eles ninguém diz *boeuf* mas sim *bifteck*...

No língua portuguesa há muitos exemplos destas *palavras brasileiras*. Uma já nós vimos, se não estou em erro — a palavra *feitiço* que deu em francês *fétiche*. Sucede que empregamos agora *fétiche* esquecidos da nossa palavra que lhe deu origem...

Vamos ver mais algumas.

Os Ingleses, não contentes com o vinho do Porto, as frutas e a cortiça ainda nos levam também certas palavras.

Tanque é uma delas.

Levaram-na e adaptaram-na em *tank*. E agora com muita frequência aparecemos nós a escrever *tank* com á maior das sem-cerimónias...

O prof. Vasco Botelho do Amaral acrescenta á lista mais um exemplo: o da palavra *atol*. Como todos sabem, uma das maiores explosões da famigerada bomba atómica realizou-se no *atol* de Bikini. Não vem agora a propósito referir o que essa explosão representa para a Humanidade, mas sim dizer que o inglês *atoll* deriva do nosso *atolo* que aliás, muitos dicionários portugueses não registam.

Agora já não dizemos *atolo*, mas sim a forma derivada do inglês *atol*...

É assim a vida aventurosa das palavras...

por • NATÁLIA • DA • FONSECA